

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**

**MATHEUS VIEIRA BARBOSA**

**PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA: TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ NA RUA DA  
LAMA EM VITÓRIA (ES)**

**VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2023**

**MATHEUS VIEIRA BARBOSA**

**PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA: TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ NA RUA DA  
LAMA EM VITÓRIA (ES)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Leonardo Civalle

**VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

B238p  
2023  
Barbosa, Matheus Vieira, 1997-  
Proteção e resistência: territorialidades LGBTQ+ na rua da  
Lama em Vitória (ES) / Matheus Vieira Barbosa. – Viçosa, MG,  
2023.

1 dissertação eletrônica (102 f.)

Inclui anexos.

Orientador: Leonardo Civale.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,  
Departamento de Geografia, 2023.

Referências bibliográficas: f. 91-95.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.331>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Territorialidade humana - Vitória (ES). 2. LGBTQIA+.  
3. Rua Anísio Fernandes Coelho (Vitória, ES). 4. Identidade de  
gênero. I. Civale, Leonardo, 1962-. II. Universidade Federal de  
Viçosa. Departamento de Geografia. Programa de  
Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDD 22. ed. 307.76098152

**MATHEUS VIEIRA BARBOSA**

**PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA: TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ NA RUA DA  
LAMA EM VITÓRIA (ES)**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 31 de março de 2023.

Assentimento:



Documento assinado digitalmente

MATHEUS VIEIRA BARBOSA

Data: 09/06/2023 13:30:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Matheus Vieira Barbosa  
Autor



Documento assinado digitalmente

LEONARDO CIVALE

Data: 09/06/2023 13:18:29-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Leonardo Civalo  
Orientador

Aos membros da comunidade LGBTQIA+, em sua multiplicidade, que por meio de suas constantes lutas, subverteram e subvertem inúmeros paradigmas de opressão, o que possibilitam e incentivam o encorajamento de ser quem somos, em um mundo que tenta nos fazer desistir todos os dias.

## AGRADECIMENTOS

A última vez estive sob um processo de qualificação acadêmica, enfrentei inúmeros devaneios pessoais que, de alguma forma, me faziam ter certeza que aquela etapa na qual me qualificava, seria a última. O fato é que, na essência do ser humano, estamos constantemente resignificando nossas vontades, anseios e propósitos de vida. E cá estou, escrevendo os agradecimentos da minha dissertação. Este processo sim, foi muito mais confortável. Sem sombra de dúvidas, este processo de escrita não foi feito isoladamente. Foi fruto de um árduo processo, entendido como uma colcha de retalhos tecida por mim juntamente com aqueles que me amam, que acreditam em meu futuro e daqueles que me mostraram empatia e bondade ou me disseram a verdade, mesmo quando não era fácil de ouvi-la.

Ao meu pai (Vanderlei S. Barbosa) e a minha mãe (Genilma V.S. Barbosa) registro meu infinito apressado e gratidão por todo apoio, amparo, acolhida e amor, manifestados sob condições inimagináveis e que fizeram deste processo, uma trajetória possível. Ao longo desse caminho, me deparei com outras pessoas que se puseram como pilares neste processo, por meio do encorajamento e apoio nos momentos de turbulência. Agradeço ao Wellington Muniz, pela partilha de momentos incríveis e pelo constante encorajamento que transformaram o processo de escrita desta dissertação em um projeto que visionou o aprimoramento de nossos objetivos de vida. Ademais, sou grato por ter ao meu redor, uma base familiar que sempre acreditou e me forneceu subsídios emocionais que me colocaram na posição de finalizar esta pesquisa. Ao primeiro dos Leonardos, neste caso, meu irmão, registro meu carinho pelas trocas e por tanto aprendizado que me serviram de bagagem para a construção de minha essência.

Agradeço carinhosamente ao meu amigo, Leonardo Gomes, por acreditar sempre em mim, e por ter sido parte importantíssima do meu processo de qualificação profissional, seja nas constantes e paulatinas conversas que estruturaram tantos saberes e ideias desta pesquisa, como na modelação de minha identidade, fruto de nossas incríveis trocas desde os tempos de graduação... Veja só onde viemos parar, meu amigo!!

Agradeço aos meus amigos, aqueles que se fizeram presentes nesse processo, por meio das constantes trocas, do amparo, das ideias que surgiam dos constantes diálogos que atravessam a temática deste trabalho e, por fim, da empatia percebida em meio a um processo que em muitos momentos, exigiu de mim, alguns sacrifícios. Agraço especialmente a Camila Grasse e Geisy Destefani, que permaneceram ao meu lado e possibilitaram que este processo

se fizesse menos solitário. Vocês são minha segunda família, e fazem da minha rotina, uma experiência incrível.

É preciso agradecer a Universidade Federal de Viçosa e aos professores do programa de pós graduação em Geografia, por intermediarem conhecimentos que alcançaram esferas para além do saber geográfico. Vocês me auxiliaram em processos de sistematizações que me transformaram intelectualmente e nas esferas mais intimas do dia-a-dia. Deixo registrado em especial, minha gratidão ao meu orientador, Leonardo Civale, por manifestar tamanha acolhida e amparo, em um processo que na maioria das ocasiões, se faz tão isolado. Você foi um agente importantíssimo dessa incrível jornada acadêmica.

Minha gratidão aos professores Dr. Caio A.A. Maciel e a Dr<sup>a</sup> Caroline Delpupo Souza, membros da banca de defesa dessa dissertação. Obrigado por acolherem o convite e contribuírem com o processo de sistematização das ideias propostas neste trabalho.

Por fim, expresso minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) que financiou o desenvolvimento dessa pesquisa.

A todas as pessoas que participaram direta e indiretamente da construção desta dissertação, espero que vocês saibam como estou orgulhoso de compartilhar este momento com vocês. Estamos fazendo isso juntos!

*“Without your past,  
you could never have harrived –  
so wondrously and brutally,  
By design or some violent, exquisite happenstance  
... here”*

*And, in the death of her reputation,  
She felt truly alive.*

*Why She Disappeared - Taylor Swift (2018)*

## RESUMO

BARBOSA, Matheus Vieira, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, março de 2023. **Proteção e resistência: territorialidades LGBTQIA+ na Rua da Lama em Vitória (ES)**. Orientador: Leonardo Civale.

Muito se percebe a ausência de debates acerca de gênero e sexualidade no âmbito social e acadêmico, movimento este, que infere e naturaliza estereótipos e paradigmas equivocados que colocam em risco, entre outras questões, o direito de existência da comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais/travestis, *Queer*, Intersexuais e Assexuais (LGBTQIA+). Neste sentido, esta dissertação pretende apresentar uma discussão acerca das territorialidades produzidas pela comunidade (LGBTQIA+) na *Rua da Lama*, em Vitória (ES) e a formação de espaços/territórios sob uma perspectiva decolonial a partir da virada espacial na década de 1970. Respalda esta proposta, o afã pela afirmação identitária e a busca pela proteção se tornam centralidades analíticas que justificam a formação de territorialidades coetâneas na *Rua da Lama* em Vitória (ES). O trabalho parte do método fenomenológico aplicado a Geografia, onde a experiência do pesquisador com o recorte espacial proposto, juntamente com a análise das narrativas dos múltiplos indivíduos entrevistados, constrói um caminho possível para que se perceba como as territorialidades LGBTQIA+ são fundadas, imbricadas e percebidas como trunfo para a manifestação identitária, a luta contra a homotransfobia e a subversão aos processos que reiteram o silenciamento de suas performatividades.

**Palavras-Chave:** Territorialidade. LGBTQIA+. Rua da Lama. Colonialidade. Identidade.

## ABSTRACT

BARBOSA, Matheus Vieira, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, March 2023. **Protection and resistance: LGBTQIA+ territorialities in *Rua da Lama* in Vitória (ES).** Advisor: Leonardo Civale.

The absence of debates about gender and sexuality in the social and academic spheres is widely noticed. This movement infers and naturalizes stereotypes and mistaken paradigms that put at risk, among other issues, the right to exist of the lesbian, gay, bisexual, transsexual/transvestite, queer, intersex and asexual (LGBTQIA+) community. In this sense, this dissertation intends to present a discussion about the territorialities produced by the community (LGBTQIA+) in *Rua da Lama*, in Vitória (ES) and the formation of spaces/territories from a decolonial perspective from the spatial turn in the 1970s. Supported by this proposal, the desire for identity affirmation and the search for protection become analytical centralities that justify the formation of coetaneous territorialities in *Rua da Lama* in Vitória (ES). The work departs from the phenomenological method applied to Geography, where the researcher's experience with the proposed spatial clipping, together with the analysis of the narratives of the multiple individuals interviewed, builds a possible path to perceive how LGBTQIA+ territorialities are founded, imbricated and perceived as an asset for the manifestation of identity, the fight against homotransphobia and the subversion of the processes that reiterate the silencing of their performativities.

**Keywords:** Territoriality. LGBTQIA+. Rua da Lama. Coloniality. Identity.

## SUMÁRIO

Introdução .....	10
Capítulo 01: trajetórias LGBTQIA+ e a constituição da <i>Rua da Lama</i> .....	18
1.1 Trajetórias: uma teoria sobre a construção do espaço .....	18
1.2 <i>Rua da Lama</i> : uma perspectiva espacial.....	25
1.3 LGBTQIA+: trajetórias, cultura e resgate de opressão .....	33
Capítulo 02 – territórios, conflitos e subjetividades .....	41
2.1 – LGBTQIA+: múltiplos, diversos e territoriais .....	41
2.2 – Comunidade LGBTQIA+: alteridade e busca por proteção .....	48
2.3 – <i>Rua da Lama</i> : território LGBTQIA+ .....	55
Capítulo 03 – Apropriações da <i>Rua da Lama</i> .....	60
3.1 – Processos de territorialização: vivências LGBTQIA+ na <i>Rua da Lama</i> .....	60
3.2 – Mútua proteção: violência e estigma na <i>Rua da Lama</i> .....	69
3.3 – Devir e incertezas: gentrificação na <i>Rua da Lama</i> .....	78
Considerações Finais .....	87
Referências .....	91
ANEXOS .....	96

## Introdução

A presente pesquisa<sup>1</sup> analisa a experiência espaço-territorial da comunidade LGBTQIA+<sup>2</sup> na *Rua da Lama*, situada em Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Essa comunidade é composta por grupos sociais marginalizados no conjunto de relações que constitui a sociedade brasileira. Essas relações são estabelecidas a partir de distintas vivências que, percebidas a partir do lócus social do observador na estrutura de poder, se manifestam como privilegiadas e/ou<sup>3</sup> marginalizadas. Nesta perspectiva, este trabalho entende espaço como elemento que surge a partir da relação das múltiplas vivências que estruturam a sociedade. Em outras palavras, busca-se interpretar como a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transsexuais, *Queer*, Intersexuais e Assexuais (LGBTQIA+) narram suas experiências e constroem suas territorialidades na *Rua da Lama* em Vitória (ES). Neste intuito, essa pesquisa investiga os processos de territorialização da população LGBTQIA+ na *Rua da Lama*, a fim de identificar os mecanismos que embasam o emergir de territorialidades plurais fundamentadas em redes de mútua proteção e afirmação identitária. A ideia da pesquisa partiu da percepção do pesquisador aqui posto, que, ao experienciar frequentemente este espaço, percebe a existência da multiplicidade de grupos sociais e, dentre estes, grupos homotransafetivos que estabelecem afeição e manifesta suas identidades na *Rua da Lama*.

Situada no Bairro de Jardim da Penha, a *Rua da Lama* carrega características de um espaço jovem universitário, rodeada por bares e pontos de encontro de diferentes grupos sociais que vivenciam distintas trajetórias. Nessa ocupação, é possível perceber a predominância de grupos LGBTQIA+. Em uma perspectiva territorial, a rua aqui analisada pode carregar características simbólicas e culturais, condicionando a formação de traços que moldam o caráter bem como o processo de constituição identitária de uma coletividade LGBTQIA+, a partir de suas dinâmicas de territorialização. É nessa perspectiva que se questiona sobre a possibilidade de se identificar, nos processos de territorialização da *Rua da Lama* em Vitória, a constituição

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada a partir de observações autorais, entrevistas, a partir de fevereiro de 2019 a janeiro de 2023.

<sup>2</sup> Variação da sigla LGBT, constituída na I conferência Nacional LGBT em 2008 para dizer das pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais. A nova versão da sigla incorpora as letras QIA referentes as pessoas *Queer*, assexuais e intersexuais. Além disso, o + é um acréscimo recente, e tem como objetivo incluir o maior número possível de vivências de gênero e sexualidades dissidentes como forma de representar grupos sociais marcados pela não conformação aos padrões de vivências da sexualidade.

<sup>3</sup> As posições de centralidade e marginalidade não são estanques, elas se alteram na estrutura da sociedade a partir do lócus de enunciação (BOURDIEU, 2002); ou lugar de fala (RIBEIRO, 2017) a partir da perspectiva daquela pessoa/grupo que assume a posição de referência.

de territorialidades LGBTQIA+ calcadas em redes de mútua proteção contra violências, assim como, na busca por afirmação identitária.

Essa análise se faz possível em decorrência da virada espacial<sup>4</sup> ocorrida no âmbito das ciências humanas no decênio de 70, quando, no seio da Geografia, o positivismo perde espaço para a emergência de uma ciência muito mais preocupada em compreender as vivências socioespaciais a partir de uma base teórica renovada. A ocorrência deste fenômeno possibilitou que a Ciência Geográfica se modernizasse, trazendo para o campo de discussões, novas interpretações de suas categorias de análise. Neste processo, fortaleceu-se o interesse de geógrafos em pesquisar sobre a constituição das identidades vinculadas a grupos sociais minoritários. Partindo desse pressuposto, a modernidade permite, vista por uma lente geográfica, um novo olhar sobre as interações espaciais a partir de uma ótica multiescalar dando, nesse processo, relevo as identidades socioterritoriais vinculadas, entre outros grupos, à comunidade LGBTQIA+. O propósito aqui é identificar na incidência dessas territorializações na *Rua da Lama*, possíveis territorialidades LGBTQIA+ fundadas em redes de mútua proteção contra violências, assim como, na busca pela afirmação identitária desses sujeitos.

Realizar interpretações espaciais de forma a incorporar nestas, os grupos LGBTQIA+ é fortalecer e possibilitar a “r-existência<sup>5</sup>” (HAESBAERT, 2020) de suas trajetórias à medida que estes grupos assumem o protagonismo no ato de narrar suas vivências. A presente pesquisa se justifica, nesse contexto, em termos acadêmicos, como já mencionado, em trazer para a discussão do saber geográfico as vivências de grupos que, historicamente, foram excluídos e marginalizados das narrativas do saber científico. Em se tratando da Geografia, ciência que não fragmenta as relações entre homem e espaço, tais renovações científicas implica, diante dessa não fragmentação, numa maior urgência nessa renovação das bases teórico-conceituais para se analisar as emergências das múltiplas identidades LGBTQIA+. Não obstante, se justifica também, em critérios pessoais, por um desejo do pesquisador, em expandir o que já vinha sendo discutido no Núcleo de Estudos sobre Diversidades Socioculturais e Produção do Espaço<sup>6</sup>, o que possibilita, para além do refinamento teórico, uma autorreflexão a partir das dinâmicas

---

<sup>4</sup> Conceito discutido por Harvey (2002) e posteriormente por Massey (2008), que entende o giro espacial como um momento do período Pós-fordista definido como modernidade. Nessa virada, o sistema neoliberal incitou que as dinâmicas econômicas se tornassem muito mais globais, e como consequência desse movimento, a história narrada intensifica-se pelo viés heterocisnormativo ocidental. Essas narrativas fortaleceram a colonialidade, e como tentativa de ressignificação desse paradigma, o caráter identitário de grupos historicamente marginalizados ganha maior notoriedade de investigação no âmbito do saber geográfico.

<sup>5</sup> Termo utilizado no sentido de “resistir para defender a própria existência a todo tipo de dominação, expropriação e/ou opressão” (HAESBAERT, 2020, p. 10).

<sup>6</sup> Núcleo de Pesquisa desenvolvido na Universidade do Estado de Minas Gerais / Unidade Carangola entre os anos de 2017 e 2018 sob a coordenação da Prof. Dra. Ana Paula de Moura Varanda.

socioespaciais as quais o pesquisador também se insere cotidianamente. Por fim, sob um parâmetro social, estudar os processos de territorialização LGBTQIA+ na *Rua da Lama*, é contribuir para a desconstrução de imaginários pré-concebidos culturalmente pelo processo de colonialidade, condicionando uma experiência mais relacional nas dinâmicas vivenciadas pela sociedade, e, buscando contribuir também, com a redução das taxas de homofobia e violência, que afetam os corpos e a moral dos grupos LGBTQIA+ na *Rua da Lama* e em outros espaços de reconhecimento identitário.

Nessa perspectiva de trabalho, este projeto se justifica, em termos acadêmicos, por buscar investigar uma questão que vem ganhando cada vez mais relevância<sup>7</sup> para a Ciência Geográfica. Nesses termos, mais do que um tema que está ocupando o centro do debate atual na área da Geografia, é uma temática que se relaciona com as questões que fundamentam a existência da própria Geografia uma vez que “enquanto geógrafos, estamos preocupados em elucidar as questões atinentes à dimensão espacial e à territorialidade enquanto componentes indissociáveis da condição humana” (HAESBAERT, 2011, p. 20). Assim, essa pesquisa trata de analisar os processos de territorialização e a constituição de territorialidades pelos mais diversos enfoques.

Nesses termos, nas últimas décadas, “os geógrafos têm se dedicado a investigar a constituição de territorialidades distintas, como uma forma de adensar a compreensão da dinâmica transescalar e multidimensional do mundo contemporâneo” (PAULA, 2011, p. 106). No que toca a essa dissertação, como salientado, territorialização/territorialidades são processos que permitem entender as mais diversas configurações da comunidade LGBTQIA+ num recorte espacial ainda pouco explorado, isto é, a *Rua da Lama* na cidade de Vitória (ES). Em suma, nessa lógica, esse trabalho permite lançar olhares geográficos para um evento ainda pouco explorado pela academia: o processo de territorialização da comunidade LGBTQIA+ no recorte espacial já mencionado. Urge, portanto, dedicar a devida atenção as formas como a população LGBTQIA+ se estrutura, de maneira a proteger-se contra a violência por meio da criação de territórios onde ela se sinta segura para expressar sua alteridade por meio da afirmação identitária. Essa busca por proteção possui, é preciso que se diga, implicações socioculturais, econômico-financeiras, além de político-ideológicas.

---

<sup>7</sup> No âmbito dos debates sobre gênero e sexualidades dissidentes, muito contribuiu para o fortalecimento desse campo de pesquisa na esfera da Geografia o GETE - Grupo de Estudos Territoriais - da Universidade Estadual de Ponta Grossa sob a coordenação da Prof. Dra. Joseli Maria Silva. Entre as ações do grupo está a edição da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Ressalta-se que esse periódico é um dos únicos, dentro do que se pode averiguar, a voltar-se exclusivamente para temáticas envolvendo gênero e sexualidades na perspectiva geográfica.

Em termos sociais, vale destacar que todo esse processo produz saberes que permitem novos olhares sobre as dinâmicas de sexualidade, que desconstruam imaginários pré-concebidos e forneçam elementos que viabilizem um conhecimento mais relacional das estruturas e dinâmicas vivenciadas pela sociedade. Isso é ainda mais vital ao se pensar que o Brasil é um país extremamente violento com as dissidências de gênero e sexualidade como indica o relatório de 2019 do Grupo Gay da Bahia<sup>8</sup>. Em seus termos, “A cada 26 horas um LGBT+ brasileiro morre de forma violenta vítima de homicídio ou suicídio, **o que faz do nosso país o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais**” (OLIVEIRA, 2019, p. 14). Essa pesquisa contribui, portanto, mesmo que singelamente, para a compreensão de violências historicamente constituídas e culturalmente fundamentadas sob a comunidade LGBTQIA+ na *Rua da Lama* em Vitória (ES). Pesquisar é, nesse sentido, portar-se com olhares analíticos que, de alguma maneira, descontruam, no que toca as minorias sexuais, a homotransfobia.

Nesses termos, superando uma visão cartesiana do que se identifica como pesquisa, esse trabalho também possui pressupostos pessoais. Nessa lógica, entende-se que “o *fazer geográfico*, enquanto experiência do pesquisador no mundo, reveladora dos profundos sentidos da interpretação dos fenômenos socioespaciais” (ITABORAHY, 2010, p. 1). Nesses termos, o fenômeno socio-territorial a que essa pesquisa se dedica, não é um elemento externo ao proponente deste trabalho. Muito pelo contrário, é por se entender sujeito nesse processo de territorialização e, geograficamente, pensar sobre isso é que surgem as primeiras ideias que acarretam na construção deste texto. Expandindo o campo de visão, é preciso que se diga que as dinâmicas sociais que constroem a homotransfobia afeta, em algum nível e de formas diversas, a todos os sujeitos que se identificam como participantes da população LGBTQIA+.

Pesquisar, nesse sentido, realidades que são epidérmicas, isto é, fazem parte da constituição de seu próprio ser, possibilita a ampliação dos horizontes, permite um olhar especial sobre o objeto em análise. A proximidade com o objeto, nesse sentido, mais do que impor uma trave aos olhos de quem pesquisa, permite, uma nova maneira de lidar com o objeto em tela. Logo, é preciso entender também que o pesquisador não é elemento neutro no desenvolvimento de seu trabalho, em outros termos, todo saber “humano (mesmo o que se

---

<sup>8</sup> Organização não-governamental que anualmente divulga o dossiê: *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil*. Segundo reportagem divulgada pelo jornal Estado de Minas: “O Grupo Gay da Bahia divulgou relatório de mortes violentas no Brasil em 2022. De acordo com o levantamento, 256 LGBTQIA+ foram vítimas de morte violenta: 242 homicídios (94,5%) e 14 suicídios (5,4%). O Brasil continua sendo o país onde mais LGBTQIA+ são assassinados no mundo: uma morte a cada 34 horas” (CRUZ, Marcia Maria. Um LGBTQIA+ é morto a cada 34 horas, diz relatório de Grupo Gay da Bahia. **Estado de Minas**, 2023. Disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/01/19/noticia-diversidade,1446713/um-lgbtqia-e-morto-a-cada-34-horas-diz-relatorio-de-grupo-gay-da-bahia.shtml>> Acesso em 25 jan. 2023.

propõe objetivo e/ou neutro) é esteado no modo como somos/estamos/vivemos o mundo: este é um conhecimento experiencial, intuitivo, originado da vivência” (PAULA, 2011, p. 115).

Em suma, a análise territorial, em microescala, do recorte espacial dessa pesquisa, reflete no entendimento da dinâmica de lutas identitárias em tantos outros âmbitos e escalas geográficas. Isto porque independente das múltiplas dinâmicas as quais cada espaço possui, existe um fator em comum desses movimentos que geram territorialidades interrelacionadas: o desejo de ser/existir na sociedade.

Em termos metodológicos, para atender as exigências da pesquisa proposta, encaminha-se este trabalho a partir do método fenomenológico hermenêutico aplicado a Geografia uma vez que esse encaminhamento dialoga fortemente com a percepção relacional de território aqui adotada. Ao se definir tal proposta metodológica, busca-se uma percepção dos sujeitos por meio de suas vivências, “como agentes de transformação do espaço” (MOREIRA NETO, 2016, p.312). Nesses termos, deseja-se pensar a relação sujeito-espaço como constituída “a partir e sobre a experiência humana” (PAULA, 2011, p. 115). Nessa perspectiva, o conhecimento surge mesmo dessa relação que, como já indicado, coloca inclusive o pesquisador no processo de estar “em relação”, portanto, numa condição de observador participante, sendo assim, um sujeito na condição de “protagonista e transformador do espaço que vivencia” (MOREIRA NETO, 2016, p. 312). Portanto, a hermenêutica se manifesta nesta pesquisa, uma vez que o pesquisador “habita na proximidade do ser [pesquisado] e tende a encobrir essa relação na vida normal do dia a dia, ou seja, na sua ocupação absorvida com os entes, as coisas com que lida” (SEIBT, 2018, p. 128). Aliás, condição partilhada com os sujeitos que periodicamente se territorializam na *Rua da Lama*, para falar nos termos específicos deste projeto.

Nesse sentido, a fenomenologia hermenêutica que orienta essa pesquisa estabelece caminhos que permitem compreender o “ser-aí” (SEIBT, 2018) do pesquisador com o objeto, bem como os sujeitos em relação aos seus territórios vividos. Em linhas gerais, adotamos a fenomenologia hermenêutica:

Quando justificamos nossas relações, criamos explicações e determinamos aquilo com que já sempre lidamos e vivemos, criamos um horizonte teórico que, aos poucos, cria autonomia em relação ao seu nascimento, à sua origem e se torna o modo cotidiano e automático com que encontramos as coisas e a nós mesmos. (*idem*, p. 135)

Em suma, a fenomenologia permite perceber, a partir dos sentidos que emanam da já mencionada relação, os “modus geográficos de existência” (MARANDOLA JUNIOR, 2012). Este conceito está ligado a como os sujeitos produzem sua vida cotidiana de forma a não a dissociar de sua própria experiência espacial. Há, portanto, a constituição de um modo de ser-no-mundo que constitui “laços geográficos mais perenes e profundos ou mais efêmeros e

superficiais” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p. 90). Na esteira desse raciocínio, busca-se analisar a temática em tela nesse trabalho de forma a integrar “experiência geográfica, existência e o pensar geográfico da Geografia científica” (MARANDOLA JUNIOR, 2012, p.91). Nesses termos, a missão de um trabalho de base fenomenológica, portanto, é a descrição do conhecimento que ocorre no processo de interrelação entre o sujeito e seu espaço vivido. Portanto, o método fenomenológico “permite investigar tanto as experiências vivenciais quanto as cosmovisões estabelecidas na intersubjetividade” (MARANDOLA JÚNIOR, 2005, p. 73).

Neste contexto, entender o pesquisador enquanto partícipe do processo de ocupação da *Rua da Lama* é fundamental, uma vez que “trata-se um sujeito posto diante do objeto [...] [que produz] sobre ele conhecimentos (SEIBT, 2018, p. 135). Portanto, o Matheus na pesquisa não deve ser entendido como agente externo do processo de ocupação, uma vez que ocupa, vivencia e se contamina com tais processos de identificação. Ao mesmo tempo, por estar imerso nas dinâmicas que ocorrem na *Lama*, e possuir a experiência científica/geográfica do espaço estudado, os desafios do pesquisador se tornam ainda mais complexos.

Para trazer a *lume* essas formas de relacionamento sujeito-espaço, se propõe, como instrumentalização da pesquisa, técnicas como grupos focais, observação participante e entrevistas semiestruturadas, direcionadas à frequentadores da *Rua da Lama*. Estas entrevistas foram coletadas em um primeiro momento, por meio de questionários online, a fim de identificar questões mais gerais a respeito das vivências e constituições territoriais construídas na *Rua da Lama*. Em um segundo momento, o objetivo é selecionar, dos questionários aplicados, pessoas que experienciam na *Lama*, o processo de identificação enquanto LGBTQIA+, e que se familiarizarem com a proposta investigativa da pesquisa, afim de contribuir por meio de suas narrativas e experiências, nos grupos focais que foram realizados. Os questionários abarcaram questões de identificação, como idade, orientação sexual, raça, etnia, escolaridade, classe social e principalmente a visão sobre a *Rua da Lama*. Já nos grupos focais, a ideia foi direcionar as questões para o processo de constituição das territorialidades LGBTQIA+ na já mencionada Rua, elencando perguntas mais direcionadas ao processo de mútua proteção e afirmação identitária, por exemplo:

- Por que você frequenta a *Rua da Lama*?
- Quais bares e trechos na *Rua da Lama* você prefere frequentar? Por quê?
- Você busca frequentar a *Rua da Lama* com que frequência?
- Você percebe uma presença majoritária de grupos LGBTQIA+ na *Rua da Lama*?

Intenta-se com essas ferramentas permitir que os sujeitos do fenômeno que se pretende analisar expressem, segundo suas próprias perspectivas, as relações, significados, motivações, enfim, que esses sujeitos deixem transparecer, a sua própria maneira, seu respectivo

relacionamento com a *Rua da Lama*. Nesses termos, a voz do próprio pesquisador não é ignorada, de forma que a observação participante ganha um destaque especial para a inserção e percepção das redes de mútua proteção, assim como, das dinâmicas identitárias que, como se advoga nesse trabalho, moldam territorialidades LGBTQIA+ constituídas num processo de territorialização dessa população na já mencionada Rua.

Seguindo esta linha argumentativa, o primeiro capítulo deste trabalho, intitulado: “Trajetórias LGBTQIA+: constituição da *Rua da Lama*”, tem como objetivo identificar os mecanismos que produzem a territorialização da população LGBTQIA+ na *Rua da Lama*. Em outras palavras, debruça-se em interpretar os mecanismos que dão atributos espaço-territoriais à *Lama*. Além disso, faz-se um resgate histórico do local, entendendo o seu processo de formação e de que maneira este estabeleceu atributos suficientes para que a comunidade LGBTQIA+ estabelecesse processos de identificação com o local. Por fim, o capítulo dedica-se a evidenciar, por meio do processo de colonialidade, os mecanismos de opressão vinculados a estes grupos sociais, que experienciados ainda hoje, justificam a organização destes movimentos, em busca de proteção e afirmação identitária.

O segundo capítulo, intitulado “*Rua da Lama*: territórios, conflitos e disputas” têm como objetivo discutir a constituição das territorialidades LGBTQIA+ na *Rua da Lama* a partir da formação das redes de mútua proteção construídas pela comunidade LGBTQIA+, entendendo o grupo na sua unidade e na sua diferença. Na esteira deste raciocínio, cabe entender neste capítulo, a multiplicidade, a alteridade e as trajetórias que atravessam essa comunidade e produzem a segregação, mesmo dentro do grupo. Não obstante, tem-se como proposta interpretar este grupo enquanto uma comunidade que se modelam, independente da alteridade e dos múltiplos lócus de enunciação, por possuírem em comum, o desejo de se protegerem contra a homotransfobia e vivenciarem suas r-existências.

No terceiro, e último capítulo intitulado: “Devir e incertezas: gentrificação na *Rua da Lama*”, a proposta é entender as estratégias de territorialização, por meio de análises de relatos sobre o processo de territorialização da *Rua da Lama*. Assim, busca-se interpretar a ligação entre redes de mútua proteção e o afã pela afirmação identitária. Seguindo este guia, a ideia é buscar relatos de violência experimentados no processo de ocupação da *Lama*, estabelecer gráficos, nuvens de palavras que possibilite averiguar com maior precisão, as microterritorialidades que produzem medo e insegurança para a comunidade homotransafetiva. Para tanto, esta investigação possibilitará entender se os bares e boates que circundam o objeto de estudo funcionam como trunfo para a proteção e afirmação identitária, assim como interpretar como a diversidade dentro da comunidade LGBTQIA+ vivencia a *Lama* e estabelecem seus processos de apropriação. Por fim, o capítulo introduz a discussão de um

fenômeno que a pouco tempo se tornou outra ameaça no processo de territorialização da Rua: o processo de gentrificação que se baseia na necessidade em gourmetizar o espaço, ressignificando todas simbologias que agregam no processo de afeição e territorialização do espaço. Neste momento da pesquisa, tem-se o objetivo de entender este fenômeno espacial enquanto uma estratégia política arquitetada, que estabelece como principal objetivo, a retomada de um ambiente onde a cultura cultuada favoreça as classes que detém a hegemonia destas relações.

## Capítulo 01: trajetórias LGBTQIA+ e a constituição da *Rua da Lama*

Este capítulo tem como objetivo identificar de quais formas a teoria que fundamenta os saberes científicos e geográficos se fundem com o campo de pesquisa, isto é, como os conceitos de *espaço, território, identidade* conformam as dinâmicas estabelecidas na *Rua da Lama*, em Vitória-ES. Inicia-se o capítulo fazendo uma discussão sobre a construção do espaço numa perspectiva teórica. Posteriormente, serão analisadas as configurações geo-históricas que conformam a *Rua da Lama* enquanto espaço, destacando memórias, saberes e experiências que significam a estrutura física da Rua, de forma a constituir novas nuances e densidade ao objeto de pesquisa. Por fim o capítulo resgata os processos históricos de opressão que justificam a (re)construção das territorialidades LGBTQIA+ em ambientes estabelecidos pelos próprios sujeitos LGBTQIA+ em vista da busca por segurança e expressão da identidade.

### 1.1 Trajetórias: uma teoria sobre a construção do espaço

Pautados na busca por garantir certo grau de segurança e liberdade para manifestar suas identidades, alguns grupos sociais, aqui destacando a comunidade LGBTQIA+, buscam em áreas estratégicas, uma organização que os salvaguardem em relação a violência advinda da homotransfobia socioculturalmente estabelecida e, para além do mencionado, a garantia da experiência de suas identidades em seu caráter máximo. Estas dinâmicas, por sua vez, podem ser constituídas de maneira intencional ou não por esses sujeitos coletivamente organizados.

Este movimento de territorialização, processo de r-existência da comunidade LGBTQIA+, é constituído pela imbricação de múltiplas trajetórias. Numa perspectiva mais ampla, a comunidade LGBTQIA+ enfrenta hostilidades por outros grupos que experienciam a *Rua da Lama*. Tal hostilidade se manifesta de forma mais branda em comparação com outras áreas da cidade de Vitória, por exemplo, o Triângulo, localizado na Praia do Canto, enfatizando aqui, a presença predominante de grupos heterocisnormativos<sup>9</sup> e suas instituições de poder. Sob uma análise geográfica, essas populações marginalizadas ocupam determinadas áreas e, conseqüentemente, estas, ainda que de maneira simbólica e temporal, se tornam territórios. Isto porque, como afirma Haesbaert (2007, p. 20-21), território “diz respeito tanto ao poder no

---

<sup>9</sup> Termo que padroniza a sociedade e marginaliza uma população que não segue estereótipos pré-concebidos. Nesta perspectiva, a heteronormatividade se faz hegemônica e representa um conjunto de crenças e práticas sociais advindas da religião, do Estado ou de qualquer outro mecanismo que impõem a heterossexualidade como norma. Vale destacar, que os próprios sujeitos subalternizados, aqui destacando a comunidade LGBTQIA+, podem participar, ainda que em menor grau, nos processos de incorporação desses estereótipos.

sentido mais explícito de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico de apropriação”. Nesta lógica, as formações territoriais LGBTQIA+ podem ser interpretadas como trunfo para ressignificar os protótipos de sexualidade vigentes na sociedade, além de possibilitar que o processo de experiência de suas identidades LGBTQIA+ sejam praticadas de forma a romper com o corpo, o pudor e a performance de gênero historicamente estabelecidos pelo eurocentrismo com base na moral judaico-cristã uma vez que se encontram coletivamente organizados, constituindo a comunidade LGBTQIA+ que se territorializa para r-existir. Em outras palavras, entende-se que as formações territoriais homotransafetivas funcionam como um movimento condutor de visibilidade e afirmação identitária, reiterando neste sentido, uma visão espacial mais horizontal e centralizada da comunidade LGBTQIA+, distanciando-os de um espaço guetificado, isto é, subalternizado no conjunto das relações de poder.

Na perspectiva desse debate, ressalta-se o conceito de espaço difundido por Massey (2008), isto é, espaço é uma realidade humana historicamente construído a partir da conglomeração de trajetórias e vivências simultaneamente constituídas. Nessa ótica, as vivências homoafetivas, foco central dessa pesquisa, são entendidas como constitutivas de uma pluralidade de significados, portanto, produtoras de espaços diversos, frequentemente territorializados por estes grupos. Nesse processo, a *Rua da Lama* e outros ambientes pré-estabelecidos são analisados a partir desses processos de territorialização vinculados à comunidade LGBTQIA+, como pode ser observado no fragmento abaixo:

Muito se comenta em rodas de conversas as frases “Ah, fui numa boate LGBT” ou “Fui em um bar LGBT”. Essas frases estão munidas de muitos sentidos e um dos que me chama atenção é como a quantidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis por metro quadrado transforma um ambiente em um espaço LGBT. (FREITAS, 2017, p. 1076).

O autor desse fragmento analisou a constituição de bares gays na cidade de Vitória nos recentes decênios de 70/80. Sua leitura desse fenômeno, quando analisada a luz da Geografia, permite salientar os primeiros passos de alguns dos processos que estruturam a proposta analítica desta pesquisa, isto é, como, já há muito tempo, na cidade de Vitória, a população LGBTQIA+ tem se apropriado de determinados locais com a premissa de garantir certa segurança e liberdade para a expressão de suas afetividades. Tal apropriação é munida de conflitos, acordos e negociações entre as sexualidades e gêneros dissidentes e as vivências socialmente privilegiadas, assim como entre os próprios sujeitos “desviados”. Por conseguinte, a ocupação desses espaços possibilita uma vivência que rompa com os paradigmas de sexualidade vigentes. É nessa lógica que, de alguma maneira, se configura a espacialização das “histórias alternativas” (SPIVAK, 1994, p. 188) dos sujeitos LGBTQIA+. História aqui quase funciona como um sinônimo para as vivências, logo, é preciso dizer, que espacializá-las

significa trazer essas histórias para “a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade” (MASSEY, 2008, p. 29).

Este movimento, por fim, significa trazer essas experiências para a esfera do espaço. Nessa perspectiva, em síntese, o que este texto argumenta é que a comunidade LGBTQIA+ se apropria de determinados espaços para garantir sua liberdade, segurança e identificação no processo de vivência de seu caráter múltiplo. Portanto, espaço seria uma realidade sempre em devir, sempre em processo de construção e, ao mesmo tempo, uma esfera que se constitui de maneira relacional (MASSEY, 2008). Na esteira desse raciocínio, é preciso esclarecer que o termo coexistência, utilizado por Massey em sua tentativa de conceituar espaço, não pode ser lido como sinônimo de passividade e harmonia. A coexistência dos diferentes é produtora de muitos e os mais diversos conflitos e jogos de poder. Logo, coexistir, pode-se inferir, tem a semântica de diferenças que existem juntas e simultaneamente. Isso posto, é preciso que se diga que, por mais que Massey esteja pensando o espaço e os movimentos de espacialização, sua linha de raciocínio parece se aproximar muito do conceito de território utilizado por autores como Haesbaert (2011). Na leitura conjunta desses teóricos, pode-se supor que, se o espaço é a esfera do diverso, território é a análise desse espaço pela ótica das relações de poder que os múltiplos sujeitos, construtores desse diverso, mantem entre si. Pode-se, portanto, parafrasear a já citada fala de Freitas (2017) da seguinte maneira: “[...] me chama atenção é como a quantidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis por metro quadrado transforma um ambiente em um [...] [território] LGBTQIA” (p. 1076)

Nesse sentido, retomando o título dessa pesquisa, o que se propõe nessa dissertação é analisar o processo de territorialização e a inerente emergência de territorialidades LGBTQIA+ na *Rua da Lama*<sup>10</sup> em Vitória, capital do Espírito Santo. Em outros termos, perceber as múltiplas relações de poder que permeiam a comunidade LGBTQIA+ em seu processo de apropriação simbólico-cultural da *Rua da Lama*. Um dos mecanismos que move esse processo, como já mencionado, é a busca de proteção contra as constantes violências a que estão sujeitas as minorias sexuais. Por outro lado, essa sensação de segurança se materializa nas expressões de suas alteridades aliadas ao movimento de afirmação identitária. O que não deixa de ser, em

---

<sup>10</sup> A *Rua da Lama* ou simplesmente *Lama* vem em itálico no título para indicar o nome pelo qual é popularmente conhecida o fragmento da Avenida Anísio Fernandes Coelho que se situa a frente da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) além das ruas imediatamente adjacentes.

sua gênese, uma busca por resistência frente ao que vem sendo chamado de heteronormatividade<sup>11</sup> ou, mais recentemente, heterocisnormatividade<sup>12</sup> compulsória.

Esses processos estão no centro das relações de poder estabelecidas entre a população LGBTQIA+ e a sociedade no geral. Dito de uma outra maneira, a homotransfobia<sup>13</sup> impele a estes sujeitos a se reunirem em determinadas áreas. Estas sofrem, em decorrência disso, uma profunda ressignificação ao longo da formação do que se entende nesta pesquisa como territórios LGBTQIA+. É preciso que se diga que a mencionada proteção não tem o viés institucional. Mais do que uma relação sujeito-Estado, o que se está defendendo, nesta pesquisa, é que essas reuniões em locais específicos e em momentos determinados visa uma mútua proteção por parte desses sujeitos. Isso permite que surjam as condições necessárias para o estabelecimento de múltiplos processos de territorialização que estão permeados por um conteúdo, por uma estrutura, em termos geográficos, por territorialidades.

É importante destacar que estas mútuas proteções decorrem de um processo entendido por Haesbaert (2004) como territórios-rede que, traduzindo à perspectiva do pesquisador, se entende por redes de sociabilidade. Estas redes moldam e atribuem densidade as territorialidades LGBTQIA+ no processo de territorialização da *Rua da Lama*. Isto porque na experiência espaço-temporal contemporânea, a constituição de territórios de forma a não significar “(apenas) controlar áreas e construir fronteiras, mas sobretudo, viver em redes, onde nossas próprias identificações e referências espaço-simbólicas são feitas não apenas no enraizamento e na (sempre relativa) estabilidade.” (HAESBAERT, 2004, p. 279). Neste sentido, estas redes de sociabilidade próximas à *Rua da Lama*, fortalecem o grupo enquanto unidade, através de espaços de identificação, como os bares, comércios ambulantes, boates LGBTQIA+ e a própria Universidade Federal do Espírito Santo, que conformam o entorno da *Rua da Lama*. Em outros termos, estas teias são parte desse território. Nessa perspectiva possibilitam o fortalecimento das territorialidades instituídas por grupos LGBTQIA+, uma vez que “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento” (HAESBAERT, 2004, p. 280). É por meio

---

<sup>11</sup> “[...] sistema que normaliza a heterossexualidade e os comportamentos tradicionalmente ligados a ela, mostrando-os como única opção válida, tornando marginal qualquer forma de relação fora dos padrões/ideais heterossexuais, da monogamia e da conformidade de gênero” (SOUZA, 2020, p. 15).

<sup>12</sup> “[...] em consonância com a heteronormatividade, é um sistema que tem como fundamento que é natural e a única opção válida para todos os indivíduos que eles sejam heterossexuais e cisgênero, rejeitando outras identidades sexuais ou de gênero” (SOUZA, 2020, p. 15)

<sup>13</sup> “[...] é uma forma de violência que ocorre em função da intolerância social em relação a determinadas orientações sexuais e identidades de gênero, estigmatizadas socialmente” (SANTOS, 2016, p. 161).

destas conexões e enlaçamentos, que estes grupos constituem um processo de identificação mais eficiente, em busca de r-existências.

Neste viés, o território é instituído por estes grupos, com relevo e densidade, por meio das múltiplas identidades construtoras de alianças, as quais são manifestadas pela pluralidade da comunidade LGBTQIA+ de forma a territorializar a *Rua da Lama*, isto porque “toda prática espacial, mesmo embrionária, induzida por um sistema de ações ou de comportamentos se traduz por uma ‘produção territorial’ que faz intervir tessitura, nó e rede” (RAFFESTIN, 1993, p. 150). Essa perspectiva está fundamentada na visão relacional de território, como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2000, p. 78). Nesse sentido, da mesma maneira que a identificação e proteção, o território não é percebido, no âmbito dessa pesquisa, na sua dimensão institucional, por mais que a política, para além do institucional, não possa de forma alguma ser ignorada. Por política compreende-se “a maneira pela qual organizamos conjuntamente nossa vida social, e as relações de poder que isso implica” (EAGLETON, 2019, p. 294). Nesse processo, em outras palavras, “o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (HAESBAERT, 2011, p.35). Nesses termos, dentre as mais diversas concepções de território, usa-se da perspectiva simbólico-cultural que permite enxergar a *Rua da Lama* “como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2011, p.40). O que, lógico, implica uma dimensão política.

Disto tem-se que territorialidade está intimamente ligada as chamadas histórias alternativas<sup>14</sup>, como grafou-se a pouco para dizer das vivências socioterritoriais da população LGBTQIA+. Isso porque está profundamente ligada a como esses sujeitos vivenciam sua relação com o espaço, com o processo de constituição e manutenção de seus territórios. Nesse sentido, territorialidade diz respeito as dinâmicas de apropriação, constituição identitária e processos de pertencimento. Nesse viés, a *Rua da Lama* é permeada por diferentes territorialidades uma vez que é vivida, é experienciada de maneiras múltiplas. Logo, “territorialidade diz respeito à dimensão vivida na medida em que denota fatores que acontecem nas relações mais diretas entre as pessoas e o espaço” (PAULA, 2011, p.109). É preciso dizer, como um elemento relevante para se pensar essas territorialidades, que, ao mencionar população LGBTQIA+, não se está falando de um grupo coeso, homogêneo, sem fissuras ou fraturas. Muito pelo contrário, é um grupo dos mais diversos e complexos na esfera da pluralidade contemporânea, para recuperar Massey. Um grupo permeado pelas mais diversas práticas e narrativas produtoras de sentido e identidade. Não se pode esquecer que, na dinâmica

---

<sup>14</sup> Expressão da feminista indiana Gayatri Spivak utilizada no texto “Quem reivindica alteridade?” para falar de vivências, posturas, realidades que destoam de uma determinada normatividade sociocultural.

do pós-moderno, a construção da identidade é feita de forma a constituir “identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas” (HALL, 2006, p. 46)

Esse caráter plural se deve a imensa abrangência de sujeitos que compõe o grupo social LGBTQIA+, das mais variadas etnias, condições sociais, níveis acadêmicos, idades, assim como, posicionamentos político-ideológicos. Vale notar que, como via de percepção dessas identidades múltiplas, as feministas afro-americanas sistematizaram o conceito de interseccionalidade<sup>15</sup>. Isto é, perceber que os sujeitos são influenciados pelas múltiplas narrativas, ou melhor, para colocar nos termos dessa pesquisa, os sujeitos constituem e se estruturam a partir das mais diversas territorialidades. Há, no entanto, algo que confere certo grau de identificação entre os frequentadores da *Rua da Lama*. Isto é, para esses sujeitos, a posição de minoria sexual, ou em outros termos, a não conformidade com os paradigmas da heterocisnormatividade compulsória e, por consequência, o enfrentamento a imposição desse padrão de vivência da sexualidade produz identificação. Diante disso, é preciso uma perspectiva mais ampla e crítica sobre o significado da territorialidade. Perspectiva que não promova “um descolamento entre as dimensões político e cultural da sociedade, mas uma flexibilização da visão do que seja o território” (SOUZA, 2000, p. 86). Entender, portanto, a territorialidade como um elemento inerente a condição humana (HAESBAERT, 2011). Logo, “o território será um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um *limite*, uma *alteridade*: a diferença entre ‘nós’ [...] e os ‘outros’” (SOUZA, 2000, p. 86). Vista por esse ângulo, a *Rua da Lama* é significada pelo conjunto das relações que ali se estabelecem. Essas relações se baseiam na constituição de um “nós” plural, diverso, fragmentado, mas que se organiza de forma a assumir o controle e permitir que toda essa pluralidade emergja das mais variadas formas. O “outro”, nessa relação, se define, nesse campo de forças, por aquele sujeito que instaura a insegurança, ou seja, pelo sujeito, pelo grupo, pela comunidade, pela sociedade homotransfóbica. Dentro dessa perspectiva, “territórios são no fundo antes *relações sociais projetadas no espaço* que espaços concretos (os quais são apenas os *substratos materiais* das territorialidades [...])” (SOUZA, 2000, p. 87).

Dentro dessa dinâmica, “é interessante observar que, enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’” (HAESBAERT, 2004, s/p). Por outro lado, uma realidade que sempre perpassa por um processo de defesa e resistência uma vez que, nas dinâmicas territoriais, “os atores se verão confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou de liberdade de ação” (SOUZA,

---

<sup>15</sup> Entre os trabalhos que discutem esse conceito na bibliografia brasileira está: Hirata, 2014 e Oliveira, 2010.

2000, p. 110). Em outros termos, a mútua proteção garantida pela territorialização LGBTQIA+ pretende, em última instância, garantir a defesa de identidades assim como a liberdade de ação desses sujeitos. Portanto, a territorialidade está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (HAESBAERT, 2004, s/p). É preciso, por outro lado, observar que os processos de territorialização ligada a essas territorialidades são, também, múltiplos. Constituem, nesse sentido, territórios cíclicos que se estruturam (e se desestruturam) nas mais diversas escalas – da acanhada rua a esfera internacional – mas também nas mais diversas temporalidades o que confere o caráter cíclico. Território, portanto, “podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica” (SOUZA, 2000, p. 81). Esse parece ser o caso da *Rua da Lama*, que sofre essa dinâmica de territorialização e, por consequência, estrutura-se como um território LGBTQIA+ em momentos específicos<sup>16</sup>. Esses momentos se dão normalmente a noite e tem a sua maior intensidade nos dias de quinta, sexta, sábado. Esse detalhe está relacionado a um outro elemento da constituição dessa dinâmica territorial, o lazer. Nessa ótica, institui-se um movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Esse movimento está, de alguma maneira, estruturado na relação *Rua da Lama* – casa/casa – *Rua da Lama*.

Há, portanto, um jogo de sentido entre o que se experencia no território LGBTQIA+ e o que está fora desse território. Um exemplo disso está em afirmações como “Vou me montar para ir na Lama”<sup>17</sup>. O relevante dessa fala, no que toca o tema dessa dissertação, é que esse “montar-se” é algo que é feito exclusivamente para ir até a *Rua da Lama*. Essa dinâmica poderia ser traduzida da seguinte forma, numa análise superficial: de Casa para a *Rua da Lama* como um movimento de territorialização. A dinâmica de retorno da rua para casa como desterritorialização e, ao se reiniciar o ciclo, o sujeito se reterritorializa<sup>18</sup> na Rua. É preciso esclarecer que essa não é a única rota (*Rua da Lama* – casa/casa – *Rua da Lama*) usada por esses sujeitos para alcançar a *Rua da Lama*. Logo, esse exemplo permite ilustrar esse elemento

---

<sup>16</sup> Por território LGBTQIA+ não se está argumentando por uma presença exclusiva ou majoritária dessa parcela da população na *Rua da Lama*. Está se dizendo de um processo de apropriação pelos LGBT+ constituído de maneira cíclica de forma a estruturar redes de mútua proteção que permitem a emersão de territorialidades próprias desses sujeitos.

<sup>17</sup> O proponente desse projeto é alguém que se insere nessa dinâmica territorial. Essa frase já foi, portanto, ouvida algumas vezes por amigos que se montam, isto é, performam *Drag Queens*.

<sup>18</sup> Essa análise dos deslocamentos como processos de des-re-territorialização tem por horizonte teórico as reflexões de Rogério Haesbaert (2011). Esse teórico constrói de desterritorialização por meio da radicalização da percepção relacional do conceito de território. Para fazê-lo recorre ao diálogo com os filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nesse sentido, para o geógrafo, “devemos antes de tudo pensar a territorialização e a desterritorialização como processos concomitantes, fundamentais para compreender as práticas humanas” (HAESBAERT, 2011, p. 101).

da pesquisa. Portanto, esses processos são de suma importância de serem percebidos por que confere o caráter singular do que se pretende analisar com esse estudo. Ou seja, ao se retomar o exemplo dado logo acima, pode-se perceber a constituição de uma relação única com a *Rua da Lama* baseada num processo de territorialização que implica na emergência de territorialidades LGBTQIA+.

## 1.2 *Rua da Lama*: uma perspectiva espacial

O trecho da Avenida Anísio Fernandes Coelho, também conhecida popularmente como *Rua da Lama*, é um espaço que recebe atenção por muitos grupos sociais na Grande Vitória<sup>19</sup>. Localizada no bairro de Jardim da Penha - zona norte da cidade de Vitória - e próxima a Universidade Federal do Espírito Santo, ela alcança públicos diversos, principalmente jovens, e “faz parte da cultura dos universitários da UFES já há algumas décadas” (ADÃO, 2020 apud. PANDOLFI; CALIMAN; VASCONCELLOS, 2009). É importante destacar que não se trata de um ambiente geograficamente marginalizado, como identificado na (Figura 1), e por localizar-se com certa centralidade, presumivelmente não contempla, no processo da vivência, toda a juventude da cidade, enfatizando aqui a comunidade LGBTQIA+. Isto ocorre uma vez que, na experiência da dinâmica urbana, os processos de identificação espacial não são homogêneos; espaços são classificados, hierarquizados e conformados com simbologias que podem ou não gerar processos de afeição a quem os frequenta.

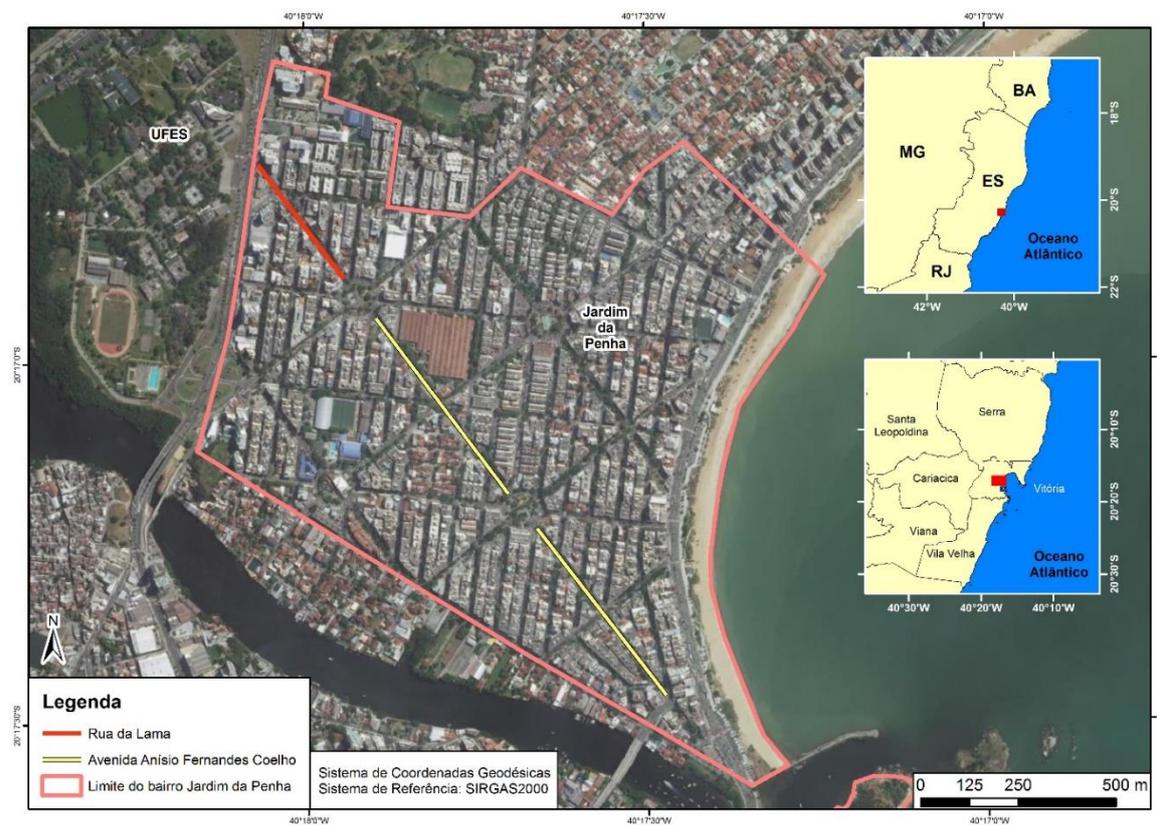
Contudo, percebe-se que não se trata de um ambiente culturalmente cristalizado, isto porque, existem múltiplas dinâmicas ocorrendo neste espaço, a depender do horário e de alguns trechos que compõem o que se entende por *Rua da Lama*. Por existir certa heterogeneidade social, tais encontros, ou processos de territorialização neste espaço são temporários, fluidos e dinâmicos, visto que estas ocupações sociais entre os jovens alcançam maior consistência aos finais de semana, mais precisamente de quinta-feira ao sábado no período noturno. Ao longo da semana, a Rua é carregada de dinâmicas frequentemente encontradas em bairros de classe média da cidade de Vitória, que oferecem acesso a restaurantes, sorveterias, comércios de informática, papelarias, livrarias, entre outros<sup>20</sup>, que abastecem as necessidades gerais da população que circunda o bairro de Jardim da Penha. Neste sentido, percebe-se que a densidade demográfica do espaço em questão sofre variações de acordo com o momento do dia em que a

---

<sup>19</sup> Região Metropolitana da Grande Vitória composta pelos municípios de Cariacica, Fundão, Guarapari, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória.

<sup>20</sup> cf. figura 2

população o experiencia. Existe nesta relação, uma redução do fluxo de pessoas se comparado aos horários noturnos nos finais de semana, além do abrangimento de outros perfis sociais, como adultos comerciantes e idosos.



*Figura 1: Localização do trecho denominado “Rua da Lama” na Avenida Anísio Fernandes Coelho, no bairro de Jardim da Penha em Vitória (ES). Elaboração: Neuman Assis.*



*Figura 2: Dinâmica urbana na Rua da Lama ao longo da semana, durante o dia. Registros feitos pela manhã, no dia 11 de agosto de 2022. autor: Matheus Vieira Barbosa*

Neste viés, a mencionada Rua, a depender do horário e do dia da semana, se torna um ponto atrativo para o estabelecimento de relações sociais heterogêneas, além da manifestação de algumas identidades que historicamente foram e continuam sendo silenciadas pelas narrativas eurocentradas que naturalizam o pensamento colonialista. Este momento se elucida principalmente aos finais de semana no período noturno, uma vez que a rua se abre para o funcionamento de bares temáticos<sup>21</sup>, como o Sofá da Hebe, o Caldeirão, o Simpsons, o Abertura, o Biritas além de ambulantes, que atraem grupos identitários plurais. Cabe destacar a presença de duas casas noturnas muito frequentadas pela comunidade LGBTQIA+ da Grande Vitória – o espaço *Bolt* e o *Lamah Lounge*; Estas funcionam como referenciais simbólicos de grande importância para a afirmação identitária destes grupos, uma vez que organizam eventos destinados ao lazer destes grupos sociais, como festas com performances de *drag queens*, eventos temáticos englobando o funk, músicas retrô, a organização de grandes festas sobre as divas da música pop, que são reconhecidas como referências de empoderamento e identificação para a comunidade LGBTQIA+. Dito isto, evidencia-se a constituição de espaço, pois constitui-se a partir das diversas trajetórias que confluem para constituir a *Rua da Lama* um território LGBTQIA+. A área de estudo (Figura 3) nos possibilita, por meio de uma representação cartográfica, identificar a *Rua da Lama*, suas adjacências, os bares e pontos que são de extrema relevância para entender as redes de proteção e os processos de micro territorializações estabelecidas por estes grupos sociais minoritários.

---

<sup>21</sup> Optou-se por utilizar os nomes destes estabelecimentos, tal qual são denominados pelos frequentadores da Rua da Lama. Para registro, os nomes oficiais são, respectivamente, Sofá da Hebe, Caldeirão Bar, Simpsons na Lama, Bar Abertura e Birita Casa de Cocktail.

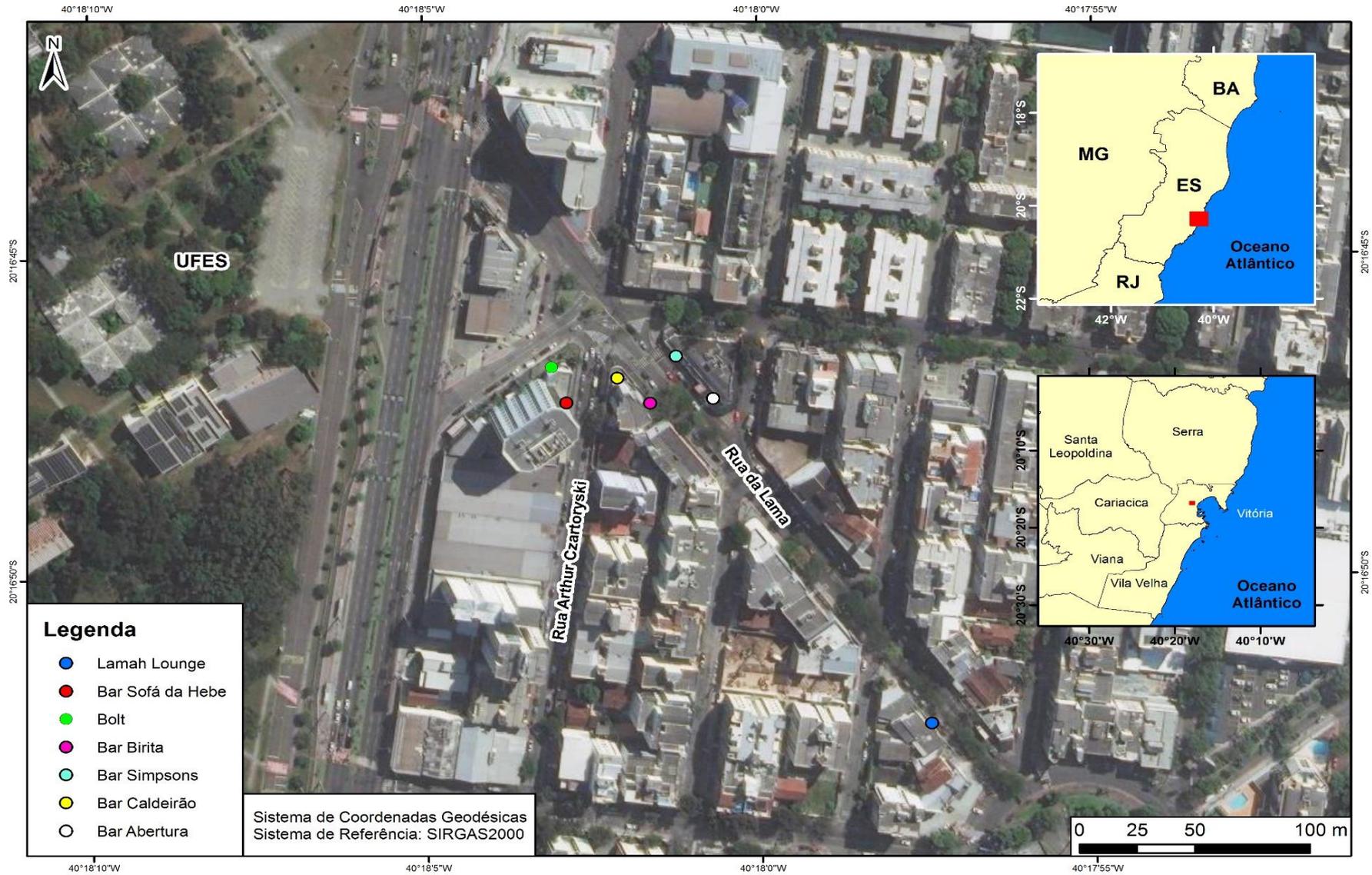


Figura 3: área de estudo, Rua da Lama, Vitória (ES). Fonte: Neuman Assis.

Ao observar a configuração da *Lama* no mapa acima, percebe-se a presença de alguns pontos de encontro, aqui entendidos a partir das redes de identificação que permeiam os que frequentam a *Rua da Lama*. Tem-se como exemplo, os bares Sofá da Hebe, Caldeirão e o Simpsons que despertam, ainda que de forma sutil, uma familiaridade para membros da comunidade LGBTQIA+. Outros bares, como o Abertura e o Buana são frequentados por homens e mulheres heterossexuais em sua grande maioria. Em outros termos, a *Rua da Lama*, há alguns anos, vem se destacando enquanto um espaço constituído pelas relações de alteridade na cidade de Vitória. Nesse processo, os bares servem como ponto de encontro para que a comunidade homotransafetiva reproduza suas vivências, que em tantos outros espaços, lhes são negligenciados.

Na esteira deste raciocínio, é possível supor que este ambiente tenha passado por alterações ao longo das décadas que permitiram para além do desenvolvimento físico, uma caracterização ressignificada das dinâmicas vivenciadas. O nome adotado pelos frequentadores – *Rua da Lama* – remete a um passado do bairro de Jardim da Penha, entre os decênios de 1980/90, ao qual a rua não apresentava infraestruturas urbanas adequadas, tais como pavimentação, iluminação regular e modernização. Por se localizar próxima a áreas de manguezal, com as frequentes chuvas torrenciais que ocorrem, parte da Avenida Anísio Fernandes Coelho ficava alagada e posteriormente repleta de lama. A frequência deste fenômeno resultou no senso comum de batizar esse trecho da Avenida com este nome pelos frequentadores da época, o que permanece até os dias atuais.

Com base nesta contextualização, é importante resgatar memórias da *Lama* que conformem ideias, opiniões, saberes e comparações com as dinâmicas contemporâneas que a caracterizam e modelam. No documentário realizado por Ursula Dart<sup>22</sup>, em conjunto com o departamento de comunicação social da UFES e o arquivo público estadual, foi possível resgatar imagens, percepções e relatos que descrevessem o cotidiano da *Lama* entre os anos de 1980/90. É de se presumir pelas filmagens captadas e na fala dos frequentadores da época, um espaço já constituído majoritariamente por jovens - roqueiros alternativos - o que se assemelha com as dinâmicas e realidades que se percebe hoje, principalmente no que toca as dinâmicas de territorialização. Isto porque, no cenário urbano, existem para além da comunidade LGBTQIA+, outras tribos alternativas que são marginalizadas no bojo das relações espaciais de centralidade cultural; a *Rua da Lama*, neste sentido, pode ser interpretada geograficamente como centralidade, o que não a faz ainda assim, ser a principal referência para uma juventude

---

<sup>22</sup> **UMA VOLTA NA LAMA**. Direção: Ursula Dart. Produção: Ursula Dart. Youtube. Julho de 2010. Duração: 28 minutos 13s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RNotoSTCYVY>>. Acesso em: 07 de abr. 2022.

heterocisnormativa dentro de Vitória (ES). Pode-se observar nos relatos abaixo, extraídos do documentário, narrativas de jovens, ao serem questionados sobre o significado da Rua para eles:

É o melhor rock que tem em Vitória, sacô? Porra é foda bicho, to sempre, sempre mesmo [na Lama], e é bom demais. (Jovem frequentador, 1993)

Acho que o pessoal que frequenta a Lama, é um pessoal que não ta muito interessado no que os outros pensam, ta interessado apenas em fazer rock and roll. (jovem frequentador, 1993)

A Lama é rock, cabo! (jovem frequentadora, 1994)

Vê-se que nos discursos dos entrevistados, uma caracterização relativamente distante da atual configuração da *Rua da Lama*. Isto porque, sem dúvidas, ela é utilizada enquanto um local de convivência, ponto de encontro (cf. figura 4), mas principalmente um ambiente de interrelações. Além disso, nos últimos decênios, a *Lama* já vinha sendo apropriada por outras tribos urbanas, ainda que distintas da atual configuração, mas com uma motivação em comum: a busca por afirmação identitária. Entende-se, portanto, que no âmbito social destes espaços alternativos, existem – em diversos níveis – garantias de promoção do ser/existir de forma a romper com os padrões impostos pelas forças majoritárias da sociedade. Percebe-se esta construção da seguinte forma: uma vez que estes espaços, confluência de trajetórias, possuem morfologias simbólicas que produzem identificação para estas tribos, diante disso, a ocupação acontece, o que conseqüentemente desmembra destas relações constituídas na *Lama* os indivíduos que experimentam vertentes culturais estruturalmente superiores.



*Figura 4: Grupos frequentando a Rua da Lama (década de 80). Frame extraído do documentário – Uma volta na Lama, de Úrsula Dart.*

Cabe enfatizar que, o que separa a atual dinâmica da *Lama* com a conformação passada, é a articulação dos grupos que a frequentam atualmente, ao qual percebe-se que o processo de identificação e a constituição de múltiplas alteridades privilegiam a formação de territorialidades LGBTQIA+. Em outras palavras, o Território envolve “ordem de subjetividade individual e coletiva” (HAESBAERT, 2009, p. 13) muito mais fortes, e o processo de identificação vem gerando maior segregação entre os grupos sociais, podendo esta, ser visualizada, nitidamente nos bares presentes na *Lama*. Tal afirmação pode ser percebida na fala de Manuela<sup>23</sup>, ao ser questionada sobre as atuais dinâmicas na *Rua da Lama*:

Quando eu vim [para Vitória] em 2011, não era assim... frequentado majoritariamente por homossexual igual agora, mas também sabe porque? Por que não tinha o sofá da Hebe.. Na época tinha o Abertura, o Militas.. O auge era o Abertura, tipo assim, bombava na época, nem se falava muito em Triângulo<sup>24</sup>, e assim, não era HOMOSSEXUAIS<sup>25</sup>, igual agora tem bastante. (Entrevista realizada com Manuela, em maio de 2022)

Ao interpretar o relato de Manuela, observa-se que há poucos anos, as dinâmicas de ocupação na *Lama* não permitiram a vasão suficiente para que a comunidade LGBTQIA+ manifestasse suas territorialidades como ocorre atualmente. Isso se justifica, principalmente pelos bares e as conformações simbólicas que vieram a ser instalados nela, como é o caso do Sofá da Hebe, o bar do Simpsons e o Caldeirão, que possuem, ainda que de forma indireta, elementos que atraem estes grupos sociais, como funcionários que participam da comunidade, o próprio nome - Sofá da Hebe - que remete a uma referência para a comunidade LGBTQIA+ e o espaço *Bolt*, que funciona na *Lama*, enquanto casa noturna, produzindo eventos voltados predominantemente para esse público. Estes bares são interpretados nesta pesquisa, enquanto elementos culturais que dão pilar para que o espaço, enquanto esfera de multiplicidade, acolha estas minorias. Em outras palavras, é relevante nesta investigação, perceber que estas referências, em escalas de importância distintas, produzem impulso para a produção das territorialidades destes grupos, uma vez que “territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2011, p. 280).

---

<sup>23</sup> Os nomes dos participantes entrevistados nesta pesquisa são fictícios, com o intuito de preservar o anonimato e a imagem dos participantes, como orienta as resoluções do CEPE - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

<sup>24</sup> O Triângulo ou Triângulo das Bermudas, localizado no bairro de Praia do Canto em Vitória, é também um ambiente muito frequentado por jovens, principalmente por concentrar uma grande quantidade de bares, cervejarias, restaurantes, boates e pubs.

<sup>25</sup> O termo vem em maiúsculo com o intuito de demonstrar hipérbole na fala da entrevistada.

Ademais, como já mencionado anteriormente, ainda que a presença de grupos heterocisnormativos tenha presença reduzida na *Lama*, ela ainda existe. Nesta dinâmica, o que é muito percebido atualmente, é a presença de grupos sociais em bares e pontos específicos, entendendo nesta pesquisa, como territorialidades distintas manifestadas no processo de territorialização da *Lama*. Destaca-se por exemplo, o bar do Abertura e o Biritas, enquanto pontos de encontro de grupos sociais predominantemente heterocisnormativos, como pode ser identificado na percepção de Daniel e Julia, sobre a *Lama*:

Na Lama, você vê divisões na Lama. Naquela rua do sofá da Hebe, você vê um monte, a maioria homossexual... No Abertura é só hetero. (Entrevista realizada com Daniel, em maio de 2022)

Repara, quem vai assistir futebol no Abertura, é hetero escandaloso que grita na hora do gol... Eu acho que... não sei, isso distancia a gente de lá. (Entrevista realizada com Julia, em maio de 2022)

Estas percepções, quando analisadas numa perspectiva territorial, leva-nos a entender estes bares enquanto micro territorialidades que funcionam como redes de apoio para a manifestação da multiplicidade<sup>26</sup>. Em síntese, a dinâmica que produz o espaço *Rua da Lama* é diversa, produtora de contrapontos, paradoxos, o que potencializa o processo de investigação para a Ciência Geográfica. A fala de Bernardo possibilita fortalecer este entendimento, ao descrever a conformação da *Lama*:

No sofá da Hebe, eu acho que é um lugar mais específico para os gays, tem mais gays pelo fato do nome do bar, ser Sofá da Hebe, pela Hebe ter sido um ícone LGBT, então as pessoas ficaram mais voltadas pra lá... Quando os donos do Sofá da Hebe comparam o Caldeirão, os gays começaram a ir pra lá também. Porque como ali era um lugar que se tolerava mais... Então se tornou mesmo, uma rua onde mais LGBTs ficam. (Entrevista realizada com Bernardo, em maio de 2022)

No bar ali perto do Buana, vai gente que gosta mais de jogo, de futebol... Agora se você vai no Abertura, você vê que é aquele pessoal mais machista, você não vê quase nenhum LGBT lá. Igual a Priscila, ela tem trinta e poucos anos e não é lésbica, ela não gosta de ir pro Sofá da Hebe... Mas ela sempre quer ir pro Triângulo, ou ficar no Abertura da Lama. Quando ela vem na Lama, tem um lugar específico que ela gosta de ir. (Entrevista realizada com Bernardo, em maio de 2022)

Em adição, retomando a origem do nome – *Rua da Lama* - é possível perceber alguns contrapontos no momento hodierno. Como abordado anteriormente, o nome carrega uma simbologia geográfica bastante influenciada pelos frequentadores que denominaram o trecho da Avenida Anísio Fernandes Coelho como *Lama*. No entanto, no contexto atual, e com ele, a presença de transmutações e novas interpretações, se torna possível relacionar o significado que

---

<sup>26</sup> o que virá a ser discutido posteriormente, com maior densidade no próximo capítulo.

este nome carrega, sob novos prismas<sup>27</sup>. Em muitos contextos, este termo – *Lama* - carrega significado de gueto, impureza e principalmente, ambientes de prostituição. Através da experiencição do espaço, que é múltipla, os referenciais também são ressignificados pelos jovens que frequentam a *Rua da Lama* em Vitória. Isto ocorre, por meio de uma relação que acontece entre a memória identificada nas trajetórias destes grupos em conjunto com suas próprias experiências com o objeto de estudo aqui proposto. Na prática, estas observações e opiniões podem ser exemplificadas em sua diversidade, por alguns frequentadores da rua:

*Rua da Lama* é onde só tem os famoso “boteco risca faca”. (Entrevista realizada com Laís, em maio de 2022)

Pra mim é aquele lugar que tudo pode, pra fazer auê mesmo sabe? Sem limites. (Entrevista realizada com Bernardo, em maio de 2022)

Sujeira né... Bagaceira e povão. (Entrevista realizada com Karolina, em maio de 2022)

aquilo é a babilônia... Com aquele monte de viado, sapatão sabe?? (Entrevista realizada com Renata, em maio de 2022)

É possível perceber que, ao revelar o imaginário sobre a *Rua da Lama*, os entrevistados conseguem elencar uma sequência de sinônimos que permitem identificar o referido espaço com hostilidade, um território repleto de subjetividade, de experiências e dinâmicas que acolhem as narrativas alternativas. Neste sentido, cabe destacar que a experiência com a opressão, a trajetória e o cotidiano de grupos sociais marginalizados revelam muito sobre os processos de territorialização executados por estes grupos. Em outras palavras, é possível interpretar a *Rua da Lama* enquanto um ambiente escolhido, conscientemente ou não, por uma comunidade, seja por questões de identificação, ou estratégia de proteção. Em linhas gerais, é de praxe resgatar o processo histórico da colonialidade que incide em uma violência física e moral aos membros da comunidade LGBTQIA+ e, em último caso os força a estabelecer territorialidades de apoio para que pratiquem seus processos de r-existência.

### 1.3 LGBTQIA+: trajetórias, cultura e resgate de opressão

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam um segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e as coisas eram feitas sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram

---

<sup>27</sup> Se procurarmos a utilização do termo *Lama* em outros contextos, há de se encontrar ricas referências na literatura brasileira, como por exemplo na arte produzida por romancistas nordestinos, destacando “Cacau (1933), de Jorge Amado, em Doidinho (1934), de José Lins do Rego; em Angústia (1936), de Graciliano Ramos; [...] [em] Jorge Amado, em São Jorge dos Ilhéus (1944)” (PEREGRINO, 2020, p. 165). Com isso, percebe-se uma associação bastante pejorativa do termo “*Lama*”.

frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com o do século XIX. (FOUCAULT, 2020, p. 8)

O fragmento acima localiza-se na obra “História da Sexualidade” de Michel Foucault. Construída de forma a direcionar o leitor a um momento da história ao qual não se era vedado de maneira tão incidente na sociedade o direito à expressão em seus diversos campos, dentre os quais, destaca-se aqui, o da sexualidade. Os rótulos, que outrora não faziam parte das matrizes culturais da sociedade ocidental, foram estrategicamente impostos enquanto paradigmas, num sistema ideológico imperialista, a princípio no ocidente e posteriormente com a expansão colonialista europeia no continente Africano e Asiático. Seguindo o raciocínio de Foucault (2020), já no século XVII, após centenas de anos constituindo sob um sistema de maior liberdade em relação ao corpo, o capitalismo, por meio da colonialidade enquanto uma engrenagem do poder, o interrompe, a fim de maximizar os ideais que conformavam a ordem burguesa daquela época.

Com o intuito de investigar os resquícios da colonialidade no tempo presente, faz-se necessário identificar os mecanismos que impactam a dinâmica social e que conseqüentemente produzem a subalternização da comunidade LGBTQIA+. Neste viés, é importante destacar a colonialidade exercida pela Europa na América Latina, enquanto um dos sistemas de poder responsáveis pelos principais processos conflituosos experienciados pelas minorias sociais, bem como as organizações que participam de maneira intrínseca ao silenciamento e exclusão dessa parcela da sociedade. Segundo Lugones (2014) a colonialidade é um fenômeno presente dentro dos eixos do sistema de poder e, como tal, é intrínseca ao processo de controle sexual, a autoridade coletiva, ao trabalho, a subjetividade e a produção do conhecimento. Isto implica compreender que existe uma supremacia e ascensão de uma sociedade classista, que depende de estereótipos enviesados e, em muitos momentos, intenciona atingir uma população em massa, a fim de flexibilizar a instalação e estruturação de uma sociedade moldada pela e no capital. Seguindo esta lógica, a influência do poder cultural produzido pela burguesia europeia nas sociedades colonizadas se destaca frente as demais autoridades estabelecidas; este movimento (re)produz o surgimento de uma sociedade patriarcal e heterocisnormativa. Este movimento constrói diversos paradigmas que, no maior dos seus impactos, produz a demonização<sup>28</sup> daqueles que ficaram, por uma cultura de violência e exclusão, identificados

---

<sup>28</sup> Processo de assimilação das vivências LGBTQIA+ a entidade judaico cristã conhecida como demônio. A origem de tal assimilação está no fato de que, segundo a lógica cristã, as práticas homotranssexuais e afetivas se constitui como pecado, portanto, algo a ser combatido, extirpado como prova da influência de tal entidade sob a vida dos sujeitos LGBTQIA+.

como “sujeitos destoantes”<sup>29</sup>. No que diz respeito a poder, é importante entender que “não é algo que se adquira, arrebate ou compartilha, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 2020, p. 102). Na esteira deste raciocínio, a desigualdade das relações de poder neste contexto deixa como herança, ainda hoje, a atribuição do poder máximo a figura masculina e heterocisnormativa e, como consequência, classifica em categorias de subordinação a figura feminina e tudo aquilo que se relaciona com o seu significante, incluindo nestes nichos de exclusão, toda a comunidade LGBTQIA+.

Apoiada nesta mesma discussão, Lugones (2014) argumenta que investigar este processo de violência é também refletir sobre a opressão percebida pelas ações que o Estado, o patriarcado branco e os homens produzem contra mulheres, em comunidades do mundo todo. Percebe-se uma reflexão sobre a situação das mulheres frente a violência e violações impostas por um conjunto de práticas identificadas através da existência do patriarcado, que devem ser também refletidas, enquanto ações que hostilizam toda a comunidade LGBTQIA+, através das estruturas estatais, religiosas, patriarcais e da própria heterocisnormatividade, que atingem em maior ou menor grau, a vida, as experiências, a memória e o cotidiano dos que pertencem a este grupo. Segundo Giddens (1993), durante os séculos XIX e XX, a sexualidade e o poder estiveram imbricados de diferentes formas. Em outras palavras, entendia-se que as relações de poder na sociedade dependiam do controle e da normatização da sexualidade, fazendo com que esta se desenvolvesse “como um segredo que, a seguir, [tivesse] de ser incessantemente guardado, e contra o qual era preciso se precaver” (GIDDENS, 1993, p. 28).

Neste contexto, as estruturas de relações sociais pensadas a partir do paradigma moderno ocidental, tratava o “desvio” da sexualidade enquanto um contraponto a implantação do desenvolvimento racional. Na tentativa de instituir uma epistemologia hegemônica, a Europa utiliza de um arquétipo estruturado no conceito de evolucionismo, que conduziria a sociedade a uma prosperidade futura, e como Lugones ressalta, “esta forma de conhecimento foi imposta na totalidade do mundo capitalista como a única racionalidade válida e emblemática da modernidade” (2014, p.20). Seguindo este raciocínio, a adoção do evolucionismo, enquanto parte do sistema da colonialidade, implantou nas sociedades ocidentais a ideia de pares opostos; dicotomias que serviam para justificar graus de desenvolvimento social e nichos de subordinação que afetam, ainda hoje, na categorização de pessoas, espaços e saberes, por meio

---

<sup>29</sup> Sujeitos destoantes aqui, refere-se a quem não se encaixa aos estereótipos vigentes pelo paradigma moderno ocidental estruturado pela Europa no processo de colonização. Estes paradigmas, enquanto referência de desenvolvimento cultural, produziram flexibilidade do controle da população.

de comparações intencionalizadas, tais como: superior/inferior, racional/irracional, primitivo/civilizado, tradicional/moderno (LUGONES, 2014).

Neste sentido, compreende-se que a colonialidade que se estabelece nos países Latino-Americanos influencia, ainda hoje, de maneira direta e intrínseca nas esferas mais íntimas da memória e do cotidiano da comunidade LGBTQIA+, uma vez que estes ocupam nos eixos da engrenagem do poder, a classificação de desviantes. Através desta indução cultural, mecanismos de doutrinação foram e ainda são instituídos em várias esferas da sociedade, desde a dificuldade em lidar com a alteridade, aqui destacando as desigualdades de gênero, sexualidade e raça, como também na elaboração de falas de repúdio contra a comunidade LGBTQIA+ por parte de movimentos religiosos e estatais. Em um vídeo gravado pelo pastor Silas Malafaia (2015), é possível identificar a demonização, em nome do conservadorismo, dos indivíduos que não se enquadram na ordem paradigmática dominante, como observa-se abaixo:

Querem agora mudar o paradigma da sociedade, é até um direito eles quererem mudar, e eu tenho o direito de preservar macho e fêmea. Porque essa é a história da civilização humana. E tenho o direito, no Estado democrático, de fazer campanha contra qualquer um que venha tentar levantar – como “tentando colocar um novo paradigma na sociedade” [...] Então eu quero conchamar porque nós somos a maioria, as pessoas de bem que não concordam com essa promoção de homossexualismo (MALAFAIA, 2015)

Pela narrativa do pastor, observa-se que parcela destes grupos utilizam como pretexto de reivindicação, por exemplo, a necessidade de idealizar um modelo de família tradicional, que coloca a figura masculina como preponderante e crucial nas estruturas sociais. Se tratando do estudo desta pesquisa, cabe destacar a formação das territorialidades LGBTQIA+ na *Rua da Lama*, enquanto uma estratégia de proteção contra estes discursos, que podem ser percebidos em contextos do cotidiano em diversos níveis de agressividade, como piadas, exclusão e violência física e verbal. Judith Butler contribui com esta análise através da crítica genealógica, discutida fortemente por Foucault e possibilita um melhor entendimento das formas que a colonialidade insere suas engrenagens na sociedade, no que diz respeito ao gênero e a sexualidade:

A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos. A tarefa dessa investigação é centrar-se - e descentrar-se – nessas instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2003, p. 9)

Seguindo este raciocínio, tem-se na sociedade uma genealogia pré-estabelecida pelas principais instituições de poder que estiveram vinculadas ao processo de colonialidade, já a

muito tempo. O falocentrismo, enquanto uma convicção de superioridade masculina em detrimento dos demais indivíduos é o que modela toda estrutura da ordem social. Na esteira deste raciocínio, em meados do século XIX, a criação dos discursos sobre o sexo impulsiona os debates de sua influência nas relações de poder e conhecimento. Segundo Giddens, neste momento a “sexualidade feminina foi reconhecida e imediatamente reprimida – tratada como origem patológica da histeria. (1993, p. 30-31). A partir deste sistema, outras dicotomias e categorias de subordinação são elencadas na sociedade como, por exemplo, classe social, raça, sexualidade etnia, localização geográfica, para citar alguns exemplos. Se tratando de sexualidade, uma das principais condições que ameaça a organização do poder, “não deve ser compreendida somente como um impulso que as forças sociais devem conter. Mais que isso, ela é ‘um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder’”. (GIDDENS, 1993, p. 29). Esta e as outras categorias estabelecidas na genealogia ocidental produzem inevitavelmente força – em maior e em menor escala – nas narrativas, influências, decisões, dependendo de onde se localiza o nicho de subordinação analisado no sistema de poder. Em outras palavras, é necessário entender este sistema enquanto articulador da “verdade”, do saber e do poder, colocando sempre no cume destas relações, o homem dito macho e os demais indivíduos que se enquadram em um padrão heterocisnormativo. Foucault contribui com esta investigação entendendo que a “verdade” é articulada e “produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos [...] a 'verdade' é objeto de debate político e de confronto social (as lutas 'ideológicas')” (FOUCAULT, 1998, p.13).

Ademais, estes confrontos sociais, quando analisados sob lentes de observação mais minuciosas, podem produzir interpretações de desigualdade e opressão sociais mais específicas. Neste contexto, o conceito de interseccionalidade é imprescindível para compreender as maneiras que se manifestam os processos de opressão sendo, portanto, vivenciados pelos membros da comunidade LGBTQIA+ na *Rua da Lama*. A memória, o cotidiano e as experiências de cada indivíduo são atravessadas apenas pelo fato de se enquadrarem enquanto sujeitos desviantes, embora cada um experiencie esta opressão em diferentes níveis. Em outras palavras, a população LGBTQIA+ pode ocupar a *Rua da Lama* por diferentes motivações. Vale mencionar que, dentro deste grupo, existem sujeitos com identidades e vivências cotidianas totalmente distintas uma das outras, o que pode influenciar na multiplicidade de motivações de ocupação destes indivíduos na já mencionada rua. Haesbaert usa o conceito de múltiplas territorialidades para explicar como a presença da alteridade se desencadeia na estrutura da

territorialidade e reforça a possibilidade de “conviver num mesmo espaço, alimentando ou não as lutas pelo território” (2007, p.33).

Seguindo esta lógica, esta pesquisa analisa o processo de formação de territorialidades LGBTQIA+ na *Rua da Lama*. Mas também tem como objetivo traçar a existência de diferentes formas de experimentar e/ou vivenciar o recorte espacial da pesquisa por estes indivíduos. Em outras palavras, compreende-se que existem inúmeras motivações, experiências, memórias que produzem relações de identidade/alteridade no processo de territorialização na *Rua da Lama* em Vitória-ES. É preciso que se entenda que na operacionalização deste espaço, a identificação da comunidade LGBTQIA+ independe das subjetividades que produzem a alteridade destes grupos, uma vez que, na maior parte dos casos, todos são impactados pela opressão pelo simples fato de existirem como “ser social” que não se enquadra nos estereótipos sexistas e heterocisnormativos. No entanto, é de suma importância identificar dentro dessa categoria – LGBTQIA+ – a existência das diferenças, que podem produzir níveis de subordinação e perseguição na já mencionada rua. O conceito de interseccionalidade<sup>30</sup> permite que se faça diagnósticos sociais imprescindíveis para compreender as inúmeras trajetórias e os processos de localização geográfica dos sujeitos, bem como identificar o lócus de enunciação de cada indivíduo. Percebe-se na prática, por exemplo, que um gay, branco e de classe média não experimenta o mesmo nível de demonização que uma transsexual moradora de favela ao frequentarem um mesmo espaço, como a *Rua da Lama*.

Analogamente, Costa *et al.* (2010) dá a devida atenção a interseccionalidade é imprescindível para compreender as diversas formas pelas quais as pessoas se localizam em relação as categorias dominantes. Neste sentido, orientações sexuais, identidades de gênero, etnias, graus de incapacidades/deficiências, localizações geográficas operam em diferentes formas na produção das discriminações. Na esteira deste conceito, o olhar interseccional funciona enquanto uma lupa, que permite traçar diagnósticos de opressão identificadas nas identidades sociais. Se tratando da comunidade LGBTQIA+, estas sobreposições que intensificam a opressão podem produzir, inclusive, a inviabilidade do processo de territorialização na *Rua da Lama*. É importante que se entenda que identidade de gênero e a

---

<sup>30</sup> O conceito de interseccionalidade ganha visibilidade através dos estudos feministas negros e de cor desenvolvidos nos anos 70 nos Estados Unidos. Segundo a vertente deste pensamento feminista, não é possível compreender a realidade das mulheres de cor (latinas, asiáticas, afro-americanas ou indígenas norte americanas) nos Estados Unidos quando se considera as categorias que são dominantes entre os grupos sociais subalternizados (negro, mulher e pobre). Desta forma, chamam a atenção para as correlações entre pureza de categorias e as referências hierárquicas de que são portadoras. (LUGONES, 2008). Atualmente a ideia de interseccionalidade compõe “uma área de investigação que estuda os significados e as consequências das múltiplas pertencas categoriais” (OLIVEIRA, 2010, p. 27).

orientação sexual são condições que possibilitam a identificação destes indivíduos; uma vez que isso ocorra, estes grupos estabelecem força e produzem redes de proteção nos espaços frequentados. Ainda neste contexto, é relevante compreender que o acesso a *Lama* por estes grupos pode ser atravessado de dificuldades que tocam desde as suas localizações geográficas de origem quanto o sentimento de não-pertencimento, uma vez que “o mundo urbano não é homogêneo, há uma multiplicidade de atos, modos de vida, de relações” (CARLOS, 1999, p.20). Deste modo, esta pluralidade de trajetórias, costumes e memórias estabelecem alteridade, em maior ou menor grau, em um nível que pode gerar exclusões dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Se tratando da intersecção e de como ela pode ser vivenciada no espaço urbano, Hutta e Balzer (2013) trazem em artigo, um relato de um ativista que se identifica como travesti morador do complexo da Maré no Rio de Janeiro, que elucida como a categoria de localização geográfica é experimentada nos espaços de subalternidade:

Hoje as pessoas fazem questão de dizer: “Não gosto de gay!”. As pessoas fazem questão de passar e tacar uma lâmpada na cara... ou fazer isso ou fazer aquilo. Que considero assim, é... dentro da favela, considero que seja maior... né? Porque não tem uma lei que assegure aquele indivíduo. Ter, tem. Mas aqui dentro não funciona! Se eu sofrer homofobia e levar uma lâmpada na cara, vai ter que ficar por isso mesmo e pronto e acabou! Eu não vou ter que... eu não posso ir, chegar no Centro de Referência e denunciar. Não posso porque eu moro aqui. Tenho família aqui<sup>31</sup>

Ao analisar a fala do ativista, observa-se uma de tantas outras facetas que podem ser experimentadas por indivíduos que vivenciam diferentes pertencimentos sociais. Ao conciliar estas inúmeras realidades com o objeto de estudo desta pesquisa, compreende-se que no momento em que se ocupa a *Rua da Lama*, os processos de territorialidade são distintos, repletos de significados, motivações. Entre os membros da comunidade LGBTQIA+, os principais registros de denúncias por violência e atos de discriminação são percebidos por pessoas do sexo masculino (73%) e atingem sobretudo a população preta/parda e jovem (faixa etária entre 15 a 30 anos)<sup>32</sup>. Com estes dados, é possível diagnosticar que as múltiplas formas de discriminação e interdições socioespaciais perpassam identidades de gênero, orientação sexual, pertencimentos étnico/raciais e territoriais (VARANDA *et.al*, 2019). Seguindo este pressuposto, estas heterogeneidades vinculadas ao *ser* LGBTQIA+ podem conferir experiências distintas ao sentido de pertença do grupo em contextos específicos. Com base nestas múltiplas realidades, a proposta central do próximo capítulo é interpretar de que forma

<sup>31</sup> Entrevista com Gilmar em 12/01/2011 *apud*. SILVA; ORNAT; JUNIOR, (2010).

<sup>32</sup> Dados obtidos através do Terceiro relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, publicado pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos em 2016. Observa-se que ao longo desta pesquisa, dados mais atuais serão fornecidos a título de comparação.

estas multiplicidades se manifestam no processo de territorialização da *Rua da Lama*, seja entre os próprios membros da comunidade, como pelos grupos que ameaçam suas seguranças ao experimentarem a prática da (co)existência.

## Capítulo 02 – territórios, conflitos e subjetividades

Este capítulo objetiva ampliar o debate posto nesta pesquisa, possibilitando a partir daqui um enlace mais direto entre os relatos das pessoas que frequentam a *Rua da Lama* vinculados aos seus respectivos lócus de enunciação. A partir dessa análise, é possível perceber como estes indivíduos simbolizam e por conseguinte, produzem um estereótipo<sup>33</sup> sobre aquele ambiente. Neste sentido, interpreta-se as marcas das subjetividades que transpassam a existência da comunidade LGBTQIA+, o que se manifesta de formas variadas em nível individual. Este movimento interpretativo parte da produção de epistemes alternativas e plurifocalizadas. Em outras palavras, a pesquisa destas múltiplas fontes de conhecimento (epistemes) mantém relação com o conceito de interseccionalidade, ferramenta que auxilia a compreensão das múltiplas e por vezes conflituosas relações existentes dentro da comunidade LGBTQIA+. Forma-se, portanto, uma estrutura territorial em que residem perspectivas, trajetórias, experiências e saberes que se atravessam e que podem produzir tensões. Diante disso, é preciso realçar a existência da opressão e a forma com a qual a sociedade heterocisnormativa, exercem poder e ameaçam a efetivação dessas territorialidades LGBTQIA+ na *Rua da Lama*. Por fim, o capítulo identifica como estas subjetividades inerentes a comunidade LGBTQIA+ e os entraves externos se apresentam e produzem as coexistências na área em questão.

### 2.1 – LGBTQIA+: múltiplos, diversos e territoriais

Ao decidir estudar mais a fundo a comunidade LGBTQIA+ e suas buscas por territorialização na *Rua da Lama*, uma das tarefas imprescindíveis do pesquisador é saber identificar que os lócus de enunciação produzidos pela comunidade LGBTQIA+ estão amalgamados com o que estes sujeitos vivenciam entre os seus pares em sociedade. Tais vivências são a base do amalgama formado por distintas trajetórias e processos de opressão. O movimento de territorialização é uma resposta aos impactos sofridos por esta estrutura social. Essa resposta acontece por muitas vias, uma das mais famosas expressões dessas respostas se dá em *Stonewall* em 28 de junho de 1969. O ocorrido que resultou em uma série de manchetes em várias partes do mundo, tratou-se de protestos violentos e espontâneos, ocorrido no bar de

---

<sup>33</sup> Ao longo das entrevistas, com sujeitos identificados como heterossexuais, pôde-se ouvir comentários que indicam as formas como a Rua da Lama está presente no imaginário hegemônico. Como exemplo, pode-se mencionar, “A Rua da Lama é um lugar de baderna”, “A Rua da Lama é ambiente para pobre”, “só da gay ali”.

*Stonewall Inn*, localizado na região conhecida como “gueto homossexual” da cidade de Nova York. Este movimento foi executado especialmente por alguns membros da comunidade LGBTQIA+. Naquele momento, gays, drags, lésbicas e transexuais respondiam em forma de protesto pelos abusos cotidianos, agressões e perseguições muito comuns na década de 60 em algumas áreas novaiorquinas (CAMARGOS, 2007). A revolta em *Stonewall* significou também a conquista de espaços públicos por pessoas que eram percebidas, naquele contexto, como “doentes, aberrações sociais, espécies patológicas” carimbadas pela ciência médica. Naquele momento, como uma forma de contra-atacar, iniciou-se manifestos com os gritos de **‘Nós queremos liberdade e Poder gay’** [e então] começou uma manifestação que durou três noites” (CAMARGOS, 2007, p. 58). Foi a partir desse acontecimento, que os primeiros movimentos de visibilidade LGBTQIA+ ganharam densidade e visibilidade por todo mundo.

O percurso geohistórico das lutas LGBTQIA+ por reconhecimento e cidadania é marcado por uma série de eventos que repercutem até hoje na organização política dessa comunidade. Um dos objetivos dessa luta é desconstruir o imaginário coletivo que embasam uma série de preconceitos e violências. Há de se destacar, no entanto, que não se trata da totalidade da comunidade LGBTQIA+ que se envolve política e socialmente em tais lutas. Nestes termos, é preciso se desvencilhar da ideia, muitas vezes generalizada, de que todo grupo social minoritário se organiza - em sua totalidade - para reivindicar seus direitos. Apartar-se de tais ideias permite a ampliação das percepções sobre as formas de se organizar de cada grupo, impedindo o anulamento das complexidades identitárias que (re)fundam a comunidade LGBTQIA+ na grande estrutura de poder que organiza a sociedade. Nestes termos, é preciso compreender que, no recorte de *Stonewall*, uma parcela da comunidade LGBTQIA+ se isentou de participar dos manifestos, impulsionada por, entre outros motivos, o de experimentarem trajetórias cotidianas marcadas por menor grau de violência e opressão. É importante compreender no movimento em *Stonewall*, a força de “hippies, o movimento negro que ganhou força com Martin Luther King, o movimento feminista, dentre outros, como propulsores e ativadores do movimento gay estadunidense” (CAMARGOS, 2007, p. 60). Estes outros sujeitos que vivenciam, para além da orientação sexual, outros indicadores de subalternidade, tinham a sua segurança comprometida em um contexto de extremo conservadorismo. No que toca os objetivos desta pesquisa, vale ressaltar que *Stonewall* inicia um processo de luta que nas suas mais atuais reverberações, impacta o processo de territorialização LGBTQIA+ na *Rua da Lama*. Este Espaço é permeado por uma outra temporalidade e formulações identitárias múltiplas e diversas, resultado de um longo processo que desemboca na contemporaneidade, na qual a comunidade LGBTQIA+ está atualmente inserida.

Se tratando do mundo contemporâneo ao qual a sociedade está inserida, é importante destacar que a maior parte das relações identitárias “são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ - isto é, identidades para os indivíduos” (HALL, 2006, p. 17). Em outras palavras, o que delinea a construção identitária é o seu caráter multiforme. Partindo de sistemas integrados, multiescalares e temporários; os sujeitos se conectam, socializam, e constituem suas identificações de maneira pontual, podendo ser notadas nestas relações, falhas de identificação, e conseqüentemente, discordâncias. Maffesoli (1998) entende essa construção enquanto uniões em pontilhados, que apresentam descontinuidade, brechas que compõem um grande complexo de subjetividades. Não obstante, de tempos em tempos, a sociedade vivencia “um tipo de sensibilidade, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com os outros” (MAFFESOLI, 1998, p. 101). É nestas tendências geoespaciais que as relações cotidianas ora ganham maior densidade em suas tessituras territoriais; ora se fragilizam, a depender de seus graus de identificação.

Partindo destes metamorfismos socioculturais percebidos com o passar do tempo, não é viável seguir pela percepção de que os processos de identificação são imbricados de um nó ou tessituras sempre confortáveis. Pelo contrário, apresentam disjunções, descontinuidades e fragilidades. Seguindo este raciocínio, a colonialidade produz dentro das tribos sociais, disjunções que caracterizam o mundo pós-moderno. Estas conseqüências herdadas deste construto social são facilmente percebidas em aglomerações espaciais, e se tratando da *Rua da Lama*, isso não se faz diferente. Em outras palavras, é possível perceber que existe exclusão dentro da própria comunidade LGBTQIA+; afastamentos estes, percebidas por meio de mecanismos comportamentais. A desconformidade social é a válvula propulsora para o movimento de territorialização. Em outras palavras, a força centrípeta da sociedade tende a empurrar os sujeitos para a conformação com o padrão branco, heterossexual e classe média. Por outro lado, os indivíduos e grupos subalternizados atuam como força centrífuga produzindo suas territorialidades de maneira mais ou menos resistente a depender de seu grau de proximidade com o centro hegemônico. Raffestin (1993) complementa, identificando os prejuízos causados pelo colonialismo na contemporaneidade, dizendo que:

A composição da população, quer seja considerada do ponto de vista étnico, lingüístico ou religioso, é com freqüência abordada por meio da categoria homogeneidade *versus* heterogeneidade. A homogeneidade é, nesse caso, percebida como uma condição favorável à sobrevivência do Estado, enquanto a heterogeneidade é tida como uma condição mais desfavorável. (p. 27-28)

A lógica da homogeneidade cultural carrega consigo, o trunfo, o ideal do controle da população, como estrutura que flexibiliza a perpetuação do Estado. Trata-se de um sistema que

inseriu paulatinamente na sociedade a premissa de que existe um ideal, um parâmetro ou padrão social e comportamental que produziria o êxito social. É nestas circunstâncias que várias tribos urbanas estabelecem os enfrentamentos que estão na base da organização e manutenção de seus territórios. Essas tribos são sempre múltiplas por conter em seu interior, uma multiplicidade de vozes que estabelecem entre si, certo grau de democracia sem, contudo, estabelecer consensos unânimes. Essas tribos são estruturas a partir de um processo de transformação constante, o que impacta profundamente a territorialização de seus membros. Em outras palavras, as multiformidades sociais ao mesmo tempo que se fortalecem por meio da coexistência, encontram desafios que precisam ser contornados, pois “a troca desigual ou a comunicação desigual determinam transformações destrutivas ao longo das estruturas [territoriais]” (RAFFESTIN, 1993, p. 62)

Colocando em pauta estas referências, entende-se *Rua da Lama* como um ambiente, que já há muito tempo, vem sofrendo mudanças estruturais que afetam a dinâmica organizacional do espaço. Estas multiplicidades identitárias funcionam também como fator produtor do emaranhamento entre “as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2006, p. 9). Partindo da aplicação do conceito de multiterritorialidade, é possível construir uma análise da *Rua da Lama* que amplifique o entendimento dos possíveis desencontros internos vivenciados pela comunidade LGBTQIA+ que a frequenta. As multiterritorialidades, percebidas com maior intensidade entre os sujeitos de classe sociais financeiramente mais elevadas, diz respeito a capacidade de assumir e interagir com mais de um território. Nesta perspectiva, entende-se que a Multiterritorialidade é o resultado “de uma sobreposição lógica de territórios, hierarquicamente articulados, ‘encaixados’” (HAESBAERT, 2007, p.35). Estas sobreposições territoriais promovem, ainda que inconscientemente, poder sobre as outras pessoas, no sentido de conduzi-las a uma organização territorial que seja menos democrática, o que gera desencontros. Neste sentido, muitos indivíduos que experimentam uma condição social privilegiada, experienciam a *Rua da Lama* em situação de simultaneidade com indivíduos que são impactados por uma condição de maior subalternidade nas relações sociais. Em outras palavras, a *Rua da Lama* é um espaço-território, uma vez que nela, lócus de enunciação distintos se encontram, revelando a forma como os frequentadores da *Lama* formalizam suas estratégias para a construção de um ambiente que promova minimamente acolhimento, como pode ser percebido na fala de Robson:

Eu acho que é um lugar, atualmente, mais frequentado por jovens.... Jovens ricos, jovens da periferia, jovens que moram em Jardim da Penha mesmo... E tipo, entre os jovens, é mais fácil qualquer grupo ter aceitação, por que os jovens tendem a ter um esclarecimento maior... A nossa geração é muito mais tolerante. Então assim... Como a gente sabe

que quando chegar lá, vão ter pessoas da nossa idade, é muito mais difícil a gente se sentir desconfortável lá. (Entrevista realizada com Robson, em junho de 2022)

Com base no discurso de Robson, é possível demarcar a existência de uma faixa etária que majoritariamente caracteriza as dinâmicas na *Rua da Lama*. A juventude<sup>34</sup>, como um nicho social mais abrangente, por si só não consegue contemplar a multiplicidade de alteridades que ali se encontram, no entanto, consegue agrupá-las, ainda que inconsciente, por meio de um processo de identificação. Em outras palavras, o *ser jovem*, bem como o *ser LGBTQIA+*, no processo de territorialização da *Rua da Lama*, produz identificação. Apesar dessa concepção, o sentimento de pertença e segurança se constitui, uma vez em que Robson entende que o “Ser jovem”, é ser, no contexto da *Rua da Lama*, comumente mais tolerante. Fato a partir do qual se deduz que sejam mais acolhedores. Diante disso, Maffesoli (1998) contribui para o entendimento do que se vivência na *Lama*, ao dizer que as relações sociais são atravessadas de subjetividades, entendendo que “a fusão da comunidade [...] cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro [...], mas antes estabelece uma relação oca [...] [que] se cruza, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam (p. 102). Com base no que Maffesoli trás, é possível estabelecer um diálogo com o que Guilherme mencionou, ao ser perguntado sobre a conformação de grupos na *Rua da Lama*:

A Rua da Lama não é um Lugar de gay... É claro, na Rua da Lama, você tem os espaços mais dominados por cada grupo, igual, lá mais pra baixo, você tem mais o pessoal que tem o estilo mais periférico, é o pessoal que gosta de usar aqueles blusão, aqueles shortão... Tem vários nichos, a Rua da Lama é um nicho que comporta vários outros nichos. (Entrevista realizada com Guilherme, em junho de 2022)

Ao analisar o discurso de Guilherme, é possível perceber a *Rua da Lama* como um espaço que comporta diversas tribos urbanas subalternizadas ou não, que se organizam de acordo com as simbologias que estão espalhados pela rua, como ambulantes, bares, restaurantes e casas noturnas. A multiplicidade nesse sentido é carregada por laços de solidariedade em diferentes graus, uma vez que estes compartilham de algumas vivências que ora ou outra se atravessam. Estes vínculos, repletos de brechas e discontinuidades conformam a *Rua da Lama* e a especificam para muitas pessoas como um espaço de diversidade. Este ambiente, entendido como referência para muitos jovens, pode ser frequentado a partir de distintas motivações. Em outras palavras, as subjetividades que atravessam as trajetórias individuais são condicionantes para compreender as motivações ou negações no que diz respeito a frequentar a *Rua da Lama* por parte da própria comunidade LGBTQIA+. A interseccionalidade funciona aqui como uma

---

<sup>34</sup> Nesta dissertação, compreende-se juventude enquanto um grupo construído de maneira múltipla e diversa, e não como uma categoria identificada unicamente por critérios biológicos (BOURDIEU, 1983; CASSAB, 2011).

ferramenta que possibilita investigar de maneira mais tangível, as subjetividades espaço-temporais que são inerentes as formações territoriais ali estabelecidas.

Uma vez que este conceito é percebido como uma das ferramentas que iluminam a compreensão de como se desencadeiam as relações sociais na *Lama*, se torna possível realizar um mapeamento simbólico que capta a essência de diversos ambientes públicos. É importante que se entenda que a diversidade de tribos, e em destaque a comunidade LGBTQIA+ que movimentam a *Rua da Lama* nas noites dos finais de semana se direcionam até ela por diferentes motivações ou intencionalidades. O mais importante é identificar que, dentro deste grupo, existem individualidades, cujas identidades culturais e vivências cotidianas são difusas e agregam valor ao local por diferentes vias de interpretação. Esta realidade produz mecanismos que efetivam diversas territorialidades que ali se estabelecem. O conceito de múltiplas territorialidades explica como estes processos de identificação se desencadeiam na estrutura da territorialidade e reforça a possibilidade de “conviver num mesmo espaço, alimentando ou não as lutas pelo território” (HAESBAERT, 2007, p.33). Ainda neste raciocínio, tem-se que “os territórios plurais são uma multiplicidade de espaços diversos, culturais, sociais e políticos, com conteúdos jurisdicionais em tensão, que produzem formas particulares de identidade territorial” (ZAMBRANO, 2001, p.18 *apud* HAESBAERT, 2007, p.33).

Neste sentido, cabe a esta pesquisa reiterar a existência de diferentes formas de experimentar e/ou vivenciar a *Rua da Lama*. Além disso, compreender que a multiplicidade funciona como reprodutora de sentidos e simbologias que ali se manifestam. Como já mencionado anteriormente, a *Lama* pode ser compreendida, antes de tudo, como um ambiente que fomenta trocas sociais e permite que eventuais encontros de tribos se concretizem. Isso se torna possível uma vez que se percebe uma identificação matriz, que orienta e fortalece o território, ainda que a ação não seja planejada; trata-se de uma identificação que se respalda em experiências de grupos que foram e são constantemente marginalizados. No entanto, dentro dessas tribos, destacando principalmente a comunidade LGBTQIA+, existem diferentes outras categorias de subordinação que se refletem nas múltiplas formas e níveis de violência sociais, os quais estes sujeitos vivenciam. Neste sentido, o conceito de interseccionalidade possibilita investigações mais direcionadas, que estabelecem diagnósticos sociais imprescindíveis sobre localizações geográficas, intencionalidades, experiências sociais e lócus de enunciação. Em outras palavras, é compreender a complexidade que eventuais situações comprometem em maior ou menor grau a integridade física e/ou psicológica de um membro da comunidade LGBTQIA+, a depender de sua orientação sexual, identidade de gênero, sexo, etnia, raça, classe social e localização geográfica. É compreender que um gay, branco e classe média não

experimenta o mesmo nível de violações em sua integridade que uma transsexual negra que foi criada em uma favela, afinal de contas, não se trata de um gênero distinto, mas de um indivíduo que ultrapassou as classificações binárias. Costa et al. (2010) translucidam o conceito de interseccionalidade:

Um olhar interseccional [...] é importante para que possamos explorar as diferentes formas pelas quais as pessoas estão localizadas em relação a categorias dominantes. Assim, gêneros e identidade(s) de gênero, orientações sexuais, classes sociais, etnias, localizações geográficas ou meios habitacionais e graus de incapacidades/deficiências se conjugam e operam de diversas formas na construção e manutenção das discriminações [sic]. (CLARKE et al. 2010 *apud* COSTA et al. 2010, p. 93)

Neste sentido, a compreensão da interseccionalidade possibilita estabelecer uma discussão sobre as articulações por detrás da organização territorial existente na *Rua da Lama*. Ao longo de uma ampla pesquisa baseada nas conformações territoriais estabelecidas pelas travestis na cidade de Ponta Grossa (PR), Marcio Ornat complementa a ideia da interseccionalidade ao orientar como estas relações se fundem no espaço diante de todas suas subjetividades. Segundo ele, nestas conformações territoriais existem um conjunto de preceitos estabelecidos por conveniência, que utilizam o corpo e suas configurações físico-gestuais como um suporte. Estas funcionam como códigos que são legitimados por seus pares de relação (ORNAT, 2008). Seguindo esta concepção, é interessante compreender a afirmação identitária enquanto um dos trunfos que promovem a segurança na *Lama*. Inclusive, estas afirmações, quando colocadas na esfera espacial podem ser camufladas por quem as experimenta, uma vez que algumas evidências interseccionais são traduzidas como exclusão dentro da própria comunidade LGBTQIA+. Em geral, estas marcas interseccionais que atravessam o corpo são reconfiguradas na busca por inclusão e pertencimento, uma vez que “as posições socioespaciais são referidas aos corpos, pois é através destas marcas que os corpos são indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pelas aparências de seus corpos” (ORNAT, 2008, p. 28). Nesta via, as “características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (LOURO, 2004, p. 76), sendo estas, responsáveis pelo desejo em se descaracterizar para ser acolhido. Dessa forma, entende-se que “a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até mesmo modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente” (CUCHE, 1999, p.176)

Diante destas concepções, a caracterização das múltiplas individualidades é o principal caminho para que se possa compreender a comunidade LGBTQIA+ que transita diante de outras tribos na *Rua da Lama* em Vitória – ES. É possível observar dentro da própria comunidade, pessoas que moram fora do bairro de Jardim da Penha, que se encaminham para

a *Lama*, com o objetivo de socializar com outras pessoas antes das casas noturnas abrirem as portas; existem também os universitários da UFES que se concentram em sua grande maioria no Simpsons Bar ou no Buana por serem ambientes que oferecem preços mais acessíveis, ao mesmo tempo que despertam a sensação de proteção. Por fim, ambientes que simbolicamente, garantem maior sensação de acolhida para a LGBTQIA+: o Sofá da Hebe e o Caldeirão, bares estes que somam para além do sentimento de pertença, o de visibilidade dentro da própria comunidade. O importante aqui é compreender as dinâmicas descontínuas e paradoxais que circulam a *Lama*, por isso entendida nesta pesquisa como um território, mesmo entre grupos que se opõem, mesmo entre os seus pares. Territórios e territorialidades entendidas em suas subjetivas intimidades. Para Joseli Maria Silva:

O espaço paradoxal é complexo, envolve variadas articulações e dimensões [...]. Qualquer mulher ou homem membro da comunidade LGBTQIA+] <sup>35</sup> não pode ser vista constituindo apenas um gênero, mas também, a sexualidade, a raça, a religião e a classe social (...) (sendo) experienciados simultaneamente, podendo, portanto, subverter a ordem de forças entre “nós” e os “outros” devido sua pluri-localidade (...). É importante conceber que há pluralidade de masculinidades tanto quanto de feminilidades e que eles não são blocos homogêneos, pelo contrário, segundo Rose (1993) são construídos por significações repetidas na ação e, toda ação, é passível de variação. (SILVA, 2005, s/p).

Sugere-se, portanto, diante do conceito de interseccionalidade, a existência de multiterritorialidades que são experimentadas com maior frequência por aqueles que vivenciam menores graus de subordinação social perante o paradigma moderno ocidental. Neste contexto, as relações de poder entre centro e periferia territorial se inflamam. Estas particularidades podem ser melhor mensuradas quando analisadas em campo, pois a comunidade LGBTQIA+ está em contato, em enfrentamento, em aproximação e/ou distanciamento dos grupos heterocisnormativos.

## 2.2 – Comunidade LGBTQIA+: alteridade e busca por proteção

É de se observar que nos últimos anos, a comunidade LGBTQIA+ vem se tornando cada vez mais um importante objeto de estudo de geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos entre outros cientistas. Isto, em tese, possibilita-nos investigar com maior precisão os inúmeros processos culturais aos quais este grupo está constituindo a sociedade. Urge que tal realidade seja interpretada para além dos moldes epistemológicos ocidentais, que percebe estes sujeitos como desviados e desviantes. Na América Latina, mais precisamente no Brasil, “tal pânico

---

<sup>35</sup> Inclusão do autor

começou com a herança recebida da história europeia, a partir de 1500, quando nos tornamos geograficamente uma nação nos moldes ocidentais” (TREVISAN, 2018, p. 160). Estas heranças que afetam as relações culturais, decorrentes de um colonialismo, são mapeadas aqui principalmente no âmbito dos discursos da sociedade de massas<sup>36</sup>. Por meio desse grande sistema colonialista, a colonialidade já há muito tempo estabelecida na sociedade reproduz premissas, paradigmas e objetificações repletas de intencionalidades, reproduzindo neste sentido, perspectivas infundadas no que toca às relações de gênero e sexualidade. É de se presumir que estas perspectivas atinjam, em diferentes graus, o usufruto da liberdade destes grupos para vivenciarem em seu caráter genuíno, suas identidades e orientações sexuais de modo efetivo. Isto se torna ainda mais complexo, quando estes discursos de opressão resgatam, para além da misoginia e a homotransfobia, outras categorias de subordinações sociais, tais como racismo, elitismo classista, e o preconceito por localizações geográficas marginalizadas, que produzem mecanismos de opressão em maiores níveis e contextos, contra a comunidade LGBTQIA+.

Apoiando-se nesta contextualização a respeito da forma como as dinâmicas sociais multiformes fluem nos espaços e o transforma, é que se faz essencial para esta pesquisa compreender o papel que a alteridade exerce na compreensão das relações sociais que circundam o objeto de pesquisa aqui proposto. É de suma importância compreender que assim como a identidade, a alteridade estabelece movimentos que garantem a construção de espaços relacionais, imbricados de desafios e subjetividades. Entendida como uma relação de oposição entre o sujeito pensante (o eu) em relação ao outro, a alteridade permite-nos compreender os critérios inerentes ao eu de cada indivíduo, na construção de um arquétipo multicultural que caracteriza um território. É dentro desta esfera territorial que a alteridade exerce

o plano de forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência do inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogenética. (ROLNIK, 1992, p. 1)

Com base no que propõe o autor, a alteridade contribui na interpretação das dinâmicas que materializam as territorialidades. Na *Rua da Lama*, as alteridades se manifestam de forma a construir espaços mais ou menos democráticos, a depender do nível com que cada sujeito permite o acesso do outro as suas próprias perspectivas de vida. Esta relação com o outro acontece na medida em que alguns pontos identificados nas trajetórias de cada indivíduo se

---

<sup>36</sup> Entendido enquanto um grupo social guiado por culturas e laços sociais tradicionais.

encontram, mesmo que estes tenham partido de referenciais distintos, e subsequente a esse encontro, haja descontinuidades que causam um distanciamento entre estes indivíduos. Estes (des)encontros se materializam na *Lama* com maior notoriedade quando se propõe analisar o espaço à luz da globalização. Seguindo esta concepção, as relações de alteridade construídas na ótica do colonialismo, instituem-se por meio do imagético de um mundo modelado a partir da ideia de um “nós contra os outros”. Em relação a *Lama*, as relações de alteridade se fundam em um formato distinto, no qual há a existência de uma proximidade que estabelece afinidades, por tanto identificações, como também bloqueios relacionais. Este processo se concretiza no espaço geográfico a depender da (in)existência de afinidades, base para o processo de identificação entre os frequentadores da *Lama*. Nesta perspectiva, é possível compreender as confluências sociais contemporâneas como “uma imagem do eu invertida no espelho, capaz de confundir certezas pois não se trata mais de outros povos, outras línguas, outros costumes. O outro hoje, é próximo e familiar, mas não necessariamente é nosso conhecido” (GUSMÃO, 1999, p. 44-5).

Não obstante, é importante entender neste momento, com maior ênfase, as resistências encontradas nas interlocuções entre o eu e o outro na *Rua da Lama*, uma vez que estas justificam a produção desta pesquisa. A comunidade LGBTQIA+ frente a grupos heterocisnormativos estabelecem trocas mais ou menos funcionais a depender da reciprocidade e empatia existente entre estes grupos em um processo relacional. No entanto, é preciso considerar aqui que, na multiplicidade destes encontros entre tantos grupos sociais, ou mais singularmente entre tantos sujeitos, se faz presente uma performance condenatória das vivências próprias da comunidade LGBTQIA+. Isto se materializa em diversos graus, em relações amistosas ou não, por que mesmo que a alteridade significa o estabelecimento de distintas relações, conflituosas ou não, a construção cultural que funda a postura condenatória da comunidade LGBTQIA+ se expressa de distintas maneiras. Nesta perspectiva, o fato de um sujeito ser LGBTQIA+ ou um apoiador da comunidade não o livra de expressar os preconceitos comuns na sociedade na qual ele se insere. Isto nem sempre acontece de forma ativa e racional, pois, em alguns momentos, estas expressões de preconceitos “se fazem invisíveis aos olhos e ouvido, dado que nossa percepção se encontra cativa de nosso pensar por princípios e valores de nossa cultura, tidos por nós como universais, verdadeiros, legítimos e únicos” (GUSMÃO, 1999, p. 42).

Com base no exposto, pode-se considerar a alteridade como um elemento inerente a construção relacional humana, e possibilita perceber a construção territorial visualizada na *Rua da Lama*, por meio das territorialidades ali existentes. Neste contexto, percebe-se na grande Vitória e mais precisamente na *Lama*, a manifestação da alteridade atrelada as múltiplas identidades vindas de tantos grupos sociais distintos. Estes se (re)produzem no espaço por meio

de performatividades e simbologias que marcam a existência de um eu que, concomitantemente, dialoga com outras vivências. Neste viés, entende-se que “a existência de um eu, só é possível via relações sociais e, ainda que singular, é sempre e necessariamente marcado pelo encontro permanente com os muitos outros que caracterizam a cultura (ZANELLA, 2005, p. 102). Através disso, entende-se que a existência desta multiplicidade de elementos em um ambiente comum, permite a percepção do espaço enquanto um território para as muitas minorias sociais.

Através destas relações cotidianas de poder e subalternidade, estes indivíduos tomam temporariamente o controle, em níveis micro escalares, daquele espaço fazendo dele plataforma para performances que têm em sua raiz a afirmação identitária. Por outro lado, trata-se de algo que promove desconforto em grupos heterocisnormativos ou *outsiders* da comunidade LGBTQIA+. Nesta perspectiva, na *Lama*, os sujeitos LGBTQIA+ estabelecem um nível de organização que permite uma representação mais plural por meio de símbolos, performances, linguagens que projetam, a partir das trajetórias destes sujeitos, as identidades no espaço. Este processo é indutor de resistência de forma que a comunidade LGBTQIA+ criam estratégias que podem diluir ou subverter sistemas de violência que colocam a afirmação identitária e a proteção destes grupos sociais em risco. Como afirma JESUS (2010, p.24) “o poder das minorias ativas está em contestar as concepções hegemonicamente condicionadas, transformando-as para que se aproximem do ideal que almejam”. Estas contestações imbricadas em movimentos de visibilidade e repúdio ao preconceito e violências, tendo como palco um dos principais pontos turísticos da cidade de Vitória, possibilitam a impulsão de discordâncias e conseqüentemente conflitos com grupos conservacionistas.

Por meio destas constatações, a *Rua da Lama*, como um território, exige das minorias uma resistência, que objetiva a perpetuação do ambiente favorável aos sujeitos subalternizados. Isso torna a *Lama* palco de uma zona de conflitos e disputas de interesses entre os conservacionistas e os grupos marginalizados. Todo este movimento de tensão é precedido de racionalizações “ligados a um sistema de ideias de um indivíduo ou grupo, os quais podem ter sido adquiridos pela experiência ou como herança das crenças e tradições do contexto sócio-cultural em que se vive”. (BESPALEC; ANSELMO, 2009, p. 71). Na prática, isso se manifesta em atritos entre grupos que experimentam ideologias distintas, onde o Estado e grupos sociais heterocisnormativos vulnerabilizam a manifestação das afirmações identitárias na *Lama*, seja através de repúdios e ações que ferem a integridade física e/ou psicológica destes indivíduos, seja por meio de denúncias realizadas por grupos conservadores que moram nas adjacências da *Rua da Lama*, ou de agentes midiáticos que distorcem os fundamentos que potencializam e em alguns casos garante a liberdade destes grupos por lá. Ao longo da trajetória desta pesquisa,

por meio de um grupo focal realizado em agosto de 2022, Alexandre expõe suas inquietudes e descontentamentos a respeito da *Rua da Lama*, que o levou a se distanciar do local, salientando algumas condutas vivenciadas por lá que feriam suas crenças e valores:

Po, não dá pra frequentar a Lama mais porque um dia eu fui com minha esposa na Esfiheria, sentei numa mesa pra comer, pedimos nossas esfihas, e chegou um grupo [...] homossexuais, nada contra, só que da mesma forma que eu não fico maliciando minha mulher em público, não falo certas coisas em público, sendo hetero, eu também acho que não é conveniente as pessoas ficarem gritando aos sete mundos o que eles tão fazendo ou deixando de fazer.

Saindo ali da Esfiheria, fui com minha esposa no 40 sabores tomar sorvete... tinham três meninos e duas meninas que estavam extremamente bêbados... As meninas começaram a se beijar... Daqui a pouco elas beijavam os meninos, daí a pouco elas caíram no chão, e aí esse ambiente não retrata mais a minha realidade de vida, de conduta aos meus princípios. (Entrevista realizada com Alexandre, em agosto de 2022)

A narrativa propagada por Alexandre possibilita identificar a presença de desconforto em relação a ocupação da *Rua da Lama*, e aquilo que esta ocupação viabiliza para a comunidade LGBTQIA+. Nesses termos, é possível perceber que na *Lama* se constitui articulações ou ações cotidianas que podem representar esta diferença entre o nós e os outros, ou em termos geográficos, a constituição dos territórios, por intermédio de presença efetiva de territorialidades LGBTQIA+. Neste viés, Rogério Haesbaert (2008) contribui dizendo que o território e a territorialização surgem na medida em que se identifica em um determinado espaço uma “multiplicidade de poderes [...] tanto no sentido de quem sujeita, quanto no de quem é sujeito, tanto no sentido das lutas hegemônicas, quanto nas lutas de resistência – pois poder sem resistência, por mínima que seja, não existe” (p.22). Na esteira deste raciocínio, ainda é possível perceber na narrativa de Alexandre, que as microterritorialidades LGBTQIA+ existentes na *Rua da Lama* identificadas nos principais pontos como o Sofá da Hebe, o Bar do Caldeirão, e as casas noturnas *Bolt e Lamah Lounge*, funcionam como redes que se conectam e produzem uma ampliação dos ambientes de afirmação identitária destes grupos. Esta configuração geoespacial interfere diretamente nas relações mais gerais que circundam os demais bares ali existentes, funcionando neste sentido como um sistema que amplifica o alcance identitário das minorias ali presentes, caracterizando com maior efetividade o espaço enquanto um ambiente mais seguro para suas r-existências.

Neste sentido, pressupõe-se que a conexão dessas microterritorialidades LGBTQIA+ existentes na *Rua da Lama* transformam as brechas – ou descontinuidades - presentes na *Lama*,

em espaços mais democráticos para o público geral. No entanto, ressalta-se aqui a existência de outros sistemas que precisam ser considerados para a compreensão das ameaças que estão presentes nas engrenagens de um território. O poder propriamente dito, enquanto um agente que coordena o sistema sociocultural no ocidente, favorece grupos heterocisnormativos, uma vez que, para citar um exemplo, o próprio Estado os fortalece. Em outras palavras, é possível perceber que, por mais que exista força territorial por parte da comunidade LGBTQIA+ pela presença em massa destes grupos na *Lama*, não há o surgimento de um controle total desta área. Em outras palavras, a presença maciça de LGBTQIA+ estabelece uma base na *Rua da Lama*, para a construção de territorialidades. No entanto, o poder hegemônico se faz presente de muitas maneiras, se aproveitando dos interstícios das territorialidades LGBTQIA+ para se manifestar. Esse processo se intensifica pelas estruturas estatais que de muitas formas, apoiam o grupo heterocisnormativo. Portanto, neste sistema, é possível observar ações do poder governamental que impactam os enlaces da comunidade LGBTQIA+, por meio da ordem imposta, afetando diretamente as ações cotidianas que produzem a manutenção das territorialidades ali estabelecidas.

Por meio destas considerações, é necessário estabelecer questionamentos sobre as garantias e conquistas concebidas pela comunidade LGBTQIA+ em relação a sua segurança, ao longo dos anos. É inquestionável e visualmente perceptível o quanto parte da sociedade moderna vem se politizando quanto as discriminações de gênero, raça e sexualidade. Ao mesmo tempo, observa-se uma crescente nos índices de violência, homicídio e lesões corporais como demonstra o relatório de violência e homofobia extraídos do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022). Neste sentido, é preciso visualizar de maneira ampliada, de que forma estes paradigmas herdados funcionam no mundo contemporâneo. Em uma análise mais singular, muitos indivíduos enfrentam a dificuldade em se reconhecer enquanto membro da comunidade LGBTQIA+, e efetivar suas vivências de maneira orgânica. Em uma perspectiva mais ampliada, estes paradigmas e o sistema opressivo inerente a eles, ainda hoje, gera a sensação de que não exista de fato, uma equidade sociocultural. Neste contexto, é preciso que se diga que “não seria absurdo imaginar que as inúmeras, reiteradas e violentas proibições a sexualidade desviante talvez tenham engastado no desejo homossexual um pânico arquetípico, quase no nível de pulsão (TREVISAN, 2018, p. 160). Estes apontamentos opressivos, muitas vezes vistos por parte da elite detentora do poder, promovem ainda hoje o falocentrismo e a homotransfobia, apoiando-se em fundamentos de medicina e teologia. Em análises menos recentes, a utilização da procedimentos da medicina era atrelada a tratamentos do “homossexualismo”, como forma de subverter uma possível anomalia ou doença psicológica.

Em *Devassos do Paraíso*, de Trevisan (2018), o autor resgata - em uma pequena análise de registros de homofobia dos últimos decênios - relatos cotidianos de discriminação que colocam em questão ainda hoje, a necessidade em se atentar quanto as narrativas e estratégias de proteção produzidas por quem às vivencia.

A luz de alguns relatos, é possível relacionar estas eventualidades com a necessidade vista em muitos grupos sociais, de buscarem respaldo, ou de garantirem minimamente que estas discriminações não sejam novamente reproduzidas, de forma velada ou não. Tem-se como um primeiro exemplo, o plenário do congresso Constituinte, que votou durante a aprovação da nova Constituição de 1988, em sua maioria, contra a inclusão do item que invalidava a descriminalização por orientação sexual. Outro exemplo, agora registrado na década de setenta, por meio de um manual de medicina da época, diagnosticava o “homossexualismo masculino”, (não reconhecendo inclusive a sexualidade feminina), como uma patologia psíquica ou somática. No pior dos exemplos, tem-se em 1993 o caso do vereador do Vilarinho de Coqueiro Seco (AL) Renildo dos Santos, que ao se manifestar enquanto bissexual em uma rádio local, acabou sendo afastado da Câmara Municipal, por escandalizar a norma da decência (TREVISAN, 2018). Dias depois, o cadáver do vereador foi encontrado “com os órgãos sexuais mutilados, pernas quebradas [...]; sua cabeça apareceu boiando num rio, não longe do local, sem olhos, a língua e as orelhas, além de dois tiros num ouvido” (TREVISAN, 2018, p. 156). Estes relatos, ocorridos há alguns anos, associados a outras formas de discriminação cotidianas funcionam como gatilho para muitos grupos que vivenciam a homotranssexualidade enquanto uma das formas de existência. Estes sabem melhor que quaisquer outros grupos e narrativas proferidas, quantas incertezas e desafios precisam ser superados, e quais estratégias podem e precisam ser testadas. Em linhas gerais, fugir da normatividade requer fôlego, e estratégias que subvertam situações que carecem estes grupos sociais, contemplando desde o direito de ir e vir nos espaços públicos de maneira genuína; como garantir a redução de violências/homicídios dolosos referentes a indivíduos, cujas identidades de gênero ou orientação sexual se desviem dos protótipos culturalmente esperados.

Com base nos relatos expostos frente aos desafios que marcam a existência da comunidade LGBTQIA+ enquanto um grupo múltiplo, difuso, plural e subjetivo, é preciso estabelecer o papel que a alteridade exerce nestas interrelações. Esta funciona nesta pesquisa, enquanto um conceito imprescindível que perpassa a esfera relacional de um grupo, com suas diferenças performáticas, oposições e pontos de vista que hora ou outra se atravessam. Parte da ideia de que no grande sistema cultural ao qual a sociedade se insere, existem espaços que serão testados e reconfigurados de acordo com os ideais ou as subjetividades inerentes aos que ali se

encontram. Neste território, o outro marcado pela heteronormatividade como regra universal, existindo em condições/contextos múltiplos, percebidos do cristão ao ateu, do morador da Ilha do Boi ao morador do bairro da Conquista<sup>37</sup>, como do heterossexual a um membro da própria comunidade LGBTQIA+. Via de regra, esta discussão a respeito da heteronormatividade se reduz a uma generalização do homem branco heterossexual. No entanto, é preciso que se expanda estas interpretações, entendendo que nesta herança colonial, vestígios foram deixados, que se enraízam nas múltiplas vivências sociais e materializam-se de diferentes formas no espaço. Esta interpretação se faz fundamental para que se torne possível estabelecer uma conexão entre o que o indivíduo experiencia e absorve de sua memória; e como estes mecanismos se materializam na *Rua da Lama*, quando estes utilizam seus recursos e as estratégias no processo de territorialização.

### **2.3 – *Rua da Lama*: território LGBTQIA+**

A respeito da multiterritorialidade experimentada por muitos indivíduos que frequentam a *Rua da Lama*, é de suma importância estabelecer uma discussão sobre as formas pelas quais estes indivíduos se organizam ao longo da Rua, entendendo seus atos performáticos, suas vivências e o processo de hibridismo cultural que os impactam. Estes são trunfos muito presentes no processo de constituição simbólica do território. Como visto anteriormente, a multiterritorialidade experienciada pela comunidade LGBTQIA+ na *Rua da Lama* se constitui a partir de um processo de maior ou menor capacidade de trânsito entre os locais. Nesta perspectiva, as pessoas que dispõe de uma maior capacidade de acesso aos locais, promovem ocupações de distintas áreas atrelando, neste processo, as demandas que borbulham de seu lócus social. Enfim, a expressão das identidades destes sujeitos se faz a partir dos diversos locais que estes sujeitos ocupam, portanto, a multiterritorialidade se baseia na construção de uma multiespacialidade. No cotidiano dos frequentadores da *Rua da Lama*, o enfrentamento que há entre as distintas trajetórias construtoras daquele espaço, (re)modelam constantemente o processo de ocupação dos multiterritórios experienciados por estes sujeitos. Em outras palavras, a possibilidade de transitar entre bairros, bares, ambulantes<sup>38</sup> e casas noturnas, viabiliza

---

<sup>37</sup> Bairros da cidade de Vitória. A Ilha do Boi é conhecida como referência de desenvolvimento, infraestrutura, sendo uma das áreas de maior valorização por metro quadrado do estado do Espírito Santo. Em contrapartida, o Bairro da Conquista, com o maior em índice de pobreza da cidade. É colocado nesta pesquisa, como uma forma de mostrar o contraste entre as classes sociais, e a existência de paradigmas nos múltiplos contextos.

<sup>38</sup> Trabalhadores informais que comercializam comidas, bebidas, cigarro na Rua da Lama, nos momentos de ocupação pela comunidade LGBTQIA+.

diferentes experiências de resistência, lazer, cultura que caracteriza a *Rua da Lama* nos momentos em que os territórios LGBTQIA+ se efetivam.

Dessa forma, quando se coloca a existência da multiterritorialidade experienciada por quem detém maior capacidade de trânsito, é preciso que se entenda a forma e o alcance observado na realidade das estruturas de um território. Nesta concepção, se torna nítido perceber que membros da própria comunidade LGBTQIA+ conseguem transitar livremente e experienciar sua existência de forma mais intensa por vários ambientes da Grande Vitória, como o Triângulo, na Praia do Canto, área esta frequentemente associada por alguns membros da comunidade LGBTQIA+ como um espaço mais hostil para a manifestação de suas identidades. Muito disso se justifica ao perceber que por trás da sexualidade, estes indivíduos possuem alguns atributos que os beneficiam, como o maior poder aquisitivo, o que acarreta em uma construção cotidiana atravessada por menos traumas e discriminações. Essa realidade, no que toca a busca por segurança, mantém relação com o elemento da passabilidade. Isto é, "a um regime de (in)visibilidade" (DUQUE, 2020, p. 36) que confere maior grau de liberdade e proteção aos sujeitos que estão estética, gestual, linguística e performaticamente próximos ao padrão heterocisnormativo. Nessa lógica, a passabilidade, seguindo a metáfora do armário gay, busca "a manutenção do espaço público como sinônimo de heterossexualidade pela restrição da homossexualidade ao privado" (DUQUE, 2020, p. 35). Neste aspecto, esta seleta e privilegiada parcela da comunidade LGBTQIA+, juntamente a outros agrupamentos sociais, estabelecem-se na *Rua da Lama* sem necessariamente estarem cientes da proteção que os salvaguardam. Entende-se, portanto, que estas espacializações são estabelecidas em desconforto com as experiências cotidianas de outros membros da comunidade LGBTQIA+. Enfim, quão maior o grau de passabilidade e recursos financeiros, mais privilegiada será a situação destes sujeitos.

O contraste que se estabelece entre marginalizados (LGBTQIA+) e privilegiados (heterossexuais) se configura como um desafio que revela a existência de jogos de poder e estratégias de construção territorial que são antagônicas. A coexistência percebida na *Lama* pode gerar desconforto e até ameaça, para indivíduos que experienciam em seu processo cotidiano, de expressão de suas identidades, elemento chave na construção de suas territorialidades, frente a outros grupos mais privilegiados. Isto pode ser observado no relato de Jean, a respeito dessas limitações espaciais, por parte de quem experiencia a subalternidade:

Pra um hetero frequentar a Rua da Lama é muito mais fácil, do que pra um gay frequentar o espaço hetero. Por que qual vai ser a reação do hetero quando chega na Rua da Lama? Deboche. Agora qual vai ser a nossa reação na hora que chega no lugar deles? Medo. A gente se sente

coagido. Eles não se sentem assim no nosso território, eles ficam assim “Ah lá oh, os boiolinha”. Então assim, não tem como bater de frente. (Entrevista realizada com Jean, em junho de 2022).

Conforme exposto no relato de Jean, é possível perceber que os privilégios da população heterossexual se manifestam enquanto um agente que potencializa as possibilidades de dominação de alguns grupos na *Rua da Lama*. A cultura dominante enquanto um atributo favorável destes indivíduos pode invalidar a sensação de proteção na *Rua da Lama*, pautada muitas das vezes na quantidade de membros da comunidade que ali se estabelecem. É possível notar que, nas relações de poder, a população heterossexual assume a sua dominação por um dado natural, nos termos mencionados por Jean. Por outro lado, a comunidade LGBTQIA+, ao fazer-se presente, promove de muitas maneiras, a luta contra o medo e o cerceamento, de forma que a r-existência acontece como base do processo de territorialidade LGBTQIA+. Em suma, essas relações territoriais surgem a partir do anseio da construção espacial com o qual a comunidade LGBTQIA+ possa se identificar e chamar de “seu”.

Em outras palavras, é preciso que se entenda as variantes que estabelecem os critérios de domínio territorial, podendo ser percebidas desde a quantidade de pessoas em uma dada área, o que fomenta um certo grau de segurança (**estar entre os seus**), até a presença de indivíduos nesta mesma área, cuja estrutura sociocultural os coloca em vantagem, por meio dessa facilidade em transitar por vários ambientes com maior confiança. Dessa forma, entende-se que as territorialidades na *Rua da Lama* são constituídas por múltiplas dimensões, podendo a comunidade LGBTQIA+ em cada momento, se ocupar em centro e margem, das relações de poder, compreendendo que, através da identidade em sua estrutura relacional, é que se observa a forma como ela pode ser oprimida ou reafirmada, a depender da ocasião (ORNAT, 2007).

Não obstante, é necessário trazer para esta análise, uma percepção da ocupação espacial que acontece na *Rua da Lama*, que contemple a comunidade LGBTQIA+ a partir das suas múltiplas intersecções. Isso permite compreender outras vertentes em que a multiplicidade identitária dos LGBTQIA+ se manifesta, entendendo como as subjetividades inerentes a cada indivíduo podem resultar em interpretações ou imaginários distintos sobre a *Lama*. Neste processo, entende-se que a *Rua da Lama* se configura como um espaço de proteção para os membros da comunidade LGBTQIA+, uma vez que esta sigla, para além de contemplar identidades de gênero e orientações sexuais múltiplas, abarcam também outras categorias de subordinação como raça, etnia, localização geográfica e classe social. Estas, por sua vez, enquanto categorias que se distanciam da proposta paradigmática hegemônica, possibilitam enriquecer a análise desta pesquisa, uma vez que concede voz a membros da comunidade LGBTQIA+ que mesmo não frequentando a *Lama*, contribuem para o processo investigativo a

respeito do hibridismo cultural existente por lá e em outros tantos ambientes temáticos, como se observa no discurso de Milena e Edson:

Para falar a verdade, a Lama é um ambiente bem modinha, eu mesmo... é muito raro apontar lá, isso quando me chamam, porque se depender de mim... Não é um lugar que me chama atenção, nunca foi. A Jessica vive me chamando pra ir lá, nunca vi gostar de Bolt igual a ela [...], mas é aquilo... Polícia sobe nas favelas pra acabar com o baile, mas na Rua da Lama onde tá cheio de play e paty, ninguém vai. (Entrevista realizada com Milena, em julho de 2022)

O bom é que na Lama tem fuzuê, repara... e nada contra... eu também gosto, quem não gosta? Mas porque dentro das favela os polícia vem para nossas festa? Chegam esculachando como se todo mundo fosse bandido? Ahh, será que é por que a Rua da Lama fica em um bairro mais nobre? Isso é preconceito dos polícia com as favela. (Entrevista realizada com Edson, em julho de 2022)

Uma vez que estes relatos são expostos nesta pesquisa, pode-se estabelecer uma interpretação a respeito das vivências que circundam a *Rua da Lama*, que contemplem uma série de outros fatores. Milena, pertencente a comunidade LGBTQIA+, ressalta sua incompatibilidade com o espaço em questão, se apoiando em narrativas que se sustentam em suas próprias experiências cotidianas. O lócus de enunciação ao qual Milena está englobada, permite uma produção de conhecimento empírico que percebe a *Rua da Lama* enquanto um espaço hostil, segundo suas referências de vida. Não obstante, a fala de Edson soma-se a esta interpretação, abrindo margem para uma discussão a respeito do impacto que outros marcadores sociais exercem sobre nossas experiências e interações tendo como referência a *Rua da Lama*. Em linhas gerais, Milena e Edson deixam explícitos em seus relatos, uma leitura da ação estatal no que toca a diferentes manifestações de lazer: o baile funk da favela e as boates e bares na *Lama*. Milena e Edson evidencia as relações de poder vivenciadas no âmbito da cidade de Vitória, indicando a condição de privilégio da *Lama* em relação a outros locais da cidade. Nesta perspectiva, entender as dinâmicas interseccionais que permeiam a comunidade LGBTQIA+ evidencia as discrepâncias em relação a parcela da comunidade da comunidade que frequenta a *Lama* e aqueles que deliberadamente ou não, deixam de frequentá-la.

Pode-se, portanto, associar o conceito de multiterritorialidade como ferramenta para compreender as adversidades identificadas dentro e entre os membros da comunidade LGBTQIA+. Nesta ótica, a *Rua da Lama* se torna espaço/palco para que estes sujeitos manifestem suas experiências em torno de suas expectativas. Como consequência disso, efetiva-se movimentos dos bares, boates e ambulantes que ali momentaneamente estão fixados, para, como consequência da territorialização LGBTQIA+, proporcionar um ambiente mais

democrático, seguro e que tente agregar identificação, por meio de festas temáticas, símbolos e mostras culturais que produzem tal efeito.

Diante do que foi abordado até aqui, não é sem motivo que o caráter multicultural da *Rua da Lama* se manifesta enquanto uma centralidade nesta pesquisa, somando as investigações de gênero, sexualidade a outras camadas inerentes ao sentido de cultura e o processo de construção da marginalização cultural estabelecido ao longo da história, nas engrenagens que, ainda hoje, produzem as relações de poder na sociedade. A comunidade LGBTQIA+, que racialmente analisados, são amarelos, brancos, pretos; que geograficamente identificados, ocupam posições de centralidade, mas também marginalidade; e que historicamente compõem uma vasta gama de trajetórias que moldam e ressignificam suas perspectivas de vida. Em outras palavras, a comunidade LGBTQIA+ enquanto um grupo múltiplo, difuso e subjetivo, somada ao encontro com outras tribos urbanas constituindo um mesmo espaço, produzem peculiaridades territoriais, percepções sobre a produção do espaço que são diversas, sem a imposição de verdades absolutas.

### Capítulo 03 – Apropriações da *Rua da Lama*

A experiência espacial da comunidade LGBTQIA+ é marcada por interdições e práticas de apropriação de determinadas áreas urbanas ao longo do tempo. É nestas apropriações que estes indivíduos conseguem estabelecer condutas consensuadas no grupo e de tal forma, estabelecer com maestria, suas territorialidades. A proposta central deste capítulo consiste em analisar relatos inerentes a experiência de membros da comunidade LGBTQIA+ e de outras tribos urbanas sobre suas experiências com a *Rua da Lama*. Pauta-se, para além das análises discursivas, em dados – qualitativos e quantitativos – que quando somados, traduzem com maior clareza, o diagnóstico a respeito das descontinuidades paradoxais existentes na *Rua da Lama* e suas adjacências. Em um primeiro momento, o objetivo é transpor algumas vivências de membros da comunidade LGBTQIA+ que aliadas com as experiências do próprio pesquisador, permite traçar os processos que ocorrem no âmbito do objeto de pesquisa aqui proposto. Neste momento, realça-se a conexão entre os relatos fornecidos pelos entrevistados, com o conceito de Território. Neste processo, traz-se alguns relatos de violência na *Rua da Lama*, que inclusive podem colocar em questão a segurança que as redes de sociabilidade garantem. Amalgamado a esse conjunto de relações, identifica-se o processo de gentrificação que ameaça o caráter simbólico da *Rua da Lama*. Com isso, busca-se entender este fenômeno espacial enquanto uma manobra política que reflete os anseios da heterocisnormatividade, isto é, a negação do processo de afirmação identitária de parte da comunidade LGBTQIA+ e de outras tribos urbanas que ali estabelece suas territorialidades, já há alguns anos.

#### 3.1 – Processos de territorialização: vivências LGBTQIA+ na *Rua da Lama*.

Os relatos, experiências e memórias compartilhadas pelos entrevistados que contribuíram com esta pesquisa, cartografa as trajetórias construídas/vivenciadas que constroem a *Rua da Lama*. Este processo indica as configurações identitárias vivenciadas pela população LGBTQIA+. Nestes termos, estas configurações se transformam, se adaptam diante de uma combinação de trocas e experiências. O processo de espacialização destas trajetórias é fundamental para que se entenda a fluidez identitária inerente a cada indivíduo. Por intermédio da memória, estes indivíduos atribuem múltiplos significados, idealizações e perspectivas a respeito da *Rua da Lama*, conforme pode-se observar em Pollak (1992):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de

uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilarmos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, (...) este elemento, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. (POLLAK, 1992, p. 5)

Segundo Pollak, pode-se concluir que tanto a memória quanto a alteridade são elementos inerentes ao processo de afirmação identitária, o que impacta diretamente a comunidade LGBTQIA+. As trajetórias que constroem a *Rua da Lama* se configuram de forma assimétrica entre si, no entanto há elementos em comum que permite a negociação identitária que formam uma ideia de coletivo. Essas negociações acontecem em face da experiência coletiva de violência, como exemplo a recriminação familiar, a existência da LGBTQIA+fobia em ambientes escolares, entre outras eventualidades que porventura atravessam toda uma multiplicidade marginalizada. Nesta perspectiva, essa atmosfera comunitária pode ser observada na *Rua da Lama*, por meio das interações percebidas no processo de construção territorial ali estabelecida. A partir deste ponto, busca-se aqui dar abertura para que as vozes marginalizadas se expressem, momento este em que a pesquisa amplifica suas dimensões interpretativas e permite perceber, no processo de territorialização LGBTQIA+, a existência de proteção e busca por afirmação identitária. Para esta pesquisa, buscou-se resgatar relatos a respeito das vivências que se relacionam com a área de estudo, por meio da ferramenta online *Google Formulários* entre abril e maio de 2022. Posteriormente, entre os meses de maio à agosto do mesmo ano, foi realizada a execução de entrevistas focais para esmiuçar questões que em um primeiro momento, tenham ficado superficiais. Buscou-se atentar quanto a participação destes sujeitos, indivíduos que se voluntariaram com a proposta da pesquisa, sendo em grande parte, membros da comunidade LGBTQIA+ que haviam anteriormente participado do questionário via *Google Formulários*. O quadro I a seguir apresenta as principais características do grupo focal selecionado, envolvendo pessoas que muito ou pouco, exercem movimentos que caracterizam as territorializações na *Rua da Lama* em Vitória (ES).

<b>Sujeito</b>	<b>Idade</b>	<b>Orientação Sexual</b>	<b>Bairro</b>
Renata	38 anos	heterossexual	Bairro de Fátima
Manuela	29 anos	heterossexual	Jardim da Penha
Daniel	24 anos	bissexual	Goiabeiras
Julia	22 anos	lésbica	Jardim Camburi
Bernardo	28 anos	gay	Itapuã

Laís	23 anos	Bissexual	Jardim da Penha
Karolina	23 anos	Heterossexual	Jardim Camburi
Robson	25 anos	Gay	Mata da Praia
Guilherme	21 anos	Gay	Carapina
Alexandre	36 anos	Heterossexual	Jardim da Penha
Ryan	27 anos	Bissexual	Jardim da Penha
Anabell	25 anos	Bissexual	Jardim da Penha
Jean	20 anos	Gay	Rio Marinho
Milena	24 anos	Lésbica	Santo Antônio
Edson	23 anos	Heterossexual	Santo Antônio
Paulo	27 anos	Gay	Jardim da Penha

**Quadro I - Características Gerais (Participantes dos grupos focais) – Vitória – Espírito Santo.**  
**Fonte: Campo realizado entre maio de 2022 a janeiro de 2023.**  
**Organização: Matheus Vieira Barbosa, 2023.**

Por meio da observação do quadro I, é notório identificar nomes que em algumas sessões anteriores já nos foram apresentados. A ideia de inserir tais características gerais destes participantes das entrevistas focais neste momento da pesquisa, é permitir que o leitor tenha informações básicas, a respeito dos lócus de enunciação a que estas pessoas são contempladas, e por meio destes, traçar interpretações mais qualificadas a respeito das espacialidades que coexistem no processo de territorialização da *Lama*. A saber, das 57 respostas recebidas no primeiro momento do processo investigativo, via *Google Formulários*, 46 destas foram validadas por colaborarem efetivamente com a proposta da pesquisa. As 11 respostas não validadas não se encaixavam nos critérios preestabelecidos metodologicamente, uma vez que não foram respondidos com seriedade. Em outros casos, percebeu-se a inexistência de interação com o objeto da pesquisa por parte dos participantes da investigação, o que impediu o refinamento dos dados obtidos. Destas 46 interações com a pesquisa, foi possível perceber a predominância de pessoas entre 18 a 29 anos, o que contempla a juventude, segundo o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013). Pode-se detectar inclusive, para incrementos mais precisos deste trabalho, que 76,9% dos participantes da entrevista focal tinham entre 21 e 29 anos, o que permite considerar que as interações que circundam a *Rua da Lama*, tocam em uma questão identitária que ultrapassam as relações de gêneros e sexualidades e orientações sexuais

dissidentes; mais do que isso, conferem também o caráter etário, entre outros condicionantes já mencionados no processo investigativo. Esta percepção pode facilmente ser identificada quando se experiencia a *Rua da Lama* aos finais de semana, como se observa na narrativa de Daniel:

A Lama é um lugar que a gente consegue ver claramente a predominância de gente novinha, e se parar pra pensar, faz todo sentido... Ta ali do lado da UFES [...] deu sexta, o pessoal corre do intervalo [da universidade]<sup>39</sup> direto pra Lama... Fica essa imagem ruim porque a galera é mais desconstruída. [Entrevista realizada com Daniel, em maio de 2022]

Com base no que Daniel levanta em sua fala, é perceptível a existência de associação da idade enquanto uma das condições que produz a desconstrução social acerca dos ideais pré-estabelecidos por um paradigma moderno ocidental. Em outras palavras, é comum que se tenha nos últimos anos, juventudes que se libertaram das amarras produzidas e impostas em outros momentos da história, que quando postas em prática no processo de espacialização, justificam os transtornos e a rejeição para alguns grupos mais conservadores. Todavia, como já mencionado em outros momentos da pesquisa, a *Lama* enquanto um ambiente espacializado pela multiplicidade, produz interpretações plurilocalizadas, ou seja, que abarcam outras problemáticas experienciadas na pele das minorias sociais, como exemplo a classe social e localização geográfica, imbricadas no processo de LGBTQIA+fobia cotidiano. Tais interpretações se coadunam com o que Renata levanta em sua fala, ao comparar o perfil dos públicos que frequentam a *Rua da Lama* e o Triângulo, dois dos principais pontos de encontro da juventude de Vitória:

Quando se fala do Triângulo, é hetero, macho alfa.. entendeu? É os bonitinho ali, e eles não gostam de homossexual, a maioria... Eles começaram a ver o que? Praia do Canto<sup>40</sup> tem mais barzinho legalzinho, tem as meninas bonitas... Então vamo fazer o que na Lama? Lama começou a ter gente só... Sabe? Ah um pessoal relaxado lá da UFES, aqueles menino que sai da UFES e vai pra lá fumar maconha, vai pra lá tomar cerveja em copo americano... O hetero não quer frequentar a Rua da Lama. (Entrevista realizada com Renata em maio de 2022)

Ademais, o imaginário de Renata, reflexo de tantas outras opiniões e discriminações multilaterais, subvertem as experiências cotidianas dos grupos sociais que habitualmente frequentam a *Rua da Lama*. A ideia que se tem da busca por proteção nesta pesquisa, muito se apoia em um caráter que assegura ou resguarda a identidade da comunidade LGBTQIA+ em sua forma contemplativa. Em outras palavras, entende-se que a segurança no contexto dessa

---

<sup>39</sup> Inclusão do autor.

<sup>40</sup> Bairro ao qual se localiza o Triângulo.

dissertação seja o princípio básico para a existência da afirmação identitária de maneira explícita no espaço urbano; que esta comunidade garanta a liberdade para ser e r-existir frente aos obstáculos que outrora foram articulados pelos detentores de uma cultura dominante, afim de garantirem o controle do poder social. Nesta perspectiva, observa-se que a *Rua da Lama* vem sendo em Vitória, uma referência para que estes indivíduos estabeleçam o reconhecimento de si, mesmo que em alguns momentos, suas vivências precisem ser ainda lá, reconfiguradas devido as descontinuidades territoriais lá existentes. De acordo com o que vem sendo colocado a respeito da busca por segurança, Jean transmite por meio de sua narrativa, experiências que reafirmam o caráter de acolhida que a *Rua da Lama* transmite para si e suas amigas:

É igual o Guilherme falou [...] as pessoas que vão para a Rua da Lama, elas estão ali porque sabem que podem fazer o que quiserem. Tipo assim, elas não estão fazendo nada de errado com ninguém nem nada, só estão se divertindo, fazem o que acham legal, sem ta sendo julgado. Igual... Todas minhas amigas minhas que vem de fora, preferem mil vezes ir pra Rua da Lama, que elas vão poder ficar à vontade, ninguém vai ficar mexendo com elas [...]. (Entrevista realizada com Jean em junho de 2022)

Por meio das experiências relatadas por Jean, é possível identificar a existência de fatores que transformam a experiência de se frequentar a *Rua da Lama*, a luz da sensação de pertença social para alguns grupos. Isto pode ser justificado, entre outras interpretações, pela existência de símbolos frequentemente difundidos pelos, bares, boates, ambulantes e pelos ditos produzidos pelos próprios frequentadores mais assíduos, ao longo do tempo. Quando exercido o processo de espacialização na *Rua da Lama*, foi possível perceber que cada bar, por meio de sua proposta, se organiza de maneira que as pessoas se direcionem naturalmente a eles, quando conferem identificação. Frequentemente é possível perceber por exemplo, que a proposta do Bar do Simpsons, é propiciar um ambiente mais democrático, direcionado principalmente aos estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo em suas múltiplas identidades. O bar, conhecido por ter preços mais acessíveis, oferece também autonomia para que seus clientes participem do processo de ambientação do espaço comercial, permitindo com que selecionem as músicas que serão tocadas no momento em que estão por lá. O bar Abertura e o Buana, em contrapartida, não oferecem simbologias que atravessem com latência, o processo de identificação da comunidade LGBTQIA+, resultando, portanto, na presença expressiva de grupos heterocisnormativos. Dessa forma, estas simbologias, quando estabelecidas em um dado espaço público, como a exibição de jogos de futebol, reprodução de músicas como o funk ou a músicas pop, naturalmente contempla um público alvo, por mais que não se tenha esta intenção.

A existência destes substratos na conformação dos espaços públicos consequentemente resulta na formação de micro territorialidades em um mesmo território. O Sofá da Hebe, bar ao

qual exerce grande importância para a investigação nesta pesquisa, juntamente as casas noturnas Bolt e Fluente, se caracterizam por oferecerem um ambiente com maior representatividade. Conforme observado na (Figura 3), é possível perceber que tanto o bar quanto o espaço Bolt se localizam muito próximos, o que pode justificar o Sofá da Hebe enquanto um ponto de encontro para comunidade LGBTQIA+ se socializar enquanto as casas noturnas, referencias para a comunidade, ainda não estão abertas. Para além disso, tanto o referido bar quanto o Caldeirão, se localizam em uma adjacência da avenida Anísio Fernandes Coelho, onde se encontra o que se entende por *Rua da Lama*. Nestes ambientes, foram se estabelecendo naturalmente, elementos que produzem identificação a muitos membros da comunidade LGBTQIA+, o que pode ser observado facilmente a luz da fala de Bernardo:

Ali no Sofá da Hebe é uma rua a parte da Rua da Lama, então criou-se um ponto LGBT. Logo foi criando outros pontos também. Observa.. O caldeirão é um único bar, naquela curva pra rua principal da Lama, não é mais gays... É? Pode até ser, vai ter uma mesa ou outra, mas vai se sentir a vontade? Não vai, por que ali não tem as pessoas que são do seu próprio grupo (Entrevista realizada com Bernardo, em maio de 2022)

Diante da narrativa de Bernardo, atenta-se na existência de descontinuidades que são percebidas nas microterritorialidades estabelecidas na *Rua da Lama*. Em outras palavras, fica evidente que mesmo em um bar, existem micro delimitações que são percebidas de acordo com a sensação de não estar entre os seus. Isto ocorre no bar do Caldeirão, muito por se localizar na esquina que delimita a avenida principal (*Rua da Lama*), e a rua Arthur Czartoryski, onde se encontra o Sofá da Hebe. Entre estes bares, observa-se trocas recíprocas entre as tribos que ali se estabelecem, incluindo a comunidade LGBTQIA+, o que produz territorialidades. A respeito dessas trocas, muitos frequentadores se articulam de forma a consumirem em ambos os bares ao mesmo tempo, o que amplifica a rede de apoio, potencializa as trocas intersubjetivas e fortalece a produção das territorialidades.

Como forma de mapear algumas sensações coletivas a respeito dos espaços públicos que contemplam o objetivo desta pesquisa, foram construídas nuvens de palavras, de acordo com o que foi tabulado, a partir das respostas dos participantes que responderam ao questionário semiestruturado. Neste processo, foi possível visualizar com maior clareza, os sentimentos e sentidos atribuídos a vários ambientes que se relacionam diretamente com a *Rua da Lama*, que quando somados aos elementos teóricos e investigativos da pesquisa, agregam no processo de análise final da pesquisa, conforme se observa na figura 5.



referentes a alguns bares que são concomitantes a formação do ambiente investigado, é possível fazer novas interpretações sobre a existência das simbologias que constroem a percepção da *Rua da Lama* por lócus de enunciação diversos, conforme pode ser observado na (figura 6) e (figura 7).

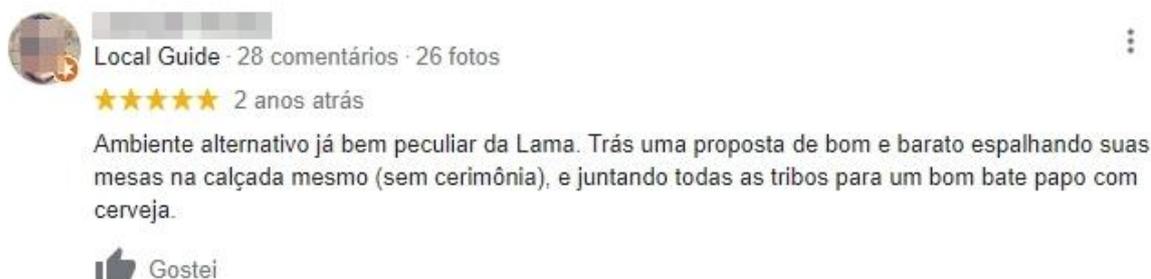


Figura 6: *avaliação online (Sofá da Hebe)*. Fonte: comentários do Google.

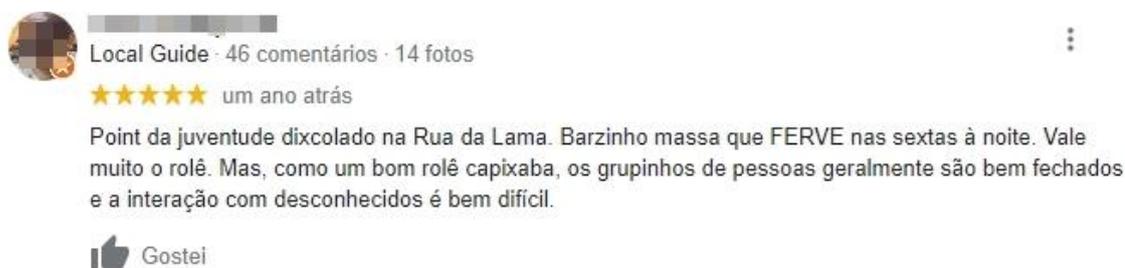


Figura 7: *avaliação online (Sofá da Hebe)*. Fonte: comentários do Google.

Com base na (figura 6) e (figura 7), é possível perceber nas avaliações a respeito do Sofá da Hebe, a existência de símbolos concretos e abstratos que constroem a essência do ambiente enquanto um espaço referência para a comunidade LGBTQIA+. A menção “ambiente alternativo” descrita na (figura 6) muito se explica pela presença expressiva de LGBTQIA+ no espaço, junto a jovens universitários e demais tribos urbanas. Na (figura 7) é possível observar uma estratégia há muito observada pelo pesquisador, em relação a configuração restritiva em que se encontram os próprios membros da comunidade LGBTQIA+ e outros grupos que ali se estabelecem. Neste caso, observa-se o caráter de identificação enquanto elemento que aproxima os semelhantes, e ao mesmo tempo estabelece segregações dentro das territorialidades LGBTQIA+, como explica Jean, em conversa sobre a forma como alguns grupos que se estabelecem na *Rua da Lama*:

É tudo ponto de identificação... É a mesma coisa com um grupo de amizades... Você não vai se sentir a vontade de aproximar de pessoas que não tenham um jeito muito diferente do seu, ou que não tem os mesmos gostos que o seu. Você procura lugar que geralmente vai ser entendido, vai ser acolhido, então você procura pessoas mais ou menos parecida com você. (Entrevista realizada com Jean em junho de 2022)

Apoiando-se na narrativa de Jean, e na avaliação prestada por um cliente na (figura 7) além das observações participantes do próprio pesquisador, estes processos de identificação podem funcionar enquanto dispositivo que produz relações de poder dentro dessas territorialidades. É preciso mencionar inclusive, a existência de delimitações espaciais dentro dessas microterritorialidades, ou seja; grupos específicos que marcam território em um determinado ponto dentro de um bar, situação pela qual pôde ser observada por várias ocasiões ao longo do processo investigativo. Neste aspecto, a *Rua da Lama* pode ser visualizada enquanto um território repleto de nuances, onde suas territorialidades estabelecem espaços visualmente delimitados e geograficamente descontínuos. Ademais, muitos participantes que responderam as questões presentes no questionário semiestruturado, contribuem com esta pesquisa na medida em que exemplificam os modos pelos quais algumas apropriações são estabelecidas na *Rua da Lama*. Em uma das indagações presentes neste primeiro levantamento da pesquisa, uma das perguntas consistia em identificar como os participantes percebiam as distribuições das pessoas na *Lama*, e algumas destas respostas corroboram com o que veio até então, sendo analisado, como se observa abaixo:

Há um tempo atrás os nichos se separavam por bares (ex: gays no bar da Hebe e héteros no bar abertura), hoje já é possível uma mistura. Acredito que há divisão dos grupos por sexualidade ainda exista mas é menor do que era antes, acho que hoje há mais a divisão por classe econômica e preferências de gosto. (relato presente no questionário semiestruturado – Eduarda, abril de 2022)

A Lama é um espaço aberto que permite uma pluralidade de gente circulando, no entanto determinados públicos acham locais seguros em que se sintam confortáveis para estar, quem frequenta o Biritas pouco prefere a pracinha. Nesse sentido é possível notar um certo habito de quem frequenta a permanência em locais que lhes são mais agradáveis. (relato presente no questionário semiestruturado – Mario, abril de 2022)

Normalmente os bares que transmitem jogos de futebol e outros esportes são ocupados por pessoas heteronormativas (Buana). Já os bares que possuem valores mais acessíveis para o consumo são mais receptivos aos universitários que possuem uma grande variedade de estilos, ideais, orientações sexuais e etc. (relato presente no questionário semiestruturado – Paloma, abril de 2022)

Muito do que se percebe nos relatos de quem participou desta etapa preliminar da pesquisa, é que na maioria das narrativas, o caráter simbólico interfere nitidamente no perfil social de ocupação dos referidos bares. Estas características simbólicas, uma vez utilizadas de forma a organizar os frequentadores de acordo com seus referenciais de vida, organiza, a partir da base, a constituição da *Rua da Lama* enquanto um território, com características definidas, controvérsias vez ou outra demarcadas, mas sobretudo, a existência da multiplicidade, o que garante o teor territorial do espaço em questão. Por fim, é importante entender que as vivências

LGBTQIA+ praticadas na *Rua da Lama*, que são múltiplas, subjetivas, e que em alguns momentos, até mesmo se indispõem, são reconfiguradas, ainda que de maneira inconsciente, em favor da livre expressão de suas realidades. As utilizações das simbologias presentes no espaço são interpretadas como dispositivos que ajudam a comunidade a se organizar, frente as diferenças e distancias identitárias existentes não somente entre os seus, mas principalmente com outros grupos que concomitantemente estão agrupados no processo de formação territorial da *Lama*. Em outras palavras, a mútua proteção, garantida entre outros motivos, pela presença expressiva de LGBTQIA+ no mencionado espaço, se torna prioridade, mesmo diante de tantas subjetividades, uma vez que na experiência do cotidiano, muitas das vitórias até então conquistadas pelo movimento são refutadas ou tratadas com estigma, perante a elevados índices de LGBTQIA+fobia, que podem ainda hoje serem percebidos (in)diretamente em vários espaços públicos da Grande Vitória.

### **3.2 – Mútua proteção: violência e estigma na *Rua da Lama***

Eu lembro direitinho, a homofobia marca as pessoas, tipo, a gente só entende de verdade quando realmente enfrenta. Tem uns dois anos isso já [...] foi na Rua da Lama pra você ter noção... Eu tava passando ali perto do Abertura, indo em direção pro Caldeirão [...] um homem mais velho, não dá pra dizer a idade certinho, foi e gritou “VIADO DE BOSTA” ... não tinha quase ninguém perto... eu tinha certeza que ele falou pra mim tanto que na hora eu congelei... não tinha o que fazer... Eu só olhei pra ele, ai ele gritou “VOCÊ MESMO, MARICA DE MERDA, VIRA HOMEM”... A gente acha que o mundo ta tranquilo, eu mesmo achava... mas é também por que eu nunca tinha sofrido homofobia na vida... Só sei que isso me marcou [...] É uma sensação horrível ser reduzido só por ser gay [...] sei lá, eu com meus vinte tantos anos, com faculdade concluída, vida caminhada... ter que escutar isso a essa altura marcou muito. (Entrevista realizada com Paulo em agosto de 2022)

O relato que abre a discussão dessa sessão se configura enquanto uma, de tantas outras experiências de LGBTQIA+fobia existentes ainda hoje, em sociedade. O fato é que, na confluência cotidiana, muito se nota que estas eventualidades persistem em maior ou menor grau, afetando a moral de muitas comunidades subjugadas. A existência de LGBTQIA+fobia é marcada por ameaças múltiplas, que conferem desde a violência física mais escancarada a discriminação verbal, muito apoiadas em uma pseudo-superioridade heterossexual. Neste aspecto, tal visão heterossexista herdada pela colonialidade, institui nos indivíduos desviantes, o caráter de inferioridade, o que fere de múltiplas formas, a existência dos indivíduos, que no âmbito cultural, se localizam em outras categorias de subordinação. Neste interim, o esquema binário oriundo do heterossexismo estabelece posições estruturais que afetam tanto o gênero

quanto a sexualidade de forma incidente, e nestes casos “é dada a cultura o papel de operar as construções materiais e simbólicas, uma versão de sociedade estrutural” (ORNAT, 2008, p. 36).

Com base nestas preposições, observa-se também na *Rua da Lama*, a existência de estigmas proferidos de muitas localizações (Estado, sociedade civil, Igreja), que invalidam a performatividade de muitos membros da comunidade LGBTQIA+, que ali se organizam. É por meio dessa estigmatização que muitos grupos configuram e fazem uso da *Lama* enquanto um ambiente de refúgio, uma vez que estas perseguições podem se materializar enquanto recuo natural destes indivíduos para um ambiente que transmita a sensação de segurança. A depender do nível de influência que o heterossexismo tenha se instaurado enquanto um paradigma para grupos *outsiders* à comunidade, o distanciamento destes é entendido pela comunidade LGBTQIA+ como um movimento necessário para manifestação de suas afirmações identitárias. Em termos práticos, o distanciamento destes *outsiders* aparta as discriminações e violências previstas em vários espaços urbanos. Renata, que pouco frequenta a *Rua da Lama*, deixa demarcado considerações que complementam esta discussão:

A impressão que eu tenho, é que por exemplo assim, ali na Lama é refúgio, vocês criaram isso entendeu? Vocês pegaram um espaço que já é conhecido de muitos anos e vocês criaram um refúgio pra vocês ali. Pra que que vocês estão fazendo isso? Não tem essa necessidade, entendeu?

Se vocês querem que outras pessoas frequente la, então dê espaço pra essas pessoas, porque as vezes um hetero não vai la... Daqui a pouco nenhum hétero vai lá, porque vai se sentir encurralado, da mesma forma que vocês sentem quando vão em lugar de hetero. Eles vão falar que aquilo é a Babilônia... Com aquele monte de viado, sapatão sabe?? Vocês pegaram a Lama pra Cristo. (Entrevista realizada com Renata em maio de 2022)

Apoiando-se no discurso de Renata, é possível perceber que os processos de institucionalização territorial LGBTQIA+ nem sempre foram uma constante na *Rua da Lama*. O refúgio a que Renata se refere parte de dois referenciais principais: o primeiro deles estabelecido pela quantidade expressiva de LGBTQIA+ no perímetro da rua, principalmente em localizações específicas como o Sofá da Hebe, parte do Abertura, e o bar do Simpsons; o segundo deles refere-se a expressão das simbologias atribuídas no espaço por quem o frequenta e pelos próprios comerciantes. A *Lama*, a muito tempo veio sendo planejada enquanto um ambiente alternativo, muito sob influência da própria Universidade Federal do Espírito Santo, que fica a poucos metros dali. O perfil jovem universitário, que contempla, em sua maioria, grupos mais desconstruídos, fazem uso do espaço de algumas formas, destacando aqui a organização de calouradas ao longo da Rua (cf. figura 6). Além desses eventos esporádicos, existe a ocupação de bares após e entre as aulas noturnas das sextas-feiras na UFES, além da

ocupação por parte de muitos grupos LGBTQIA+ que se estabelecem por lá ou que aguardam até que as casas noturnas que se estabelecem nas adjacências abram suas portas.



*Figura 6: Calourada do curso de Geografia (UFES), na Rua da Lama. Registro feito pela noite, da calçada do Chiquinho Sorvetes, no dia 29 de abril, (sexta-feira) em 2022. autor: Matheus Vieira Barbosa*

Estes, entre outros elementos produzem na maior parte das ocasiões, o imaginário de muitas pessoas a respeito da *Rua da Lama*, seja para um jovem LGBTQIA+ enquanto um ambiente de identificação, ou para um indivíduo heterocisnormativo, como um espaço que apresenta hostilidade. Com base na (figura 7) a seguir, é possível visualizar de forma exemplificada, os espaços que transmitem a sensação de desconforto em Vitória (ES), segundo os participantes do questionário semiestruturado desta pesquisa:



Figura 7: Ambiente que transmite desconforto em Vitória (ES). Organização: Matheus Vieira Barbosa, 2023.

Com base na (figura 7), pouco se observa a menção da *Rua da Lama*, enquanto um ambiente desconfortável pelos participantes desta pesquisa. Por meio desta observação, é preciso pontuar a manifestação do lócus de enunciação a que conferem a maior parte dessas pessoas, enquanto uma realidade que norteia o processo investigativo da pesquisa. Em outras palavras, atenta-se pela maior parte dos participantes, a identificação com gêneros e sexualidades dissidentes da cultura hegemônica, o que justifica o resultado observado na nuvem de palavras (figura 7). O Triângulo, situado na Praia do Canto, considerado nesta pesquisa, como um contraponto a *Rua da Lama*,<sup>41</sup> apresenta-se enquanto um ambiente elitizado da capital, repleto de simbologias concretas e abstratas que não fazem parte da maior parte dos referenciais da comunidade LGBTQIA+. Além disso, outros ambientes citados com predominância no esquema da (figura 7) são em boa parte, redes de apoio dos grupos heterocisnormativos da cidade, como o Beb's e a Woods, dois dos principais ambientes jovens da capital capixaba que fortalecem as adjacências territoriais do Triângulo.

Eu tinha combinado de encontrar com um menino que veio de Linhares<sup>42</sup> né... Já tava combinado que a gente ia ficar... Isso foi de dia, que a gente trocou mensagem e tal... Quando deu a noite, e eu mandei mensagem pra ele, pra se encontrar né... ele respondeu falando “To aqui no Triângulo agora, se quiser esperar um pouco, eu vou pra Lama, só espera o Uber abaixar o valor”... Eu falei que não precisava de vim pra Lama, que dai eu mesmo ia pra lá, meu primo já tava doido querendo ir mesmo... Só que ai que vem a situação né... que ele falou assim “ta

<sup>41</sup> Bairro nobre de Vitória (ES).

<sup>42</sup> Cidade do interior do estado do Espírito Santo.

doido? A gente não da pra ficar aqui de jeito nenhum, se ta querendo apanhar?”

Só sei que nisso, eu apareci lá do mesmo jeito, porque eu sou pra frente, se dependesse dele, ia ficar no lenga lenga né... Encontrei com ele, a gay me arrastou pra um cantão de rua bem longe da muvuca do Triângulo, ali mesmo na Praia do Canto, a gente acabou ficando... mas foi tipo, 3 minutos e olha lá... ele toda hora olhando pra vê se não tinha alguém vigiando. (Entrevista realizada com Guilherme, em junho de 2022)

Observando as colocações de Guilherme, é possível identificar o receio de seu parceiro em trocar afeto com ele, em decorrência do espaço público em que estavam inseridos. Ao visualizar as composições que incrementam a construção do Triângulo, é justificável, mesmo para seu amigo que não vive em Vitória, a hostilidades do ambiente, segundo os referenciais da comunidade LGBTQIA+. O contraponto entre *Rua da Lama* e Triângulo faz-se necessário aqui, pois é por meio destas referências de analogia, que muitas pessoas projetam suas espacialidades e estabelecem suas estratégias de territorialização em Vitória (ES). Neste sentido, a *Rua da Lama* se configura enquanto uma alternativa de espacialização conjunta, onde confere multiplicidade, coexistência, mas também confere a socialização de elementos de identificação, transmitidas por experiências de abandono, de exclusão nas relações sociais, a discriminação e o próprio processo de aceitação da sexualidade. É por meio deste efeito que “a apreensão deste fato transforma elementos de memória em elementos identitários, servindo a coesão” (ORNAT, 2008, p. 81) da comunidade LGBTQIA+ em seus processos de territorialização instituídos na *Rua da Lama*.

É elementar que se leve em consideração que mesmo que as territorialidades estejam constantemente se materializando e se reconfigurando segundo as necessidades aparentes, o processo ainda se faz trincado a uma leva de desafios, que dizem respeito a manutenção e consolidação dessas espacialidades. Isso decorre pelo entendimento de que o território instituído na *Lama* não é fixo, é móvel e temporal, o que instabiliza por vezes, o sentimento de proteção ali existente. Neste sentido, muito se observa em narrativas e na própria espacialização do espaço, a valorização destas construções territoriais principalmente nas noites de sexta-feira, quando o encontro entre a multiplicidade de tribos urbanas se manifesta com maior força e naturalidade, muito por conta da própria UFES. É neste momento que a comunidade LGBTQIA+ consegue manifestar suas afirmações identitárias; que algumas colocações são feitas a respeito da *Rua da Lama*, configurando-a enquanto palco, em que a coexistência interage, se desafia e manifesta suas repudiações.

As pessoas que não conhecem, que olham de fora, pensa o que? “gente é Sodoma e Gomorra aquilo ali... é um lugar horrível” Tem pessoas que

pensam isso. Gente... É um lugar promiscuo, é uma Terra de ninguém, mas... Pra que fazer isso? (Entrevista realizada com Renata em maio de 2022)

Parece que aquilo lá, vocês estão chegando e falando “agora a gente é livre, agora aqui... Vamo fazer o que a gente quer, porque ta todo mundo na mesma vibe... É nosso lugar” Mas não é o lugar de vocês, aquilo ali é um lugar público, é de todo mundo [...]. (Entrevista realizada com Alexandre, em agosto de 2022)

Eu to te falando assim... como hetero... Não tem necessidade disso. Eu poderia ter uma fala totalmente diferente aqui. “Eu sou crente né... Eu pego uma bomba e jogo ali”, mas eu penso diferente, eu tenho que respeitar né. E se vocês querem respeito também, se espalhem... (Entrevista realizada com Alexandre, em agosto de 2022)

Paralelo as interpretações da *Rua da Lama*, feitas por Alexandre e Renata, existem o estigma produzido por outros indivíduos, em que a LGBTQIA+fobia se encontra ainda mais latente. A performatividade neste aspecto é vista enquanto uma simbologia ameaçada, em ambientes onde as discriminações acontecem com maior frequência. Seguindo esta orientação, muitos grupos homotransafetivos se articulam em favor de resguardarem suas próprias existências por meio das organizações territoriais. É por meio da efetuação das territorialidades que a comunidade LGBTQIA+ produz a imbricação entre corpo-sexualidade-espacialidade-poder. Em outros termos, a territorialidade LGBTQIA+, concomitantemente integrada por diversas experiencias, compõem e fundamentam as identidades homotransafetivas, e estas mesmas identidades, quando envolvidas e alinhadas em um mesmo objetivo, instituem o território.

Ainda que ja se tenha discutido sobre o espaço enquanto um território, repleto de territorialidades LGBTQIA+ na *Rua da Lama*, é interessante observar o processo investigativo sob uma lente ainda mais relacional, onde possibilita visualizar a rua, superando a noção entre *insider* e *outsider*. Em outros termos, a presença da coexistência partilhada ali, orienta o processo investigativo a observar o território composto de poderes plurilocalizados. Desta forma, a depender das micro delimitações as quais determinado grupo ocupa, se localizam enquanto centro ou margem das relações de poder por lá existentes. Dessa forma:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda uma estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra o seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de

relações de força. E como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar da resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social. (FOUCAULT, 1998, p. 14).

Diante do exposto por Foucault, atenta-se ao papel exercido pelos bares ao longo das delimitações da *Rua da Lama*, enquanto trunfo para a garantia dos processos de re-existência LGBTQIA+ difundidos por lá. Como forma de mensurar a fluidez das relações de poder exercidas na *Rua da Lama*, enuncia-se algumas situações, onde observa-se a presença ou falta do poder para estes grupos marginalizados. Tem-se como primeiro exemplo a relação entre a comunidade LGBTQIA+ frente a alguns grupos heterocisnormativos no Sofá da Hebe: mesmo que exista possíveis controvérsias, é esperado a ocupação de centralidade territorial por parte da comunidade, uma vez que, dos atributos por lá estabelecidas, muito se percebe símbolos que compactuam com estes indivíduos, e por isso, constrói-se identificação. Tal processo se manifesta principalmente pela quantidade de membros da própria comunidade que se estabelecem na *Rua da Lama*, de forma a vivenciarem suas identidades de forma contemplativa.

Eu fiquei horrorizada aquele dia que eu fui lá... Gente é micareta, é um carnaval fora de época... Quando eu olhei, nisso a gente tava ali no bar da Hebe, que é mais alinho a calçada... Que eu olhei e fiz uma panorâmica... Gente da onde saiu tanto gay... Quem fez aquilo ali, foram vocês, porque vocês não quiseram ir pra Praia do Canto. Por que na praia do canto vocês botaram na cabeça que não podem ser vocês (Entrevista realizada com Renata em maio de 2022)

Outro exemplo é a relação entre frequentadores (incluindo neste caso, a própria comunidade LGBTQIA+) com os moradores da região. Neste caso, certamente observa-se um atrito mais incidente, onde relações de poder ora estão com os frequentadores, ora com os moradores da região. Isto porque, da mesma forma que se concretizam as práticas que produzem o incomodo aos moradores, ao mesmo tempo, os mesmos solicitam ações do poder público para controlar as práticas observadas na rua, conforme relatos extraídos em reportagem ao jornal A Tribuna<sup>43</sup>:

Não consigo entrar em casa sem ter que pedir licença às pessoas, após as 23 horas. Tem bar que até as 10 horas do outro dia ainda está tocando música e só fica o rastro de sujeira. Os moradores têm de lavar calçadas e muros de tanto cheiro de urina que fica. Não é justo a gente pagar por isso. (aposentada de 72 anos, que há mais de 30 anos, mora da região)

Alguns usam (droga) no meio da rua e na frente de todos. Para eu entrar em casa, preciso entrar na contramão, pois a rua fica fechada de gente. (professor de 44 anos, morador da rua Arthur Czartoryski)

Não sou contra as pessoas que frequentam civilizadamente a Rua da Lama, mas contra aquelas que abusam. Tem urina e fezes na nossa rua. Todos os

<sup>43</sup> Reportagem extraída em A Tribuna, Vitória, ES, publicada em 11/01/2017. Disponível em: < [http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20170303\\_aj25493\\_ruadalama.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20170303_aj25493_ruadalama.pdf)>. Acesso em: 21/01/2023.

prédios viram banheiros. Na hora que estou saindo para trabalhar, às 6h30, tem música ainda tocando. (Empresário de 32 anos, morador da região)

Os relatos acima mencionados, para além de constatar a existência da fluidez e subjetividade a qual se estabelecem as relações de poder difundidas na Rua, orienta o pensamento popular a respeito da *Rua da Lama*, enquanto um ambiente desordenado, onde muitos grupos economicamente privilegiados e o próprio poder público estabelecem suas ações de ordenamento territorial e o planejamento de gentrificação do espaço, conforme pode ser observado na fala: “*A região requer um cuidado cíclico. Sempre que há reclamações voltamos a fazer operações*” nas palavras de Fronzio Calheira Mota, secretário de Segurança Urbana de Vitória em 2016. Conforme observado nos relatos, existem condutas que geram o descontentamento dos moradores e inclusive de muitas pessoas que se simpatizam com o ambiente, no entanto, é preciso destacar que a utilização de drogas, carros de som em horários inadequados, e o próprio descuido sanitário por parte dos frequentadores são atitudes vistas em muitos outros pontos da Grande Vitória, executados por diferentes nichos sociais. O que a muito se atenta, é a utilização destas narrativas com o intuito de desonrar e/ou deslegitimar o uso do espaço comum de muitos grupos sociais marginalizados, inclusive de LGBTQIA+, como é o caso das narrativas abaixo transcritas:

O que eu percebo muito no homossexual, é achar que ele tem peito de aço... Por ele já ser excluído da sociedade, ele quer abusar disso... Então ele quer fazer coisas pra dizer assim “Ahh a gente ta aqui mesmo... vamos dispirocar então”. (Entrevista realizada com Renata, em maio de 2022)

No triângulo tem o que? Muita gente com dinheiro... Muita menina branca do olho azul, muita gente bonita... Agora vê a Lama... Um pessoal que não se cuida, desmazelado com aquela pegação... muvuqueira ali naquela esquina... aquilo não dá pra mim não. (Entrevista realizada com Alexandre, em agosto de 2022)

Eu queria saber o que vocês vêem ali... A impressão de que eu tive, é que o ambiente, o ar é diferente... Eu sou muito sensível [...] É um Sodoma e Gomorra, uma terra de ninguém... de... promíscuos, de homossexuais e de tudo... Por que Sodoma e Gomorra era daquele jeito? La era refúgio... Vocês transformaram a Lama em refúgio. (Entrevista realizada com Renata, em maio de 2022)

Ao passo que estas narrativas são postas, é possível observar passagens que desmoralizam o ato performático de muitos membros da comunidade LGBTQIA+ na *Lama*. Existe nestes casos, uma construção de ideias e percepções que corroboram com a LGBTQIA+fobia de maneira bem direta. Na primeira fala de Renata, observa-se o incomodo pelo fato de muitos destes sujeitos exercerem ali suas identidades e performatividade de forma desviante ao paradigma moderno ocidental. Neste caso, o “*querer abusar*” nas falas de Renata, significa para um membro da comunidade LGBTQIA+, na anulação de seus processos de



grandes cidades, como é o caso de Vitória (ES). Nos últimos anos, o Brasil registrou o maior índice de assassinatos por transfobia no mundo<sup>44</sup>, e esta realidade se torna ainda mais alarmante, se considerarmos que acontece um homicídio por LGBTQIA+fobia a cada 34 horas no Brasil<sup>45</sup>. Neste sentido, observa-se que os ambientes que transmitem a sensação de medo, citados na (figura 8) muito se justifica por serem espaços predominantemente frequentados por grupos heterocisnormativos ou ambientes que apresentem maiores índices criminalidade na cidade. Em suma, o distanciamento da comunidade LGBTQIA+ diante destes ambientes se justifica na ideia de que mesmo que nem toda discriminação decorra de todo o grupo heterocisnormativo, ainda assim, toda LGBTQIA+fobia se origina de um indivíduo que experiencia em seus construtos culturais, a heterocisnormatividade. Perante a estigmatização da *Rua da Lama* neste contexto, confere à comunidade LGBTQIA+ a função de fortalecer seus processos de territorialização, afim de estabelecer nós e assegurar suas redes de apoio. A *Lama*, ainda que não garanta segurança total a muitos membros da comunidade LGBTQIA+, ainda assim se consolida enquanto um espaço de multiplicidade, coexistência das diferenças, e dispositivo que permite a (re)construção de simbologias alternativas, o que em certo nível garante o processo de afirmação identitária da comunidade LGBTQIA+ na grande Vitória. Por fim, as territorialidades LGBTQIA+ estabelecidas na *Lama* resistem... mas até quando?

### 3.3 – Devir e incertezas: gentrificação na *Rua da Lama*.

“Com início das obras, *Rua da Lama* vai ganhar novo visual até setembro<sup>46</sup>”

A manchete em destaque trata-se de uma notícia que a pouco mais de um ano tem sido tema de especulações e se tornado referência de muitos anseios por parte de grupos que exercem suas vivências na *Rua da Lama*. Neste caso, as obras de pavimentação e reurbanização que se iniciaram em meados de setembro de 2022, se fundamenta em termos governamentais, na instalação de um novo polo gastronômico da Grande Vitória. A obra pretende contemplar em seu processo de repaginação, um projeto de rua calma (cf. figura 9), com calçadas niveladas e

<sup>44</sup> Reportagem extraída em Brasil De Fato, São Paulo (SP), publicada em 29/01/2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/29/em-2019-124-pessoas-trans-foram-assassinadas-no-brasil>>. Acesso em: 23/01/2023.

<sup>45</sup> Reportagem extraída em O Globo, publicada em 19/01/2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/brasil-registrou-256-mortes-violentas-de-lgbt-em-2022-mostra-grupo-gay-da-bahia.ghml>>. Acesso em: 23/01/2023.

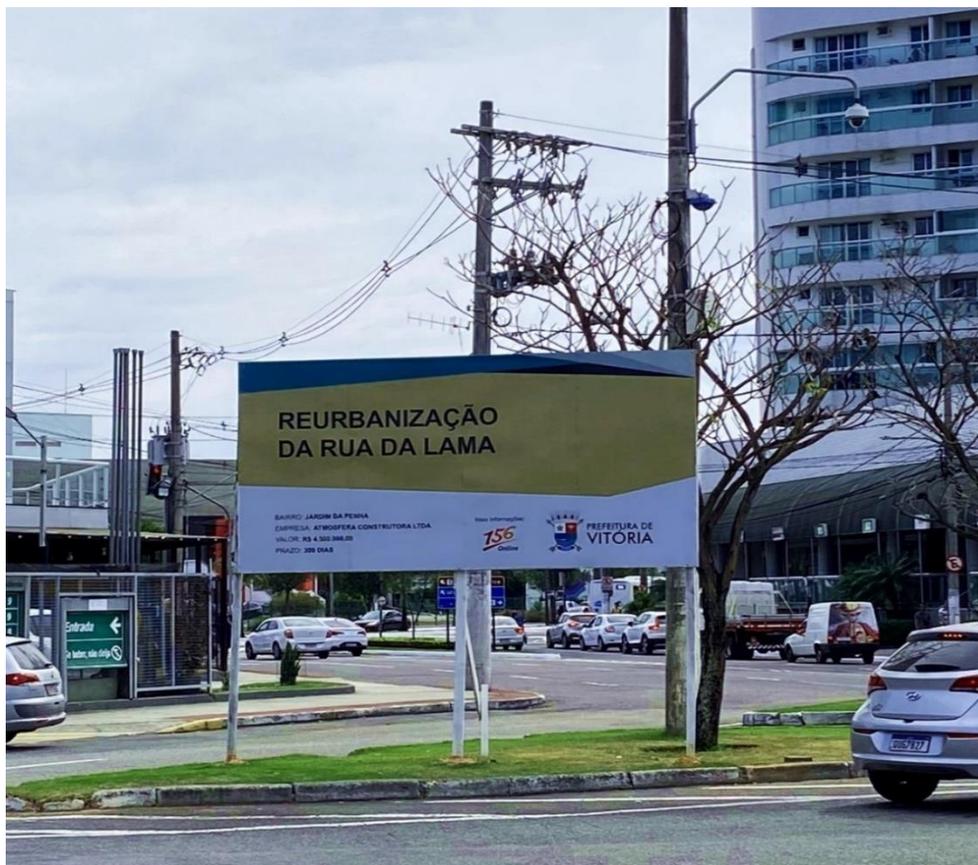
<sup>46</sup> Manchete extraída em A Gazeta, publicada em 13/01/2023. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/com-inicio-das-obras-rua-da-lama-vai-ganhar-novo-visual-ate-setembro-0123>> . acesso em: 24/01/2023.

uma urbanização com balizadores nas laterais em toda a rua. Nesta reforma também se pretende expandir e adicionar novos elementos aos canteiros, instalação de tijolos holandeses que reforçam a redução de velocidade dos carros, além da redução das pistas, possibilitando a passagem de apenas um carro por sentido.



*Figura 9: Projeto de revitalização da Rua da Lama. (Divulgação/Sedec)*

No entanto, o que muito se discute a respeito desta reforma na *Lama*, é a latente descaracterização simbólica que possivelmente vão configurar os espaços de territorialização da comunidade LGBTQIA+ e de outros grupos marginalizados. A gourmetização decorrente da transformação da avenida em um polo gastronômico por si produz uma série de dúvidas para muitos frequentadores, inclusive a própria comunidade LGBTQIA+, no que diz respeito à permanência de suas vivências cotidianas adotadas já há muitos anos, na Rua. Isto decorre em primeiro lugar, por alterar a essência que garante a dinâmica plural que ali se estabelece, por meio dos bares e ambulantes que por lá se distribuem. Dessa forma, estes comércios informais funcionam como pontos que possibilitam, por exemplo, com que muitos grupos sociais com menor poder aquisitivo tenham acesso a Rua, concomitante a outros grupos com maior acesso financeiro, o que compreende a essência do espaço, em seu formato de maior pluralidade. Neste caso, fazer da *Lama* um novo polo gastronômico, coloca em risco todas simbologias agregadas nos bares, nas calçadas, nas demarcações decorrentes do tempo, enfim, em todas referências concretas e abstratas que se somam junto a memória, a identidade e as trajetórias, que produzem identificação com a Rua.



*Figura 10: Placa de sinalização da reforma na Rua da Lama. Registros feitos pela manhã, no dia 11 de agosto de 2022, da calçada do Sofá da Hebe. autor: Matheus Vieira Barbosa*

Em função dessas reformas, é importante compreender as intencionalidades que decorrem desde o processo de planejamento desse novo projeto urbanístico na capital capixaba. Diante de toda discussão prestada nesta pesquisa, é possível perceber que o desejo de deter/controlar o poder advém de muitas localidades, inclusive do Estado, ao dificultar os processos de espacialização coletiva de muitas tribos sociais no espaço urbano. Neste caso as territorialidades perdem parte de suas tessituras, se fragmentam ou se tornam vulneráveis diante da gentrificação estabelecida nas cidades. A cidade de Vitória, por exemplo, constituída no centro das relações capitalistas, se estabelece assim por meio de empreendimentos e o mercado imobiliário, potencializando construções e áreas de lazer que configuram privilégio a classe média da cidade.

Neste sentido, percebe-se a segregação e marginalização daqueles que não correspondem com êxito aos paradigmas que se institucionalizaram na sociedade já a muito tempo, decorrentes do processo de colonialismo. Em um primeiro momento, a gentrificação existente na *Lama* perpassa o caráter econômico, inviabilizando muitos grupos sociais a permanecerem nestes ambientes transformados, por meio da inacessibilidade; em um segundo momento, a gentrificação desconstrói simbologias que garantiam a identificação de muitos perfis sociais marginalizados, destacando aqui, a comunidade LGBTQIA+. Se apoiando nesta

interpretação, observa-se a intencionalidade de caracterizar o espaço com uma nova roupagem e conseqüentemente um novo público alvo. Em outras palavras, a gentrificação do espaço altera não apenas a paisagem urbana, mas incorpora uma série de elementos concretos/abstratos que altera o perfil social das áreas empreendidas, o que provoca a supervalorização do espaço por meio do enobrecimento, e conseqüentemente, a expulsão de frequentadores, através do desuso das simbologias até então estabelecidas nestes ambientes.

Ana Fani (2012) ressalta o funcionamento dos espaços urbanos, segundo as ideologias neoliberais, enfatizando que a apropriação do espaço “é privada, isto é, o acesso aos lugares de realização de vida, produzidos socialmente, realiza-se predominantemente, pela mediação do mercado imobiliário” (p. 60). Em outras palavras, o mercado imobiliário projeta e conduz uma ocupação espacial voltada a quem detém o capital. Seguindo estas percepções, o território e as territorialidades LGBTQIA+ produzidas na *Rua da Lama*, são colocadas sob ameaça, na medida em que os frequentadores se deparam com mecanismos político/econômicos/sociais que são instituídos socialmente a favor da afirmação de uma construção de espaços menos democráticos, que peneira, coage e força muitos grupos sociais a se realocarem para ambientes.

A intenção deles é gourmetizar o bagulho... Se eles vierem com isso no sentido de tirarem os bares e colocar comida, fazer um polo gastronômico, aí eu acho eles vão pesar a mão... Vão descaracterizar totalmente o local, que não é um polo gastronômico... Aqui é um lazer de jovem, com um segmento LGBT, não tem como negar. (Entrevista realizada com Ryan em 14 de janeiro de 2023).

A questão de gentrificar, pega muito de extirpar geralzão mesmo e jogar pra periferia. A gente tem um público majoritário aqui de gay e LGBT de maneira geral... Mas as pessoas de periferia você não vê tanto aqui, e isso vai piorar... talvez pelo seguinte negócio que já acontece aqui, e que no centro [da cidade] talvez você vê isso mais confortável, que lá é muito mais diverso que aqui. (Entrevista realizada com Anabell, em 14 de janeiro de 2023)

Por meio dos relatos acima propostos, é notório perceber a constante ameaça que percorre nas territorialidades LGBTQIA+ que compõem a essência da *Rua da Lama*. É preciso que se diga que, por mais que o projeto da reforma viabilize um espaço com maior segurança, por meio de instalação de câmeras de segurança, redução do tráfego de carros e a ampliação das áreas de convivência, ele decorre também, de uma ressignificação da proposta matriz identitária que se estabelece por tantos anos na Rua. Neste viés, com a inserção do polo gastronômico, muitos estabelecimentos comerciais precisam reconfigurar suas propostas temáticas afim de garantirem suas permanências nestes ambientes. Isto geralmente acontece em um processo em que estes estabelecimentos se concentram em se apoiar por algum dos caminhos: o de se adaptam as novas realidades por lá revigoradas ou perderem espaço para os

novos empreendimentos. O fato é que de uma forma ou de outra, as territorialidades LGBTQIA+ são instantaneamente ameaçadas pela ausência ou ressignificação das redes que, a princípio, fortalecem a base de seus processos de territorialização. Isto porque o elo destes bares com o processo de identificação e fortalecimento territorial é entendido enquanto um sistema de linhas que desenham tramas [...] [podendo] ser abstrata ou concreta, invisível ou visível. A ideia básica é considerar a rede como algo que assegura a comunicação” (RAFFESTIN, 1993, p. 156), portanto a sua ausência provoca descontinuidades, lacunas que desequilibram as territorialidades LGBTQIA+.

Ao compreender a multiplicidade dos lócus de enunciação que contemplam o processo de espacialização da *Rua da Lama*, é possível observar dubiedades em relação a reforma, por parte dos frequentadores, e a sociedade no geral. Com base na reportagem publicada por Letícia Orlandi para A Gazeta, muitos frequentadores expuseram suas opiniões por meio das redes sociais<sup>47</sup> e pontos de vista a respeito da reforma, o que permitem o aprofundamento das percepções espaciais discutidas nesta dissertação, sobre a *Lama*:

Um sonho. Depois de tudo pronto, é só inserir cultura na rotina dessa rua tão importante para os jovens capixabas! (Comentário extraído da reportagem, publicada no Instagram em 13 de janeiro de 2023)

O que vai fechar de barzinho... A prefeitura tem que entender que o público da Lama não é o mesmo do Triângulo e outras regiões da cidade. Vão gourmetizar uma área que não tem essa demanda e afastar o público alvo dos atuais comerciantes. (Comentário extraído da reportagem, publicada no Instagram em 13 de janeiro de 2023)

Po gente, não podemos deixar isso acontecer com a Lama, vai virar o Triângulo de Jardim da Penha!!! (Comentário extraído da reportagem, publicada no Instagram em 13 de janeiro de 2023)

RIP! Quem conheceu, conheceu!! (Comentário extraído da reportagem, publicada no Instagram em 13 de janeiro de 2023)

Através dos comentários publicados nas redes sociais destacados acima, é possível observar que independente do enredo de aprovação ou desaprovação por trás das opiniões da população, é possível observar nas entrelinhas que a cultura por lá produzida, inerente ao processo de identificação de muitas tribos urbanas está sendo posta em desequilíbrio, em decorrência dessa reforma. Analisando o contexto de planejamentos urbano, Lefebvre (2001) descreve que o foco em projetos de urbanização dos grandes centros urbanos consiste prioritariamente na construção de “um objeto de consumo cultural para os turistas e para o estetismo, ávidos de espetáculo e do pitoresco” (p.106). Em outras palavras, entende-se que o

<sup>47</sup> Cf: Jardim da Penha: com o início das obras, Rua da Lama vai ganhar novo visual até setembro. Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/CnX346MunWK/?igshid=ZDFmNTE4Nzc%3D> > Acesso em: 28/01/2023.

espaço urbano, segundo uma ideologia neoliberal, enfatiza a produção de políticas públicas de interesse puramente econômicos e paisagísticos. Na esteira deste raciocínio, o Estado deslegitima espaços culturalmente periféricos por meio da gentrificação, excluindo deste bojo, identidades marginalizadas, produto dos paradigmas que foram historicamente produzidos no ocidente. A partir dessa reflexão, o planejamento urbano em seu viés economicista, não cria diretrizes de inclusão e lazer social, tampouco problematiza as consequências dessas intervenções urbanas para os grupos marginalizadas que experienciam estes espaços. Neste aspecto, resistir a estes movimentos, ou em outras palavras, descolonizar-se diante de realidades impostas pelo sistema confere:

lutar contra o processo permanente com que se refazem –e muitas vezes se revigoram– esses princípios cuja origem remonta a séculos superpostos de domínio e expropriação, exacerbados nos últimos tempos por um padrão tecnológico capitalista nunca tão potente em sua capacidade de “colonizar”, ocupar, habitar e apossar-se da natureza e das mais diferentes formas de saber e de ser (mulher, negrx, indígena, homo/transsexual...) (HAESBAERT, 2021, p. 11)

Em virtude das enunciações de Haesbaert, esta dissertação se configura enquanto uma possibilidade de ampliar os horizontes investigativos, no que toca as dinâmicas espaço-territoriais da comunidade LGBTQIA+ em Vitória, visto que a luta pela r-existência, como a “luta por espaço, nos termos de Ratzel, continua muito viva, especialmente no que diz respeito aos grupos subalternos. [...] na “América Latina” a luta pela existência é, para muitos, em primeiro lugar, a luta por espaço (social e natural ao mesmo tempo), a defesa de um território” (HAESBERT, 2021, p. 30). Como observado em algumas passagens presentes no primeiro capítulo desta dissertação, a *Lama* já a muito tempo se moldou enquanto um espaço em que a diversidade e a coexistência se articularam enquanto dispositivos que contribuíram em seu processo de se constituir enquanto um espaço referência para a comunidade LGBTQIA+.

Dessa forma, das simbologias que em um primeiro momento, proporcionavam maior afeição as tribos urbanas que se abasteciam da cultura do *Rock and Roll*, hoje se reconfiguram e produzem identificação a outros grupos sociais, entre os quais a comunidade LGBTQIA+ se destaca. Neste sentido, quando se estabelece uma consciência espaço-temporal dos espaços em que habitualmente estamos inseridos, é possível afirmar que uma das principais contribuições do pensamento descolonial é exatamente compreender o espaço como essa multiplicidade de tempos sobrepostos e constantemente refeitos (HAESBAERT, 2021). Nestes termos, atenta-se compreender o “espaço, assim, impregnado dessas relações de poder profundamente desiguais, ao mesmo tempo destrutivas e criativas, opressoras e liberadoras, [que] possibilita distintas perspectivas através das quais podemos enunciar e produzir nosso mundo” (HAESBAERT, 2021, p. 43). As imagens presentes na (figura 11) evidenciam as primeiras transformações por

conta das obras no trecho da Avenida Anísio Fernandes Coelho, que corresponde a *Rua da Lama*. Fica dúbio neste momento identificar de forma precisa os impactos dessa transformação no que tocam os processos de territorialização LGBTQIA+ produzidos na Rua. No entanto, já é possível observar a incidência de realocações destes grupos para outros ambientes da cidade, desde o início destas obras. Cabe identificar a partir dessa reforma, a maneira pela qual serão processadas as relações de poder estabelecidas na Rua, entendendo o papel das condições geográficas de existência da comunidade LGBTQIA+ enquanto um grupo que se articula e se reposiciona diante destas ameaças que afetam suas r-existências.



*Figura 11: Obras na Rua Anísio Fernandes Coelho, a Rua da Lama, Jardim da Penha. Registros feitos em 13 de janeiro de 2023. Autor: Carlos Alberto Silva*

Por fim, conforme se observa nas táticas que estão por trás do processo de reurbanização da *Rua da Lama*, presentes nos relatos e na própria observação do pesquisador com o objeto da pesquisa, é possível identificar dentro dos conceitos geográficos, a existência de uma (des)valorização do espaço, a depender da localização a que o lócus de enunciação decorre. Em outras palavras, a valorização simbólica e especulativa da Rua é subjetiva diante das localizações das análises a que as narrativas estão estruturadas. Isto se evidencia, pois, cada espaço possui múltiplas faces pelas quais podem ser observadas, percebidas e/ou interpretadas. Dessa forma, compreendendo este fenômeno em um sentido mais amplo, não se faz possível

abarcam todos os lados de uma realidade por uma perspectiva partida de uma única enunciação, pois cada perspectiva é essencialmente unilateral (HAESBAERT, 2021).

Dessa forma, atenta-se a compreender nesta dissertação, que a *Rua da Lama* é geograficamente entendida enquanto centro, no que diz respeito a sua localização dentro da cidade de Vitória. Ávida de ambientes estratégicos, próxima a áreas comerciais e turísticas muito importantes da região metropolitana, como a Praia de Camburi, a Praia do Canto e suas adjacências, o *Shopping Vitória*, o aeroporto da cidade e a própria Universidade Federal do Espírito Santo, a Rua se delimita no centro das relações dotadas de visibilidade dentro da realidade imobiliária capixaba. Ao mesmo tempo, se configura enquanto uma periferia, ou margem das relações cotidianas, no que diz respeito a valorização de estigmas produzidos pela sociedade, que se destoam das vivências encontradas pela *Rua da Lama*. Como já visto em outras passagens desta dissertação, a coexistência e a presença da multiplicidade identificada na *Lama*, produz uma estigmatização do espaço.

Uma vez que nas engrenagens da sociedade se percebe a valorização de um padrão cultural heterocisnormativo, binário e sexista, as dinâmicas que potencializam ou estigmatizam os espaços de convívio constantemente precisam ser interpretadas. Isto porque, estas perpassam primeiramente pela avaliação e julgamento das instâncias que dominam as engrenagens de poder. Neste grande sistema, por mais que se tenha uma expressividade de tribos urbanas, incluindo nestas, a própria comunidade LGBTQIA+ nestes espaços de convivência, o que se prevalece como regência, são os paradigmas que produzem a normatividade. Por meio deste processo, observa-se a produção de sistemas que categorizam a sociedade em sistemas binários tais como bonito/feio, civilizado/ignorante, arcaico/moderno, por fim o certo/errado.

Nesta leitura da sociedade, “nossa própria imagem, que também nos integra e que forma nossa (multi)identidade, [se torna] um jogo permanente entre “visão interior” e “visão exterior”, em seus múltiplos ângulos, nunca são exaustivamente abarcados” (HAESBAERT, 2021, p. 45). Por fim, é por conta dessas imposições arquetípicas, produzidas com uma intenção e um objetivo, que muitas das lutas sociais contemporâneas são edificadas no mundo contemporâneo. É preciso romper com as amarras que produzem as discriminações de gênero, raça e sexualidade, entendidas nesta pesquisa, enquanto pilares que potencializam os índices de homotransfobia e segregação social. Mais do que isso, produzir conhecimentos geográficos que despertem a produção de um saber atento as necessidades inerentes as subculturas do mundo, em uma visão decolonial. É importante entender que “essa imbricação entre territórios político-econômicos, basicamente funcionais, e as territorialidades culturais, simbólico-identitárias, sem dúvida pode ser considerada traço marcante de um pensamento latino-americano sobre o território” (HAESABERT, 2021, p. 149). Portanto, cabe a Ciência Geográfica, em sua vertente

decolonial, persistir em produzir investigações que contemplem a comunidade LGBTQIA+ e seus processos de territorialização, entendendo neste esquema, a origem, o processo e o afã pela produção das territorialidades LGBTQIA+. Em suma, a produção do senso comum estigmatizado por muitos indivíduos sobre da Rua, a incidência de discriminações contra a comunidade LGBTQIA+ e a própria gentrificação produzida na *Rua da Lama*, se estabelecem enquanto realidades que permite-nos refletir até que nível a sociedade efetivamente se desgrenhou das amarras inerentes a colonialidade; herança esta que reafirma a necessidade de se constituir espaços de mútua proteção e afirmação identitária, tão comuns ao processo de re-existências da comunidade LGBTQIA+.

## Considerações Finais

Por meio do processo investigativo aqui proposto, calcado em uma perspectiva decolonial onde as vivências LGBTQIA+ se fizeram centrais no processo investigativo, foi possível visualizar, sob uma ótica micro escalar, os desafios que esta comunidade enfrenta em decorrência de seus processos de espacialização. Estas vivências, visualizadas em múltiplos níveis, atingem entre tantos âmbitos, os seus processos de r-existências e afirmação identitária. Isto decorre principalmente quando se atenta as múltiplas posições de subalternidade em que a comunidade LGBTQIA+ se localizam. Em outras palavras, existem outros condicionantes de subalternidade que perpassam o princípio básico de discriminação da comunidade e se somam ao processo de LGBTQIA+ fobia, como a raça, etnia, classe social e localização geográfica. Estas múltiplas categorias configuram diversos níveis de opressão, que são vivenciados no processo de manifestação identitária e a performatividade da comunidade LGBTQIA+. Nestes termos, o recorte espacial analisado nesta dissertação pode ser percebido como um exemplo, ou reflexo de tantos outros ambientes, que são ocupados e ressignificados através de simbologias por muitos grupos homotransafetivos em busca de seus processos de r-existência. Neste sentido, baseando-se na proposta de Espaço difundida por Massey (2008), entende-se a *Rua da Lama* enquanto um espaço da coexistência da multiplicidade, onde múltiplas trajetórias se atravessam e constantemente reestruturam caracterizam as dinâmicas estabelecidas na mencionada rua.

Segundo esta perspectiva conceitual, atenta-se a esta ideia de espaço na medida em que se observa a concentração de grupos LGBTQIA+ em sua multiplicidade identitária. Estes indivíduos são percebidos principalmente os entre jovens universitários, moradores do bairro de Jardim da Penha e grupos de múltiplas localizações econômicas, étnicas e geográficas que se identificam com as propostas cotidianas de espacialização da *Rua da Lama*. Por meio dessa estruturação territorial, a comunidade LGBTQIA+ busca encontrar neste espaço, a possibilidade de realizar processos de interrelação, confluência de suas identidades e consequentemente a busca por afirmação identitária. Estes processos se tornam possíveis na medida em que a incidência destas multiplicidades na *Lama* se evidencia, produzindo a construção de territorialidades e/ou microterritorialidades que norteiam estas interrelações e produzem uma certa sensação de acolhida. É por meio destes mecanismos que a comunidade garante, em certo nível, a r-existência LGBTQIA+, frente aos elevados índices de homofobia produzidos por alguns grupos heterocisnormativos que se concentram em Vitória (ES).

Por meio das constantes observações participantes realizadas em momentos de investigação e na própria vivência do pesquisador com a mencionada já a alguns anos, foi possível observar uma predominância de grupos LGBTQIA+ no processo de espacialização do trecho da Avenida, principalmente em alguns pontos específicos da rua. Estas ocupações podem ser observadas fervorosamente entre as noites de quinta-feira a sábado, principalmente nos bares e casas noturnas que se distribuem ao longo da Rua. Com base neste apeamento visual sobre o processo de ocupação da Rua, observa-se a produção de Territórios, dos quais no embate por poder e resistência evidenciados no processo de territorialização, a comunidade LGBTQIA+ se destaca. Em outras palavras, a representação expressiva de LGBTQIA+ neste ambiente cria teias de sociabilidade, que funcionam como tessituras que fortalecem o grupo em sua unidade, no processo de espacialização. Dessa forma, é preciso atentar-se que, no processo de consolidação/manutenção destas teias, se privilegiam e ocupam o centro dessas relações espaciais, os grupos que de alguma forma mais se identificam, seja pela memória de opressão ou pelo cotidiano da homotransfobia. Ainda assim, é preciso atentar-se aos fatores sociais que os colocam em privilégio frente a outras vivências dentro da própria comunidade LGBTQIA+ que experimentam a opressão para além de suas sexualidades, como raça, etnia, localização geográfica e condição socioeconômica. Segundo esta percepção, é imprescindível destacar que a garantia por segurança e afirmação identitária LGBTQIA+ se concretiza de formas desiguais no processo de territorialização da *Lama*.

Com base no exposto, se torna possível perceber que, se o espaço é a esfera da coetaneidade, o território é a leitura deste espaço pela interpretação das relações de poder que se manifestam pelos múltiplos indivíduos que frequentam a *Rua da Lama*. Com base na leitura espacial feita por Renata sobre os processos de espacialização na Rua, foi possível perceber a influência que a comunidade LGBTQIA+ exerce no trecho da Avenida, assim como nos outros grupos sociais que se territorializam pela Rua. A participante da pesquisa, ao mencionar que a comunidade LGBTQIA+ transformou a *Rua da Lama* em refúgio, permite-nos perceber que nas relações de poder existentes na *Lama*, a comunidade LGBTQIA+ consegue manifestar suas territorialidades com maior visibilidade que outros grupos, ao ponto de garantirem, em um certo nível, seus processos de r-existência.

Não obstante, o caráter territorial percebido na *Rua da Lama* precisa ser observado em todas suas facetas. Em outras palavras, uma análise que busca perceber o caráter decolonial das relações de poder não deve apresentar a existência de contrapontos apenas entre grupos LGBTQIA+ em enfrentamentos com grupos *outsiders* a comunidade. A multiplicidade de trajetórias, as localizações geográficas e as experiências que marcam a memória de cada

indivíduo é o que garante a existência da alteridade que se manifesta na Rua. Assim, é desta forma também que as confluências marcam a experiência de exclusão de parte da comunidade LGBTQIA+, na medida em que não se identificam com uma parte culturalmente privilegiada da comunidade, grupos estes que majoritariamente ocupam os ambientes de socialização mais centralizados da *Lama*.

Por via dessa análise, a *Lama*, enquanto espaço da multiplicidade e sob uma ótica territorial de análise, não está pronta e acabada; muito pelo contrário, é um ambiente constantemente perpassado por processos de construção, significação/ressignificação e territorialização. Ainda, segundo as observações feitas no processo da dissertação, visualizadas no processo de tabulação dos dados bem como no processo de observação participante, foi possível perceber a ausência de transsexuais e travestis tanto no processo de ocupação do espaço, como no processo de produção das entrevistas. Neste caso, a ausência destes relatos desperta no pesquisador, algumas conclusões possíveis a respeito da Rua, no que toca o processo de territorialização LGBTQIA+ em suas particularidades. Em um primeiro momento, atenta-se em identificar a existência de uma lacuna, no que toca o processo de ocupação da *Rua da Lama*, feita por transsexuais e travestis no processo de investigação dessas espacialidades. Ao mesmo tempo, tem-se a possibilidade para a ampliação do processo de análise que seja mais direcionado, observando o processo de espacialização de maneira mais direcionada. Dessa forma se torna possível evidenciar a existência ou a não existência de territorialidades transexuais e/ou travestis no processo de produção simbólico-territorial da *Lama*, processo este que se faz urgente no que toca os grupos mais afetados pelo processo de discriminação dentro da comunidade LGBTQIA+.

Uma outra observação extremamente pertinente para se pensar, são as dimensões, escalas e temporalidades que são percebidas nos processos de territorialização dos grupos LGBTQIA+ na *Rua da Lama*. O mencionado território, sob uma perspectiva decolonial, é percebido por dimensões simbólico-culturais, micro escalares e em periodicidades específicas da semana. Por meio das transcrições obtidas nas narrativas dos entrevistados, somada a percepção do pesquisador aqui posto sobre a Rua, foi possível perceber que a heterogeneidade se faz presente no processo de territorialização da *Lama*. Uma outra observação pertinente, é destacar a localização das microterritorialidades LGBTQIA+ que são percebidas nos bares e boates instalados na *Rua da Lama*. Estas são observadas principalmente no bar Sofá da Hebe e o bar do Caldeirão, além das casas noturnas *Bolt e Lamah Lounge*, estabelecimentos estes que funcionam como as principais redes de fortalecimento, que possibilitam a *Rua da Lama*, ser simbolicamente, um ambiente de identificação para a comunidade LGBTQIA+. Ademais, a

multiplicidade identitária destes grupos manifestada principalmente nestes ambientes, possibilitam o estabelecimento de desencontros isolados entre si, muito por conta da alteridade. Ao mesmo tempo, possibilitam também, o que de mais importante estes grupos sociais reivindicam em seu cotidiano: a segurança e a afirmação identitária.

Em outras palavras, por meio da confluência das territorialidades LGBTQIA+ produzidas na *Rua da Lama*, sejam elas intencionais ou não, possibilitam a transformação do ambiente em um palco onde a afirmação identitária, a proteção e a r-existência da comunidade LGBTQIA+ na capital capixaba se tornem, não um desafio, mas uma possibilidade. Não obstante, destaca-se o processo de reforma e revitalização da *Rua da Lama*, iniciada em setembro de 2022, enquanto uma outra lacuna na produção das territorialidades produzidas na Rua. A ideia de instalar um novo polo gastronômico na *Lama* levanta uma série de questionamentos que tocam nos valores simbólicos, econômicos e cotidianos, questões estas que perpassam a sua essência, elo que produz afeição da comunidade na *Rua da Lama*. Assim, as consequências da gentrificação na *Lama* se apresentam como uma outra lacuna para possíveis investigações futuras. Estas farão jus a importante continuidade investigativa dos desafios inerentes a comunidade LGBTQIA+ e de outros grupos marginalizados em Vitória (ES) e em outras territorialidades existentes nos grandes centros urbanos.

Por fim, a dissertação acerca do processo de territorialização da comunidade LGBTQIA+ fomenta a utilização do saber Geográfico em uma forma de análise pouco difundida na produção acadêmica latino-americana. A *Rua da Lama* aqui, se apresenta enquanto um exemplo, dos inúmeros espaços pelos quais muitos grupos marginalizados se organizam em busca garantia de seus processos de r-existência e afirmação identitária. No âmbito das discussões sobre cultura e os desafios que circundam as categorias de gênero, raça, etnia e sexualidade, esta dissertação se apresenta enquanto um pequeno passo dado dentro do saber Científico e Geográfico brasileiro, onde tais discussões se encontram ainda, bastante embrionárias e/ou marginalizadas dentro da produção acadêmica. Deste modo, conclui-se que as relações que cercam a comunidade LGBTQIA+ e a *Rua da Lama* foram apresentadas aqui como uma análise que orienta a construção de um conhecimento que contribua ativamente na luta para frear as desigualdades de gênero, sexualidade, raça, etnia e as demais pluralidades sociais; condutas estas que subjugarão e continuam subjugando o ser/existir da comunidade LGBTQIA+.

## Referências

- ADÃO, Matheus de Oliveira Fernandes. **Deslocamentos LGBTQI+ na/para a Região Metropolitana Da Grande Vitória – Espírito Santo, Brasil**. Geografia, Literatura e Arte, v.2, n. 1, p. 5-21, jan./jun.2020
- BESPALEC, Paula da Silva, ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **A abordagem Humanista na Geografia**. OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.1, n.3, p.64-88, dez. 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kruner. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.
- BUTLER. Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGOS, Moacir Lopes de. **Sobressaltos: caminhando, cantando e dançando na f(r)estada Parada do Orgulho Gay de São Paulo / Moacir Lopes de Camargos**. -- Campinas, SP: [s.n.], 2007.
- CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Da “organização” à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico**. In: CARLOS, Ana Fani A; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria da Encarnação Beltrão (orgs). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARVALHO, Cleide. **Brasil registrou 256 mortes violentas de LGBT+ em 2022, mostra Grupo Gay da Bahia**. O Globo, 19/01/2023. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/01/brasil-registrou-256-mortes-violentas-de-lgbt-em-2022-mostra-grupo-gay-da-bahia.ghtml>>. Acesso em: 23 de jan. 2023.
- CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Revista Locust**, v. 7, n. 2, p. 145 – 159, 2010.
- COSTA, Carlos Gonçalves, PEREIRA, Miguel, OLIVEIRA, João Manuel e NOGUEIRA, Conceição. **Imagens sociais das pessoas LGBT**. In: Nogueira, Conceição; Oliveira, João Manuel. (Orgs.). **Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero**. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2010.
- CRUZ, Marcia Maria. **Um LGBTQIA+ é morto a cada 34 horas, diz relatório de Grupo Gay da Bahia**. **Estado de Minas**, 2023. Disponível em: < <https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2023/01/19/noticia-diversidade,1446713/um-lgbtqia-e-morto-a-cada-34-horas-diz-relatorio-de-grupo-gay-da-bahia.shtml>> Acesso em 25 jan. 2023.
- CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. 258p.
- DUQUE, Tiago. **A epistemologia da passabilidade: dez notas analíticas sobre experiências de (in)visibilidade trans**. Hist. R., Goiânia, v. 25, n. 3, p. 32–50, set./dez. 2020

EAGLETON, Terry. **Conclusão: crítica política**. In: \_\_\_\_\_. Teoria da Literatura: uma introdução. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2019. p. 293 – 327.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 295 p.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 10ª ed. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2020.

FREITAS, Randas Gabriel Aguiar. Bar Gay: uma análise do caso Vitória a partir do roteiro turístico de Amylton de Almeida (1980). In: VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est, 2017, Vitória, **Anais do VI Congresso Internacional UFES/Paris-Est**, Vitória: UFES, p. 1074 – 1097.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GOVERNO FEDERAL. **Terceiro Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil**. Brasília: Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, 2016.

GUSMÃO, N. M. M. **Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), 107 (jul.), p. 41-77. 1999.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à Multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf> >. Acesso em: 26 de out. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. GEOgraphia (UFF), v. 17, 2007.

\_\_\_\_\_. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 186 p

\_\_\_\_\_. **O mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à Multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2011.

\_\_\_\_\_. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina**. Buenos Aires, CLACSO. 2021. Disponível em: < <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20210219014514/Territoriodescolonialidade.pdf> >. Acesso em: 26 de ago. de 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 349 p.

HIRATA, Helena. **Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. Gênero, classe e raça, pp. 61-73, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, 2014. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979/87743> >. Acesso em: 26 de out. de 2020.

HUTTA, Jan Simon, BALZER, Carsten. Identidades e cidadania em construção: historização do “T” nas políticas de antiviolação LGBT no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra. 400p. 2013.

ITABORAHY, Nathan Zanzoni. **Uma reflexão sobre a pesquisa participante em Geografia: lugares em construção.** 2010. Disponível em: < <https://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Uma-reflex%03%a3o-sobre-a-pesquisa-participante-em-Geografia.pdf> >. Acesso em: 26 de out. de 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O protesto na festa: política e carnavalização nas Paradas do Orgulho de Lésbicas, Gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT).** 2010. 194f. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) – Universidade de Brasília, Brasília. 2010.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade.** São Paulo: Centauro, 144p. 2001.

LOURO, G. L. **Um Corpo Estranho. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004. 90 p.

LUGONES, Maria. **Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial.** In: MIGNOLO, Walter et al. *Género y descolonialidad.* Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo. 2014.

MALAFIA, Silas. *Pr. Silas Malafaia Critica Propagandas que Incentivam o Homossexualismo.* Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=Rn8ET9Nos9g&list=PL7BSOIjIQ7SrdgCMsVCQ\\_8D1isSaGDztk&index=139](https://www.youtube.com/watch?v=Rn8ET9Nos9g&list=PL7BSOIjIQ7SrdgCMsVCQ_8D1isSaGDztk&index=139) >. Acesso em: 31 de Mai. 2022.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. **Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência.** Terra Livre, Ano 21, V. 2, n 25. Goiânia .2005. Disponível em: < <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/398/378> > Acesso em: 30 de out. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência.** Geografia, v. 37, n. 1, p. 81-9. Rio Claro, 2012. Disponível em: < <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/7733/5448> >. Acesso em: 30 de out. de 2020.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998

MASSEY, Doreen B. Proposições iniciais. In: \_\_\_\_\_. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008. p. 29-37.

MOREIRA NETO, Henrique Fernandes. **A abordagem Fenomenológica em Geografia para o estudo da vulnerabilidade do lugar.** Revista Formação. v. 2; n. 23, abr/2016. p. 311-317. Disponível em: < <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4025/3364> >. Acesso em: 30 de out. de 2020.

OLIVEIRA, João Manuel. **Os feminismos habitam espaços hifenizados** – a localização e interseccionalidade dos saberes feministas. Exæquo, n.º 22. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n22/n22a05.pdf> >. Acesso em: 26 de out. de 2020.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. **Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia.** Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

ORLANDI, Letícia. **Com início das obras, Rua da Lama vai ganhar novo visual até setembro.** A Gazeta, Espírito Santo, 13/01/2023. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/com-inicio-das-obras-rua-da-lama-vai-ganhar-novo-visual-ate-setembro-0123>>. acesso em: 24 de jan. 2023.

ORNAT, Marcio José. **Território da Prostituição e a instituição do ser travesti em Ponta Grossa – Paraná.** Marcio José Ornat. Ponta Grossa. 160 f, 2008.

PAULA, Fernanda Cristina de. **Sobre a dimensão vivida do território: tendências e a contribuição da fenomenologia.** Geotextos. V. 7. Nº1. jun. de 2011. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/5271/3782>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

PEREGRINO, Miriane da Costa. **A rua da lama: gênero, raça e violência no romance de 30.** Revista Terceira Margem v. 24, n. 42, pp. 152-172. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/31566/18651>>. Acesso em: 19 de abr. de 2022.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, v.5, 10, 1992.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

Ribeiro D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.

ROLNIK, S. **Subjetividade e história.** Trabalho apresentado no curso de Psicanálise promovido pelo Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 1992.

ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge.** Cambridge: Polity Press, 1993. 205 p.

SANTOS, Marcos Guimenes dos. **A homotransfobia e sua relação com o serviço social: relato de experiência.** Revista Práxis. v. 2. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/425/1537>>. Acesso em: 26 de out. de 2020.

SEIBT, Cezar Luís. **Considerações sobre a fenomenologia hermenêutica de Heidegger.** *Rev. NUFEN* [online]. 2018, vol.10, n.1, pp. 126-145. ISSN 2175-2591. [http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10\(1\).n04ensaio29](http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10(1).n04ensaio29).

SILVA, J. M. Análise do espaço sob a perspectiva de gênero: um desafio para a geografia cultural brasileira. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: temas sobre cultura e espaço.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000. p. 77 – 116.

SOUZA, Gustavo Tozetti Martins de. **A língua fora do armário: uma abordagem transviada no Ensino de Línguas Estrangeiras**. 140p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Universidade de Brasília/Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada. 2020.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítico da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 187-205.

SUDRE, Lu. **Em 2019, 124 pessoas trans foram assassinadas no Brasil**. Brasil de Fato, São Paulo (SP), 29 de janeiro de 2020. Disponível em: < [Em 2019, 124 pessoas trans foram assassinadas no | Direitos Humanos \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/2020/01/29/em-2019-124-pessoas-trans-foram-assassinadas-no-brasil/)>. Acesso em: 23 jan. 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade** / João Silvério Trevisan. – 4ª ed. rev., atual e amp. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

**UMA VOLTA NA LAMA**. Direção: Ursula Dart. Produção: Ursula Dart. Youtube. Julho de 2010. Duração: 28 minutos 13s. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=RNotoSTCYVY>>. Acesso em: 07 de abr. 2022.

VARANDA, Ana Paula de Moura; BARBOSA, Matheus Vieira ; SOUZA, Leonardo Gomes de; PINHEIRO, Jeferson Jose de Oliveira. **Gênero e Sexualidades na Construção de Espacialidades das Juventudes em Carangola, Minas Gerais**. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 10, n. 1, p. 214 - 232, 2019. ISSN 21772886.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia & Sociedade; 17 (2): 99-104; mai/ago. 2005.

**ANEXOS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA:  
TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ NA RUA DA LAMA EM VITÓRIA (ES)**

**Leonardo Civale**

civale@ufv.br

**Matheus Vieira Barbosa**

matheus.v.barbosa@ufv.br

**Roteiro**

<b>ROTEIRO DE IDENTIFICAÇÃO</b>	
Nome*:	
Cidade de nascimento:	
Idade:	
Orientação Sexual:	
Raça/etnia:	
Estuda na Universidade Federal do Espírito Santo?	
Mora em casa: ( ) própria ( ) alugada ( ) cedida	
Quanto tempo mora em Vitória:	
Horários que frequenta a Rua da Lama	Quinta-Sexta-Sábado: das __:__ às __:__ hs

*\*Serão utilizados nomes fictícios no corpo da pesquisa, com o objetivo de resguardar sigilo e confidencialidade dos sujeitos pesquisados.*

## **Constituição identitária LGBTQIA+ e a percepção das territorialidades LGBTQIA+ na Rua da Lama**

01. Poderia resgatar o processo de percepção e identificação de sua sexualidade e as tensões ocorridas? (Pessoais e Sociais)

- *Como foi seu processo de aceitação? Houve algum momento marcante?*
- *Como sua família reagiu a sua sexualidade? Antes e hoje...*
- *Como você se enxerga?*
- *O que você acha que as pessoas pensam sobre sua sexualidade?*
- *Você se sente seguro nas ruas durante a noite?*

02. Fale sobre o cotidiano na *Rua da Lama*, desde a época que começou a frequentar até os dias atuais?

- *O nome “Rua da Lama” é associado por você de que forma?*
- *Você (enquanto grupo pertencente a comunidade LGBTQIA+) tem alguma vantagem em relação aos outros sujeitos que fazem parte da sua comunidade ao frequentar a Rua da Lama? porque?*

03. O que é ser LGBTQIA+ para você?

04. Tem conhecimento da história da *Rua da Lama*? (nomes, locais, tempo, contexto).

05. Quais os critérios de escolha para frequentar a *Rua da Lama* nos finais de semana a noite ao invés de outros locais da cidade?

06. Como foi o processo de instituição deste espaço? Como é a relação com moradores e policiais?

07. Existe alguma divisão entre os frequentadores da *Rua da Lama*? Alguma divisão de poder...

08. Você percebe uma presença majoritária de grupos LGBTQIA+ na *Rua da Lama*?

09. Como a comunidade LGBTQIA+ vivencia entre si o cotidiano na *Rua da Lama*?

10. Qual a influência dos bares/boates em seu processo de frequentar a *Rua da Lama*?

- *Quais bares na Rua da Lama você prefere frequentar? Porque?*

## ANEXO 2



*Figura 12: Imagem panorâmica de trecho da Avenida Anísio Fernandes Coelho, a Rua da Lama, em Jardim da Penha. Registro feito em 2011. Autor: Ursula Dart.*



*Figura 13: Espacialização das juventudes no Bar Sofá da Hebe e Caldeirão, na Rua da Lama, em Jardim da Penha. Registro feito em maio de 2022. Imagem tirada da calçada do Caldeirão Bar. Autor: Matheus Vieira Barbosa.*



*Figura 14: Demonstração de afeto na Rua da Lama, em Jardim da Penha. Registro feito em outubro de 2022, da calçada do Simpsons na Lama (bar). Autor: Matheus Vieira Barbosa.*



*Figura 15: Visão geral da dinâmica nos bares Sofá da Hebe e Caldeirão, no final de semana a noite. Registro feito em outubro de 2022, da calçada do Caldeirão (bar). Autor: Matheus Vieira Barbosa.*



Figura 16: Placa de sinalização de trânsito – Orientações sobre alto fluxo de pessoas nos finais de semana a noite.. Registro feito em setembro de 2022, da calçada do Simpsons na Lama (bar). Autor: Matheus Vieira Barbosa.



Figura 17: Concentração de jovens no Caldeirão (bar). Registro feito em setembro de 2022, da calçada do Sofá da Hebe (bar). Autor: Matheus Vieira Barbosa.